

ENTRE MANGUEIRAS

A vida de Eunice Palma



Natan Barreto

ENTRE MANGUEIRAS

A vida de Eunice Palma



kalango

Salvador, 2011

Copyright © 2011 by Natan Barreto
E-mail do autor: munizbarreto@hotmail.com

Capa

Dhan Ribeiro

Projeto gráfico

Dhan Ribeiro

Hever Filho

Natan Barreto

B237e Barreto, Natan

Entre mangueiras : a vida de Eunice Palma / Natan Barreto. –
Simões Filho: Kalango, 2011.
220 p.

ISBN 9788589526432

1. Palma, Eunice, 1932-2004. 2. Professores – Bahia – Biografia. I. Título.

CDD 923.7

Jovenice Ferreira Santos – Biblotecária CRB-5/1280

Editora Kalango

Rod Ba 093 – Km 07 Caixa Postal 029

Simões Filho - Bahia

Cep 43700-000

contato@editorakalango.com

71 3298-4825

www.editorakalango.com

*À memória de minha mãe,
minhas palavras escritas
e por escrever.*



Apresentação

A ideia deste livro nasceu do desejo de minha mãe, Eunice Alves da Palma, mais conhecida como Sorinha, de reunir os depoimentos de pessoas que fizeram parte da história de sua escola. Ao longo dos anos, ela foi recebendo e guardando mensagens, cartões e cartas de antigos alunos, pais e professoras. Pensava poder publicá-los em 2009, ano do cinquentenário da Escolinha Modelo Recanto Infantil, hoje Escola Modelo Eunice Palma. No entanto, sua morte súbita, em 2004, impediria a realização desse projeto.

Logo após a sua morte, encontrei uma carta deixada por ela a mim, Melo e Mila. Em suas palavras de despedida, ela nos fazia um pedido: “Sejam criativos e recontem a história desta mãe, que não foi perfeita.”

Tentando realizar o seu desejo, em agosto de 2009, entrei em contato com seus amigos de infância e juventude, parentes, ex-professoras da Escolinha, ex-alunos e seus pais. Aos poucos, foram ficando mais claros alguns dados já embaçados pelo esquecimento. É tanto o que a vista já não alcança, tantas vozes que viraram silêncio, tantas histórias perdidas no tempo!

Todas as pessoas que procurei me receberam com imenso carinho em suas casas ou local de trabalho, às vezes de manhã bem cedo ou tarde da noite. Todas me cederam o seu tempo em longas conversas sobre suas lembranças de Sorinha, da Escolinha e de Periperi. Este livro não teria sido possível sem a generosa contribuição dessas pessoas com quem conversei, a quem escrevi e telefonei inúmeras vezes, durante o processo de idealização e composição destas páginas. Esses homens e mulheres me relataram suas lembranças mais pessoais, esclareceram dúvidas e confirmaram datas de vários acontecimentos que fazem parte da história contada aqui.

Aos poucos, através dessas conversas, de retratos e palavras, deixadas por minha mãe em diários, cartas ou papéis avulsos, fui dando forma ao mosaico de suas memórias. Nele, a história de uma casa, construída em 1939, e das pessoas que nela viveram. Nele, a história de uma escola, começada na varanda dessa casa, com quinze alunos, no dia 19 de abril de 1959. Nele, a história de uma mulher, nascida no dia 22 de abril de 1932, de suas alegrias, tristezas, amizades, saudades e amores – de sua vida entre mangueiras.

Natan Barreto (Zezo)



Aos meus queridos filhos:

Meus filhos, lembrem-se de mim, viva, pulsante, aquela
Nícinha abge, feliz. Aprendam e repitam meus acentos e
esqueçam os meus erros. Quando errei, errei por amá-los
muito. Vocês me ensinaram o que é amar de verdade; -
aprendi com meus pais e com vocês.

Amem muito, erem por amor, se fazem de amor.
Sofram, riem, gritem, desabafem, na busca do Amor.
Enterram não a mim, mas sim o que de ruim ficou
em vocês. Passem a boracha nas coisas ruins.
Joguem fora as mágoas, as marcas e os meus tropeços.
Essem os meus erros, apenas para os seus acentos. Sejam
criativos e recontem a história desta mãe, que não foi
perfeita. Meu único e maior momento de perfeição, onde-
cheguei bem perto do Criador, foi quando através de
mim, vocês vieram ao mundo.

Fui uma privilegiada por gerar seres tão amados
como vocês. Tiquem em paz. Vou embora, porque a -
hora chegou. Não levo bagagens, não covego culpas.
Seero a minha mais profunda gratidão, por ter sido
escolhida mãe de filhos como vocês, filhos que vieram
por mim, mas que são do mundo, que tanto -

14.9.03

amei

Nícinha (Sorinha)
Esta é uma carta testamento aos meus filhos: Melo,
Faz e Keila.



Aprendi com a primavera a deixar-me cortar e voltar sempre inteira.

Cecília Meireles



Periperi

O que se sabe do princípio de Periperi, o que se conta, o que se diz é que era uma aldeia indígena, habitada pelos tupinambás. A grafia primitiva, *peripery*, *piripiri* ou *piri-piri*, significando, para uns, capim-capim ou capinzal, e, para outros, espécie de junco que cresce nos terrenos pantanosos e do qual se fazem esteiras.

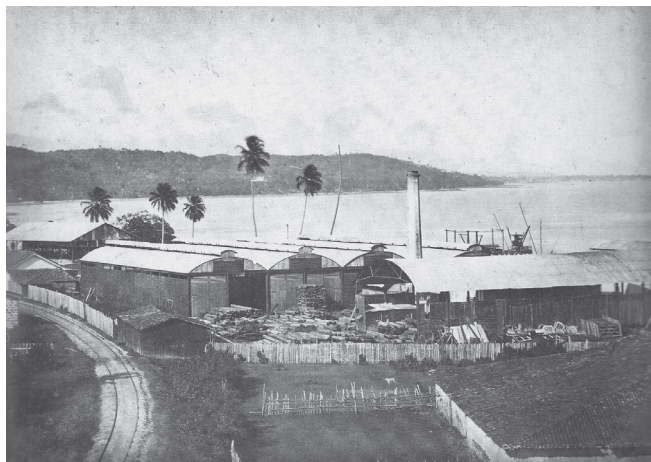
Em 1853, o governo imperial autorizou a concessão para a construção de uma estrada de ferro ligando a Cidade da Bahia, como muitos se referiam a Salvador, à Vila de Juazeiro. Essa concessão foi transferida a um grupo de empresários ingleses em 1855. E já no ano seguinte, começavam as obras da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco, a primeira ferrovia baiana. O trecho inicial, que ia da Calçada a Paripe, foi inaugurado em 1860. Através de estações e de oficinas, o trem levaria grandes mudanças a uma região que passaria a ser conhecida como o Subúrbio Ferroviário.

No início do século XX, devido a uma grande crise, foi necessária a intervenção do governo federal nas ferrovias brasileiras. Todas foram unificadas e passaram a ser administradas pela *Compagnie de Fer Federaux du l'Est Brésilien*, uma empresa franco-belga. Já em 1934, após nova intervenção, e sob o comando do engenheiro Lauro de Freitas, a ferrovia baiana passava a ser chamada de Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, mais conhecida como “a Leste”.

Em 1939, o petróleo seria encontrado no subúrbio de Lobato. Ao longo dessa mesma década, Periperi, uma enseada da Baía de Todos os Santos, banhada pelo rio Paraguay, cujo nome significa rio dos papagaios, continuou a se desenvolver como bairro residencial. Desde as últimas décadas do século XIX, a edificação de algumas casas dera origem a uma rua longa, a rua da estação, oficialmente chamada de Av. Dois de Julho, porém por todos conhecida como Rua da Frente. Nela moravam funcionários da Leste. Já a diretoria, os mestres de linha e os mestres de obra tiveram suas belas casas construídas do outro lado dos trilhos, e bem mais perto do mar.

Muitos dos ferroviários, porém, moravam por todo o povoado, e outros mais chegavam de trem para trabalhar nas oficinas, galpões que ficavam depois da Rua dos Coqueiros, perto da praia. Durante toda a noi-

te, um vigia badalava as horas num sino. Trajando azul (calça, blusão e boné), esses homens começavam a trabalhar às 7 da manhã, na fundição, tornearia, carpintaria e na manutenção dos vagões, máquinas e linhas do trem. Dizem que, às 11h, quando a sirene apitava para o almoço, e mais ainda às 4 da tarde, quando acabavam o expediente, esses homens enchiam as ruas do azul escuro e sujo de suas roupas, como um rio.



As antigas oficinas da Leste em Periperi. 1861

Também colônia de pescadores, nos anos 30 e 40, Periperi se tornou um local de veraneio para famílias tradicionais de Salvador. Entre seus visitantes, o escritor Jorge Amado, que aqui concluiu, em 1944, o seu livro *São Jorge dos Ilhéus*. Já no romance *Os velhos marinheiros ou O capitão-de-longo-curso*, publicado em 1961, imortalizou o subúrbio, fazendo dele o lugar escolhido por seu protagonista para viver seus últimos anos. O comandante Vasco Moscoso de Aragão chega de trem a Periperi, que é descrito como um “florido burgo suburbano, onde tudo é doce e manso, mesmo o mar, mar de golfo onde jamais se elevam ondas furiosas.”

Toda essa terra tinha, ainda, um só proprietário. O dono da Fazenda Periperi já não era o Coronel Frederico Costa, mas Dr. Visco, a quem era pago o arrendamento dos lotes. O seu genro, Almáquio, construiria muitas casas de aluguel, a princípio perto da metalúrgica. Nesse tempo, ainda eram visíveis as valas de água transparente e os muitos riachos e córregos que cortavam os caminhos, alguns afluentes do rio Paraguay. Muitos também eram os charcos, os sapos, as jias e as cobras que surgiam com a chuva. Por suas ruas de barro, não passavam carros, mas carroças, cavalos, bois, além da gente do lugar, que tinha o ar de interior, entre o mar

tranquilo e a mata fechada. Essa mata escondia fontes de água fresca, nascentes, minadouros, como a Fonte do Capim e Mané Paulo, aonde as lavadeiras chegavam com suas trouxas de roupa na cabeça, e de onde os homens saíam empurrando grandes barris de madeira, que tinham uma alça de ferro e duas correias de borracha; esses barris, que iam rolando, foram apelidados de “rola-rola”. Barris menores eram carregados por jegues. Os moradores se viam obrigados a ir buscar ou a comprar essa água cristalina, já que a água das bombas era salobra, “água de gosto”, servindo só para os banhos, o chão, os pratos e as plantas.

Nesse Periperi pacato, sobre um charco aterrado (sob o qual se escondem conchas), o fiscal dos cobradores de trem da Leste Natanael Alves da Palma, construiria um bonito casarão, no nº 6 da Rua Frederico Costa, para o qual, no dia 15 de maio de 1939, meses antes do início da II Guerra Mundial, mudaria-se com a companheira, Amélia de Araújo Ramos, e os filhos, Natanael Alves da Palma Filho e Eunice Alves da Palma, então, respectivamente, com três e sete anos de idade. (Carminha, a caçula, falecera de repente, quando a família ainda morava na Calçada).



Natanael Alves da Palma e Amélia de Araújo Ramos. Década de 40.

Descendente de escravos, Natanael nasceu em 1885, três anos antes da abolição da escravatura no Brasil. Residiu algum tempo em Canavieiras, estudou até o terceiro ano primário, tocava piston, fez parte de várias filarmônicas, escrevia belos poemas, e, aos treze anos de idade, aprendeu o ofício de marceneiro. Antes de conhecer Amélia, que com ele fugiu de um homem que a maltratava, amou outras mulheres; com Maria José teve uma filha de nome Elza, mais conhecida como Zazá; com Alice, porta-estandarte nos ternos de reis, teve a menina Joselita. Trabalhava

como marceneiro no escritório da Leste, quando um dia teve a felicidade de conhecer o diretor, Dr. Lauro Farani Pedreira de Freitas, homem que se tornaria o seu melhor amigo, a ponto de impedir, anos mais tarde, após um acidente de trem, que lhe amputassem um pé, como queriam os médicos, dizendo-lhes que buscassem o que fosse preciso e gastassem o necessário. Natanael e Amélia só se casariam oficialmente por sugestão de Dr. Lauro, ou talvez por imposição deste, antes de aceitar batizar, com sua mulher, dona Vivi, o menino Natan.



Natanael Palma, ao lado do amigo Lauro de Freitas. Década de 40.

A grande casa construída em Periperi era branca com janelas verdes. Nas janelas da fachada, arqueadas, as vidraças eram coloridas, como vitrais. Seus muitos cômodos eram enormes, com móveis estilo Luís XV, cadeiras altas, toalhas de mesa bordadas, cantoneiras, luminárias, cristaleiras, armários imensos, muitos lustres, um sofá de veludo verde e um chão de taco envernizado, que tudo refletia. Entrava-se na casa pela “sala grande”. Seguindo um longo corredor, chegava-se aos quartos, ao oratório e à sala de costura, onde dona Amélia fazia as roupas da casa, panos de prato, lençóis, peças íntimas, camisas e vestidos. Um desses quartos era a despensa, onde nada faltava: sacas de farinha, feijão, açúcar; peças de carne de sertão, toicinho e chouriça penduradas em ganchos, assim como tranças de cebola e alho; caixas de bacalhau seco; grandes latas de biscoitos; caixotes de pinha, sapoti, umbu. Parecia um pequeno supermercado!

As largas janelas de madeira, espalhadas por toda a casa, arejavam o seu interior, trazendo para dentro o cheiro das flores que enfeitavam o jardim e atraíam as borboletas; eram rosas, angélicas, margaridas, dalias, a começar pelo jasmim, numa cobertura de arame que ia do portão à

varanda da frente, onde o piso de cerâmica vermelha era um mosaico de hexágonos. Além das flores, árvores: coqueiros, araçazeiros, bananeiras, laranjeiras, limoeiros, pés de pinha, e um jenipapeiro que jamais deu fruto, mas que ainda resta, assim como sete mangueiras, plantadas por Natanael ao redor da casa. No quintal, viviam muitos animais: galinhas, patos, perus, cágados, porcos, pássaros, gatos, burros e pastores alemães, que faziam a guarda. Havia uma varanda numa das laterais, com bancos de madeira, espreguiçadeiras e muitas plantas. O muro em volta da casa era baixo, e dele se via a praia e o mar cintilando ao longe. O pão e o leite eram deixados de manhã, e ali ficavam, atrás do portão, até que alguém acordasse. Em frente à casa, corria um córrego, à beira do qual pairavam libélulas.

Nessa casa cresceria feliz a menina Nicinha, como demonstram suas próprias palavras deixadas num caderno:

A minha infância foi linda, como a de um conto de fadas, meus pais sempre acompanhando as minhas brincadeiras. Tive muitas bonecas e era a professora das minhas bonecas; desde criança a vocação de educadora aflorou. Papai Noel todo ano enchia os meus sapatos de brinquedos. Nunca apanhei, nem uma palmada! Só falavam mais alto comigo no dia em que eu teria que tomar remédio de vermes! Ai era difícil; minha mãe correndo atrás de mim, em volta de nossa casa, com o remédio na mão! A nossa casa era linda; meu pai fez com muito bom gosto, característica dele. Havia jardins em volta da casa e um quintal enorme! Meu pai plantou nove mangueiras, sete das quais ainda existem, e as mangas são deliciosas.

Ela às vezes declamava poesias ou pequenos textos aos convidados das muitas festas, reuniões e jantares políticos que seu pai organizava na época de eleições, com boas orquestras e muita alegria. Nessas ocasiões também tocava piano, instrumento ao qual se dedicava diariamente, sendo aluna das professoras Nilza Costa e Ranulfa Santana. Quem passava pela porta ouvia a melodia de alguma música clássica, algum noturno de Chopin, algum concerto de Beethoven; havia quem parasse para apreciar tanta beleza.

O Prédio Escolar Anfilóbio de Carvalho, antiga Casa Vermelha, na rua atrás da Igreja Nossa Senhora da Conceição dos Artistas, foi a sua primeira escola, onde cursou o primário, de 1939 a 1943. Sua primeira professora foi Maria José Santana. Entre suas colegas, Railda Oli-

veira, Ogvalda Deway, e Edna Santana, mais conhecida como Nedinha. Também tinha aulas particulares de francês com Madame Blanchet, uma francesa que residia em Periperi.

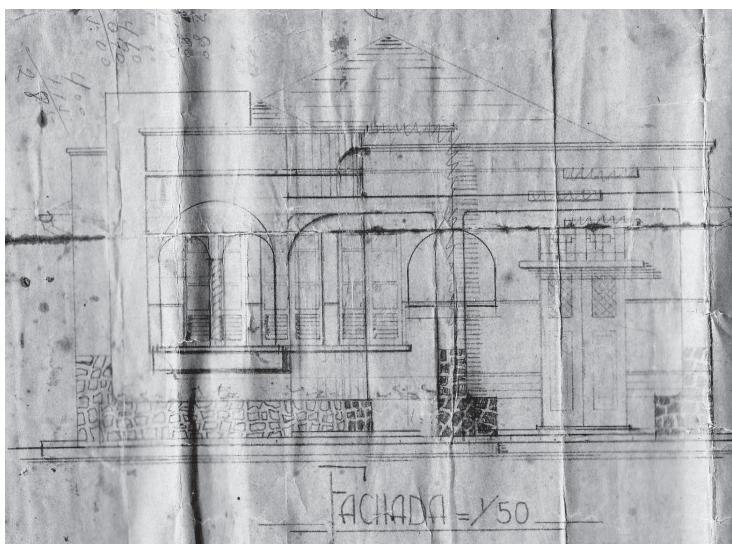
Prof.^a Ranulfa e Prof.^a Laura eram as organistas das missas da igreja, que tinha um coro muito afinado. Isso depois da reforma de 1946, quando passou a ser um ponto de encontro festivo. Antes disso, era uma capela simples, construída pela diretoria da Leste, com piso de madeira bem elevado. Na parte de baixo, guardavam-se cabras.

No princípio, a feira de Periperi era na praia, às sextas-feiras. Quando as canoas e os saveiros aportavam, vindos de Nagé, Mar Grande, Maragogipe e Bom Jesus dos Pobres, alguém soprava um búzio, cujo som ia longe, chamando os moradores para as compras. Chegavam carregados de sacos de banana, coco, carvão, laranja, cana, rapadura. O feijão, a farinha, o arroz e o açúcar não eram pesados na balança, mas vendidos por medida de um litro, usando-se um quadrado de madeira. Também traziam tapioca, beiju, pamonha e peixe seco, pois poucos tinham geladeira. (Só a partir de 1948, devido à necessidade de eletrificar as linhas do trem, os moradores do subúrbio seriam beneficiados com a chegada da energia elétrica, abandonando aos poucos os lampiões, os candeeiros e a luz de velas).

Em noites de lua, muitas crianças corriam picula na praia. De dia, quando não estavam na escola ou trabalhando em tarefas domésticas, divertiam-se brincando de se enconder, empinando arraias, jogando pião, gude, pulando macaco, corda, chicotinho queimado ou cantando cantigas de roda. De vez em quando, um circo aparecia por Periperi, e era armado num areal, onde hoje é a Praça da Revolução. Entre suas atrações, o palhaço Tontolino, a sambista Zita Sanches, mágicos, rumbeiras, trapezistas, equilibristas e um homem que engolia fogo e espadas. Havia também macacos, cães, cavalos e feras amestradas, orquestra, cantores, comediantes e atores dramáticos. Uma das peças apresentadas se chamava *E o Céu Uniu Dois Corações*. Os meninos sem dinheiro para pagar a entrada, entravam ainda assim – bastava passar por debaixo da cerca.

Além do circo, da praia, do baba, das mariscagens diurnas e noturnas, havia como diversão um pequeno cinema, onde eram vistos filmes de banguê-banguê, Tarzan, Zorro, muitos mexicanos e inúmeras comédias, de Mazzaropi, e também de Oscarito e Grande Otelo. Ficava na Rua da Frente, e a princípio pertencia a Sr. Aníbal Cajado. Depois, teria outros donos: Bilô, o escrivão, e José Moíños, um espanhol. Ao deixar de funcionar, o cinema cedeu o espaço à delegacia. Bilô construiria um novo, na Rua do Futuro, o Cine Plaza.

No dia 6 de janeiro, havia os ternos de reis. No Carnaval, blocos e cordões. Na Sexta-Feira Santa, ao som de matracas, passava a procissão



Planta da casa a ser construída à Rua Frederico Costa, nº 6, e um retrato da casa para a qual Natanael se mudaria com a companheira e os filhos no dia 15 de maio de 1939.



INSTITUTO DE MÚSICA DA BAHIA

ANNO DE 19.....

GABINETE DE IDENTIDADE

N.º..... ANNO 1941

CURSO..... *Piano* *Taboira*

Alumna..... *Luiz* *Taboira*

residente..... *em* *Paripari* de..... *Novecentos* de 1941.....

matriculou-se na Escola de Música em..... de..... de 1941.....

Assinatura do Director

Assinatura da Secretaria

Assinatura da alumna

Luiz Taboira

Luiz Taboira

Luiz Taboira

A menina Nicinha, aos cinco anos de idade; sozinha e ao lado da irmã Carminha (ao alto). Aos nove anos, Nicinha já estudava piano no Instituto de Música da Bahia.

do Senhor Morto. No dia 1º de junho, começavam a rezar as trezenas de Santo Antônio – a dona da casa abria os cânticos e incensava os cômodos. No Sábado de Aleluia, havia a queima de Judas. No São João, balões, fogueiras, foguetes e outros fogos de artifício, busca-pés, bombas, espadas e traques. Alegres, dançavam quadrilha e celebravam o casamento da roça. À mesa não faltavam licores, canjica, amendoim e muitos bolos, de aipim, carimã e milho. No Natal, faziam quermesses, armavam presépios, arrumavam a casa e, para atrair bons fluidos, tinham o costume de enfeitar jarros com galhos de pitangueiras e de jogar punhados dessas folhas no chão, que muitas vezes era batido.

Porém, no dia a dia, a diversão era mesmo passear na estação de trem, e na rua que lhe era paralela, a Rua da Frente. Caminhavam de braços dados, em meio a pés de tamarindo e amendoeiras, indo e voltando até a Rua dos Coqueiros. Conversavam, namoravam e se sentavam em cadeiras colocadas na frente das casas, enquanto aguardavam a chegada dos trens – queriam ver o desembarque das famílias e observar se tinha alguém novo chegando ao bairro.



Parentes e amigos do espanhol Eladio Diz Collazo, na Rua da Frente. 1936.

Através do trem, se dava a comunicação com outros lugares, ligando Salvador a vilas, municípios e cidades do interior da Bahia e de outros estados. Da Calçada ia-se a Alagoinhas, passando por Camaçari, Dias d'Ávila, Mata de São João, Pojuca, Catu e Sítio Novo. Pela linha Trem do Sertão, chegava-se a Juazeiro e Petrolina. Pela Estrela do Norte, num expresso de luxo, a Aracaju e Propriá, na divisa de Sergipe com Alagoas. Algumas dessas viagens eram longas, em trens noturnos e carros leitos,

demorando até dois dias, como a que tinha destino a Monte Azul, em Minas Gerais, passando por Candeias, Santo Amaro, Cachoeira, Cruz das Almas, Castro Alves, Iaçú, Brumado, Vicente de Almeida, Urandi, Espinosa e Montes Claros.

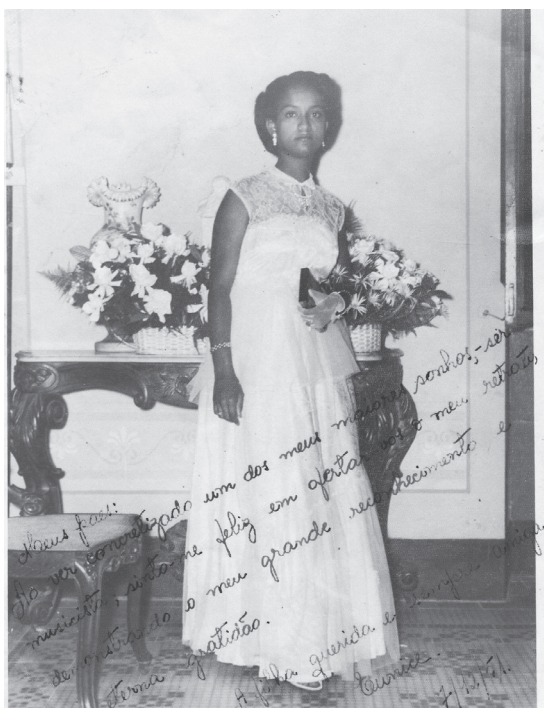
Durante a viagem de Periperi até a Calçada, das janelas dos vagões, só se via o mar de um lado e o verde do outro. Em 1945, aos treze anos, a menina Nicinha começou a fazer esse percurso diariamente. Da Calçada, pegava o bonde ou a marinete até o Bonfim. Era aluna do Ginásio São José, instituição de ensino sugerida ao seu pai por Dr. Almeida, onde suas filhas Jucely e Almenita estudavam. Dono da Pharmácia Almeida, na verdade ele não era médico e sim farmacêutico, mas receitava, indicava remédios, aplicava injeções. Devido ao charco e à umidade, as queixas mais frequentes eram a gripe, diarreia, alergia e asma. Mas quando o trem de Alagoinhas se chocou com o de Paripe, na ausência de postos de saúde, passageiros com ferimentos leves e graves foram parar em sua casa, em sua sala, nos quartos e camas de seus filhos. Todos o chamavam de doutor, mas médico formado era Dr. Deway, que além de trabalhar na cidade, atendia no subúrbio a partir das 17h, e nos finais de semana.

As viagens de trem eram tranquilas. Mas às vezes havia atrasos ou cancelamentos de última hora, devido a algum descarrelhamento de vagão, quebra de locomotiva ou forte chuva. Nesses dias, Jucely, Almenita e Nicinha não iam à escola, a não ser que Dr. Almeida, um dos poucos que possuíam carro, as levasse no seu Ford 37. Pegavam as curvas da Estrada Velha, chegavam a São Caetano e desciam até a Calçada. Acontecia também de tomarem o trem ou caminharem até Plataforma, onde embarcavam numa canoa que as levava à Ribeira. Dona Olga, a mulher de Dr. Deway, recorda que, quando jovem, adorava pôr a mão na água, durante a travessia. Já Nicinha, talvez por não saber nadar, tinha pavor a viajar de canoa.

Do Ginásio São José, ela levou boas lembranças:

Tive excelentes professores, como Irmã Cecília (francês), Irmã Pureza, Irmã Inês, Prof. Sepúlveda e Prof. José Newton Alves de Souza (português), que anos mais tarde se tornaria escritor e presidente da Academia de Letras da Bahia; esse último marcou minha vida positivamente, porque era de uma delicadeza, compreensão e educação que faziam bem a todas as alunas.

Ao mesmo tempo, estudava piano no Instituto de Música da Bahia. Tocou em vários concertos e audições e formou-se em professora de música em 1951. Tinha então dezenove anos. Com as colegas de piano,



A Bênção dos Anéis. Formatura em piano, 1951 (ao alto). A segunda foto foi dedicada aos pais.

participou de uma embaixada para o Rio de Janeiro, como eram chamadas as excursões. Foi a primeira vez que viajou de avião, pela Panair do Brasil. Ficaram hospedadas na Escola de Enfermagem Ana Nery, no bairro de Botafogo. Passearam muito. Foram ao Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Copacabana e à Casa do Estudante do Brasil, onde dançavam aos domingos.

Em casa, começara a dar aulas de piano. Sônia Pinto foi a sua primeira aluna, uma adolescente que ela abraçava, beijava e queria ver coroada Miss Periperi. Nessa época, o tapete colorido da sala grande já estava gasto. Sônia se sentava no banquinho giratório, e juntas tocavam músicas como “Noite feliz” e “Se essa rua fosse minha”. Essas aulas durariam só uns seis meses, mas as palavras “minha primeira aluna de piano” permaneceriam vivas e plenas de carinho sempre que ditas em público ou murmuradas ao ouvido de Sônia cada vez que se encontravam.

Porém, ao contar ao pai que pretendia seguir a carreira de magistério, ele lhe disse que não. Naquela época, depois de formadas, as professoras viajavam para lecionar no interior, e ele não queria ter a filha longe. Ela acatou a decisão do pai e, para satisfazê-lo, começou a estudar contabilidade, profissão para a qual não tinha nem vocação nem entusiasmo. De 1950 a 1953, foi aluna do Instituto Feminino da Bahia, no Politeama, sob a rigorosa direção da Sr.^a Henriqueta Martins Catharino. Estudou com dona Henriqueta, dona Laurentina, Dr. Orlando Bahia Monteiro e Prof. Oliveira Neto.



Instituto Feminino da Bahia, onde Eunice se formou em técnica em contabilidade, em 1953.

Ali, onde era uma das poucas estudantes negras, Nicinha fez muitas amizades, algumas com quem manteve contato por toda a vida, matando as saudades em reencontros anuais. Às vezes, acabava conhecendo as famílias de suas colegas:

Fiquei muito amiga de Maria Emília Gonçalves, filha de dona Jandira e Sr. Manoel (ele era português). Todos me tratavam muito bem. Quando eu chegava para o almoço, ele chamava Matilde, a cozinheira, e dizia assim: “Matilde, chegou Eunice, faça o molho dela!”; porque sabia que eu gostava de pimenta. Aprendi muito com essa família, especialmente com dona Jandira, que era a bondade em pessoa. Sem orgulho, sem preconceito, sem egoísmo. Como aprendi com a senhora, dona Jandira! O motorista era Tião; ele almoçava na mesa com a família! Numa época em que havia muita separação entre patrões e empregados. Obrigada, dona Jandira, por suas lições de vida.



Nicinha e Maria Emília. 1954.

Em 1953, ano em que se formou em técnica em contabilidade, o Instituto Feminino fez uma embaixada a Recife. Nicinha viajou com as colegas. Ficaram hospedadas no Grande Hotel de Recife e foram a festas no Náutico Internacional.

Em Periperi, antes da existência de clubes, havia festas sob a arquibancada de madeira, num dos lados do campo de futebol. Já no final da década de 40, aconteciam bailes no quintal de uma das casas de Sr. Aníbal Cajado, em frente à arquibancada. Esse lugar ganhou o nome de Palácio da Alegria. Ali ficava também a pequena sede do Esporte Clube Periperi, fundado em 1934. Próximo a este, em 1950, foi inaugurado o Flamenguinho Esporte Clube. Existia certa rivalidade entre essas duas associações, assim como entre os seus times de futebol. Natanael podia assistir aos jogos da própria varanda, pois não havia nem muro nem arquibancada nesse lado do campo, apenas uma cerca baixinha.

Esses eram considerados os clubes de elite, com grandes bailes, desfiles de moda e orquestras internacionais. Mais simples, havia também o Clube dos Ferroviários, que ficava na Rua da Frente, e era frequentado pelos funcionários da Leste e suas famílias.



Time de futebol do Esporte Clube Periperi. Década de 50.

Em 1956, surgiu o conjunto musical Tapajós, que no ano seguinte, passou a animar o Carnaval do Subúrbio Ferroviário. Orlando Campos, mais conhecido como Orlando Tapajós, então presidente do Flamengoinho e dono de uma pequena oficina no Barreiro, seria o idealizador da carroceria elétrica, criando toda a estrutura metálica do carro do trio elétrico, a grande invenção de Dodô e Osmar. Ele também criaria o seu próprio trio, o Tapajós.

Nicinha adorava festas, e sempre frequentava o Flamengoinho. Integrante da ala feminina do clube, era ela quem organizava vários eventos, como o baile de debutantes de 1959, no qual nem todas as participantes tinham quinze anos, mas idades que variavam dos treze aos dezessete. Era ela quem ensaiava com as moças, entre as quais Cecé, Emilinha e Sônia, para os desfiles de moda, as coreografias e apresentações – trazendo roupas de suas amigas do Instituto Feminino. Era ela quem abria o salão, dançando com Messias, Vandinho, Enéas, ou com o irmão, Natan. Era ela quem dava as diretrizes do que se fazer, de como se portar. As pessoas iam à sua procura para saber que talher usar num determinado jantar, que roupa vestir numa certa cerimônia. Com que brinco? Luva curta ou comprida? Bolsa ou carteira? O sapato deveria ser forrado com o tecido do vestido ou não? Além disso, ela lhes emprestava suas roupas, seus colares, suas joias – gesto que realizaria com total desapego até o fim da vida.



Embaixada a Recife com colegas do Instituto Feminino da Bahia. 1953.



Nicinha e outros foliões, fantasiados de pierrô, no Esporte Clube Periperi (ao alto). A apresentação na festa de exaltação à Bahia, no Flamenguinho, foi coreografada por ela. Nicinha é a quarta moça a partir da esquerda. Década de 50.



Sônia Almeida num desfile de moda e também ao lado de Mima, na apresentação de fim de ano "A Morte do Cisne", no Flamengo. Década de 50.



Nicinha, ao lado de Dalva e Diva Brito, organizando um desfile de moda no camarim do Flamenguinho. Década de 50.



Em São Paulo, Nicinha passeia com as amigas Emilinha e Cecé. 1961.

Por que tantos se dirigiam a Nicinha? Por que confiavam tanto em sua opinião? Por estudar em bons colégios? Por morar numa bela casa? Por viver uma vida de princesa? Muitos olhos estavam voltados a Nicinha, olhos de admiração, mas também de inveja. Afinal de contas, aquela moça negra tinha muito mais do que muitos. E era tão elegante! Dizem que muitas imitavam o seu andar, sua postura ao caminhar de salto alto, seu estilo. Usava vestidos de cassa, de seda, de organdi bordados, pregueados, saias volantes bem rodadas, de bons tecidos comprados na Baixa dos Sapateiros, ou na loja Duas Américas, na Rua Chile, onde de luva e carteira, meia e sapato alto, moças elegantes desfilavam ao cair da tarde.

Ao maquiarse, Nicinha às vezes exagerava no pó compacto; seu batom era vermelho vinho, sem brilho; nos olhos, nada além dos óculos de lentes grossas. Gostava muito de se perfumar com aromas franceses, dentre os quais Diorissimo, Fleur de Rocaille, Vetiver e Ma Griffe. Vestia-se bem para ir aos bailes, mas também ao Ginásio Monteiro Lobato, primeiro de Periperi, na Rua Carlos Gomes, onde começou a dar aula de canto orfeônico, em 1954.

Pouco depois, começou a trabalhar como funcionária federal do I.A.P.C. (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes), no Comércio. Pegava diariamente o trem das 11h. Mas antes de chegar à estação, gostava de passar pela Travessa Aurora. Ao vê-la aproximar-se do nº 4, o dono da Farmácia Almeida dizia carinhosamente: “Lá vem Minha Simpatia!” Ela deixava o trabalho às 17h. Da estação, fazia o mesmo percurso a pé, sempre parando para cumprimentar Dr. Almeida, que logo lhe mandava entrar para falar com sua esposa: “Vá lá ver Carmé”. A casa ficava atrás da farmácia. Além de dona Carmelita, ela via suas filhas, Jucely, Maísa e Sônia. Na varanda, ela sentava para tomar café, conversar e comer bolo.

Nicinha teve alguns admiradores e paqueras. Mas namorou mesmo com Nivaldo, um jogador do América de Plataforma, subúrbio onde residia. Os dois eram apaixonados um pelo outro, mas sofreram o preconceito da família por ele não ter estudo. Acabado o namoro, ouvia-se na sala grande a voz triste de Nicinha que cantava ao piano: “Um de nós dois deve ser o culpado...”



Na "sala grande". Década de 50.



Uma escolinha

As irmãs de Eunice casaram-se e suas famílias foram crescendo. Zazá e Firmino foram viver em Praia Grande, antes de se mudarem para a Barroquinha. Tiveram cinco filhos: Maria das Mercês, Firmino, Marcos, Alberto e Maria José. Joselita e Geraldo tiveram oito. Nos nomes de todos, o toque da tia: Natanael, Maria Alice, José Geraldo, Ângela Raymunda, Virgílio Aurélio, Francisco Carlos, Ana Amélia e Antônio Henrique. Três desses sobrinhos teriam tia Nicinha como madrinha, mas todos passariam a chamá-la de Dindinha.

A família Palma da Silva morava numa casa próxima à do avô Natanael, de onde se avistava a praia. Quando viam o sol batendo no mar, os netos diziam entre si: “Tá cheia!”. Enchiam-se de vontade. O único perigo para eles, o único empecilho, era a linha do trem. Tinham medo de algum desastre, mas sabiam que o trem só passava em determinados horários; bastava tomar cuidado e prestar muita atenção. Escondidos da avó Alice, ocupada com alguma tarefa doméstica, na cozinha ou no tanque, e sabendo que seus pais só voltariam da Leste, na Calçada, onde trabalhavam como costureira e carpinteiro, no final da tarde, eles corriam para a praia. Lá, tiravam a roupa e mergulhavam no mar. Depois se vestiam apressados e voltavam correndo do mesmo jeito, sem que ninguém desconfiasse; caso contrário, levariam, na certa, uma surra, ou talvez não, pois às vezes chegavam a tempo à casa do avô, que impedia sua filha Zelita de levantar a mão contra seus netos. “Venha, sua valentona de merda!” ele a enfrentava. Ela então recuava, e as crianças se livravam de apanhar.

No final dos anos 50, já aposentado da Leste como oficial administrativo, Natanael voltara a se envolver com o ofício que aprendera ainda menino, a marcenaria. Agora era proprietário da Serraria de Periperi, em sociedade com Eladio, um espanhol que também era dono da Padaria Nova América.

Embora houvesse acatado a decisão do pai, Nicinha não conseguira desvencilhar de si o desejo de ensinar. Ao descobrir, através de Risoleta, que para se abrir uma escola particular não era preciso ser professora formada, a ideia, do coração passou para a cabeça. Ela entrou em contato com Maria Helena, uma jovem que ainda não concluíra o curso peda-

gógico: “Se eu abrisse uma escolinha, você me ajudava?” Maria Helena disse que sim, e começaram os preparativos.

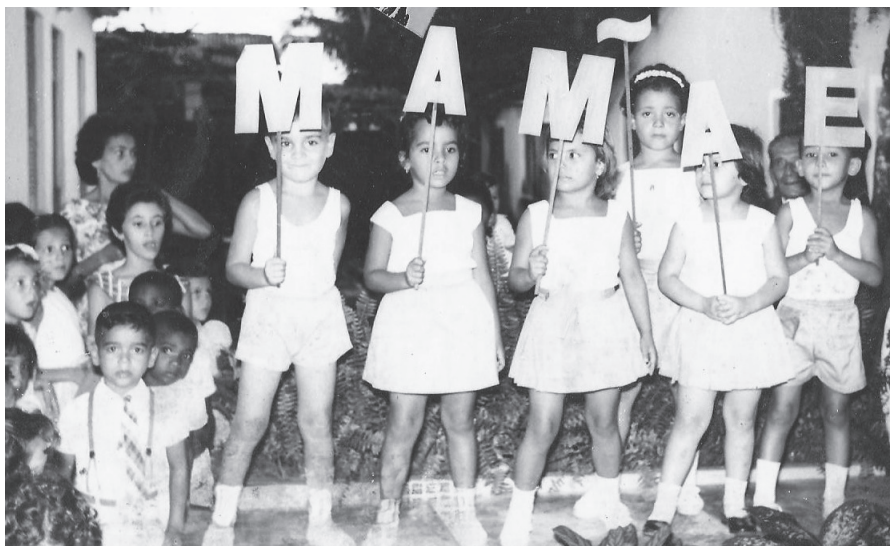
Informaram-lhe que precisava ser um lugar claro e arejado. Procurou um espaço para alugar. Chegou a encontrar uma sala, mas depois desistiu. Por que não uma sala em sua própria casa? Por que não? Aquela casa era imensa, uma sala de visita a menos não faria a menor falta, e facilmente podia virar sala de aula. Ou talvez na varanda. Por que não na longa varanda ao longo da casa? Seu pai, que dissera não ao seu sonho de ser professora, diria imediatamente sim à realização de sua escola. Em sua serraria seriam feitas seis mesinhas com quatro cadeiras cada, além de escaninhos para as merendeiras e um gradeado de madeira para separar a varanda do jardim. E que nome dar à escola? Nicinha pensou primeiro no nome do pai, mas não queria causar ciúmes na mãe. Podia talvez se chamar “Tia Eulina”, nome de uma de suas amigas mais próximas. Ou, quem sabe, “Senhora Santana”, homenageando assim uma santa de sua estima. Os nomes iam e vinham em sua mente, sem que ela se decidisse.

Lia livros, revistas e jornais, guardando qualquer artigo que se referisse ao ensino escolar, ávida de conhecimento. Descobriu que, em Curitiba, uma escola modelo treinava e formava professores. Através de cartas, começou a se corresponder com os responsáveis. Mandava-lhes presentes e recebia informações sobre o ensino infantil. Aquela era uma escola modelo! O nome “modelo” causou-lhe impressão. Decerto desejou que a sua escola, ainda em ideia, pudesse, em tempo futuro, servir de modelo a outras. A varanda em que a escola iria existir ficava do lado esquerdo da casa. Dela se admirava o jardim cuidado por dona Amélia. Eram muitos os elogios das visitas que aí chegavam. Alguém, algum dia, disse: “Esse recanto é muito lindo!” Mais uma palavra que se ressaltava, “recanto”. Como peças de um quebra-cabeça que se arma, como rimas que se arrumam para formar um verso, as palavras foram surgindo e unindo-se umas às outras, até formarem um nome único: Escolinha Modelo Recanto Infantil.

Foi assim que nasceu o primeiro jardim de infância do subúrbio. Padre Gaspar Sadock abençoou a Escolinha na tarde do dia 19 de abril de 1959, um domingo. Na segunda-feira, dois dias antes de completar vinte e sete anos, e sem qualquer formação pedagógica, Nicinha passava a exercer a profissão de professora. Começava com quinze alunos, dentre os quais, Fernando, filho de Risoleta, que era então secretária da serraria de seu Natanael. Fernando, o primeiro a chegar, foi também o primeiro a ser matriculado; não por sua mãe, mas pela mãe de Nicinha. Por gostar muito dele, dona Amélia decidira financiar o necessário. Diva, Castelinho, Edméa, Onila e Sandra foram também alunos fundadores.



Por trás de um muro baixo, Nicinha, em meio aos primeiros alunos da Escolinha Modelo Recanto Infantil. 1961.



Festa do Dia das Mães (ao alto). Sorinha e seus alunos na área da Escolinha. Década de 60.

A nova diretora depositou toda a sua confiança em Maria Helena, no seu trabalho, na sua competência, nas suas ideias, que ia copiando, guardando, aprendendo, enquanto ficava a cargo da parte musical. Não habituados ao conceito de um curso infantil, os primeiros pais matricularam os filhos visando mais o lazer: na longa varanda, no jardim, sob a sombra das árvores. Mas já no segundo ano, a reputação da escola começava a crescer. As pessoas queriam inscrever seus filhos lá, e o número de alunos foi aumentando.

A presença dos pais de Nicinha era uma constante na varanda que virara escola, e as crianças começaram a chamá-los de “vovô” Natanael e “vovó” Amélia. Em 1961, com quase três anos de idade, a menina Lívia descobriu, através da confusão que fez ao tentar dizer as palavras professora e Nicinha, um modo pessoal e carinhoso de tratar a mulher que a chamava de Livinha. Assim nasceu o apelido “Sorinha”, apelido que passaria a ser usado por outras crianças, pais de alunos, amigos e conhecidos, ao longo dos anos, das décadas, da vida de Eunice Palma, sobrevivendo na memória de muitos, mesmo após a sua morte.

Na lembrança de alguns desses primeiros alunos, estão a área, o muro baixo, a varanda, as árvores, as mangas que caíam. Castelinho se lembra das festas do Dia das Mães; Fernando jamais se esqueceu da aula de equilíbrio; e Onila traz na memória as mamadeiras que tomava escondida dos colegas, num quarto em que “vovó” Amélia passava roupa.



Sorinha e o aluno Vivaldo durante uma apresentação. Década de 60.

Permanecem também, em muitos, trechos da oração com a qual se começava (e ainda se começa) o dia naquela escola:

*Nossa Senhora Santana.
Guiai-me, Jesus bonzinho, pelo caminho do bem,
quero ser bom filhinho e bom aluno também.
Mamãe do céu tão querida, guardai meu coração,
fazei que eu ande na vida guiado pela vossa mão.
Meu doce Jesus, eis o meu coraçãozinho inocente e puro.
É vosso, guardai-o bem, para que as vozes do mundo
jamais venham perturbá-lo.
Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador,
se a ti me confiou a piedade divina,
sempre me rege, guarda, governa e ilumina.
Amém.*

Niusmende se recorda da farda que vestiam: camisa branca por baixo de uma jardineira; as meninas de saia pregueada e os meninos de short. Já na quarta-feira, dia de educação física, todos iam de camiseta, short, conga e meia brancos. Nas aulas de pintura, usavam aventais de plástico. E os trabalhos eram expostos nos troncos das árvores.

O lanche seguia um cardápio; cada dia da semana, uma merenda diferente: pão com queijo, com doce, com ovo, fruta, água, suco, leite. E antes de abrirem as merendeiras, que eram cor de rosa ou azul, cantavam:

*Papai do Céu, abençoa essa hora de alegria,
a merendinha tão boa que tu nos dás cada dia.*

Papai do Céu, abençoa nossa merendinha.

*Chegou a hora de merendar
eu vou sentar no meu lugar.
Merenda boa e gostosinha
quem preparou foi a mãezinha.*

A merenda vinha enrolada em guardanapo de pano. Na mesa, os meninos a desenrolavam, arrumavam tudo sobre o guardanapo e aguardavam a indicação da professora: “Podem merendar com educação.” Ela depois lembrava a todos que deveriam mastigar com a boquinha fechada, e não falar de boca cheia.

Chegavam suados do recreio. Cruzavam os braços sobre a mesa, baixavam a cabeça e cantavam calmamente:

*Quando chego do recreio cansadinho de brincar;
na mesinha, sem receio, deito para descansar.
Oh menino, me responda, que vai ser quando crescer?
Quero ser um astronauta para a Lua conhecer.*

Além de tanta música envolvida nas atividades diárias, havia a bandinha. Ao som ensaiado de caxixis, triângulos, pandeiros, pratos, dois pauzinhos, reco-reco, coquinhos e tambores, cantavam canções singelas como “Cachorrinho está latindo”:

*Cachorrinho está latindo
lá no fundo do quintal.
Cala a boca, cachorrinho,
deixa o meu benzinho entrar...*

Dentro dessa mesma melodia, mudavam a letra e cantavam “Macaquinho no coqueiro”:

*Macaquinho no coqueiro,
vai subindo sem parar.
Tira o coco, macaquinho,
vai jogando para cá...*



A bandinha. Apresentação no palco do Esporte Clube Periperi. 1967.

E, ao fim da manhã, antes de irem embora, a última canção do dia:

*A sineta vai tocar.
Quem será que nos vem buscar?
Para casa vamos já
a mamãe logo abraçar.
Até logo, coleguinha,
a Escolinha eu vou deixar.
Professora, um beijinho
Amanhã eu vou voltar.*

Houve um desfile da primavera, à sombra das mangueiras, no qual a passarela era feita de mesinhas. As pessoas ficavam do muro, assistindo encantadas. Já no desfile dos países do mundo, cada um vestia a roupa do país que representava e dizia algo sobre o mesmo.

A atendente Eunice tentou conciliar seus dois empregos, mas a Escolinha foi se mostrando mais importante e falando mais alto. Às vezes faltava ao expediente no Comércio, mais preocupada com o planejamento de suas aulas e com a organização de passeios. Em 1962, comentando que precisava de um carro grande para levar seus alunos ao Jardim Zoológico, acabou tendo a oferta do dono de uma caminhonete. José Muniz Barreto, mais conhecido como Muniz, era de Santo Amaro. Não fazia muitos anos que ele morava em Periperi. Órfão, ainda menino, ele trabalhava na CVB, Companhia de Vidros da Bahia, e no tempo livre era técnico de futebol do Esporte Clube Periperi.

Desfile da primavera na área da Escolinha. 1967.



Jorge Manoel



Sidney e Eleonora



Antônio Henrique

Na volta do passeio, choveu muito. Foi preciso parar para esperar a chuva passar. O que conversaram, como se olharam, o que sentiram nesse tempo, ninguém ficou sabendo, assim como não foi revelado a ninguém, dias depois, que haviam começado a se procurar, a se corresponder, a se encontrar. A razão para manterem segredo era simples e complexa: Muniz era um homem casado.



Sorinha, lendo uma história no palco do Esporte Clube Periperi. 1967.



Entre o amor e o medo

Naturalmente, mais cedo ou mais tarde, os boatos correriam. A princípio, não mais do que meras suspeitas, suposições, intuições, que aos poucos deram lugar à ausência de dúvida em situações testemunhadas, de perto ou à distância. Entre o amor e o medo, quando interrogada pelo pai, pela mãe, pela irmã Zelita, Nicinha negaria tudo. Mas não conseguindo pôr fim no relacionamento com Muniz, encantados um pelo outro, numa paixão avassaladora, a verdade foi se tornando óbvia aos olhos alheios, principalmente quando, em maio de 1963, a caminhonete em que viajavam na Estrada Velha, após chocar-se com outro automóvel, foi parar numa ribanceira. Um corte no alto da testa encheu de sangue o rosto de Eunice. Esse sangue secou em seus cabelos, deixando-os endurecidos, sendo preciso óleo, pente fino e muita paciência para removê-lo. Já a cicatriz, permaneceria para sempre.

A notícia do relacionamento entre os dois foi um escândalo em Periperi, dando início à primeira fase triste na vida de Nicinha. Seu pai se decepcionou. Seu irmão se distanciou. Sua mãe só fazia chorar. A mulher traída, não querendo dar ao marido a separação, foi fazer cena na porta da escola; juntou-se às moças da casa em frente, filhas de uma mulher que já não tinha simpatia por Natanael. Da varanda, lançavam-lhe insultos, palavras duras, ditas com raiva ou risada, ditas para doer. Aqui, vale ressaltar o que, nas palavras de Risoleta, constituía “a civilidade do povo de Periperi”. A Escolinha continuou aberta, nenhum aluno foi retirado às pressas, nenhum pai usou palavras de desprezo, nenhuma mãe a ignorou, nenhum amigo fiel se afastou. Todos sabiam o que estava acontecendo. Todos sabiam da grande dor de Nicinha, ainda que não fosse a única a sofrer com a situação. A mulher de Muniz demonstrou seu desespero, sua descrença, sua angústia, gritando; Nicinha, se calando. Mas as palavras ditas para doer doeram.

O escândalo se deu pela época, pelo local, pela pessoa envolvida. Nicinha tinha sido educada para ser boa moça, para casar de véu e grinalda com algum homem de nome, e serem felizes para sempre, como o eram (ou fingiam ser) muitos casais. Logicamente, no íntimo, nem todos lhe

deram razão, mas em público, muitos a defenderam, alguns com o seu silêncio, outros, com suas palavras.

No entanto, não seria fácil para Nicinha. Revoltado, o irmão da mulher abandonada se voltou contra ela, humilhando-a com comentários ao vê-la passar pela rua ou entrar no trem. Um dia, quando ela saía da estação, na Rua da Frente, os dois irmãos a agrediram com bofetadas. Os óculos de Nicinha caíram no chão. Por conta da miopia, ela ficou desnor-teada. Mas foi socorrida por quem passava por perto, por conhecidos e desconhecidos – alguns a acompanharam até a porta de casa.

A ex-mulher de Muniz passou a ir ao trabalho de Nicinha, contribuindo assim para que ela pedisse demissão mais cedo. Mas não se demitiu da escola, nem da vida que queria viver com o homem que escolhera. A revelação do romance entre os dois não diminuiu o amor que sentiam. Estavam apaixonados um pelo outro e dispostos a lutar para ficar juntos. Seus pais que, anos antes, haviam conseguido acabar seu namoro com Nivaldo, viam-se agora obrigados a aceitar Muniz, que tampouco era formado – o menor dos males, diante de não ser solteiro.

O casal quis alugar um apartamento em Salvador, mas os pais de Nicinha não queriam separar-se dela. Com todo o embaraço da situação, Muniz passou a viver com eles, na mesma casa. Não pôde divorciar-se oficialmente, por recusa da ex-mulher, com quem, por ironia, havia se casado às pressas, devido a uma gravidez psicológica. Não pôde casar-se novamente, mas passou a viver com a mulher que amava.

Em 1964, ano do golpe que deixaria o Brasil nas mãos de uma ditadura militar por vinte anos, nascia o primeiro filho de Muniz e Nicinha. José Muniz Barreto Filho foi o nome que ficou na certidão. Zé, como seria para sempre chamado por seus pais e futuros irmãos, teria vida breve. Prematuro, não passaria de vinte e três dias. Se seus pais se sentiram punidos pelo Deus em que acreditavam, não se sabe. Mas dizem que o rosto dos dois ficou com um sério semblante de infelicidade.

Vinte e três dias de idade

*O primogênito nascera prematuro,
como se com pressa de conhecer a vida.
Mas sua vida não seria bem-vinda à vida.*

*Vinte e três dias de idade.
Esse seria todo o tempo de sua breve vida.
Tempo insuficiente para um ser ser completamente?
Sua boca*

*ainda berço de palavras jamais ditas
e já tumba de silêncios.
Do seu berço
sua ausência emanava
preenchendo o vazio do seu novo quarto...*

*Imagino meu pai inerte,
plantado numa plataforma disforme,
à espera de um novo rumo a tomar.*

*E minha mãe, amarga.
No seu ventre magro, os pontos do parto – porta da perda.
Sua alma, do corpo arrancada, a perder-se,
correndo espaços...*

*Imagino meus pais de luto, mesmo de branco,
mesmo que o tempo enevoasse a lembrança,
mesmo que outros filhos nascessem.*

*Os pertences de Zé não nos pertenceriam.
Antes de se dispersarem no tempo,
seriam raros objetos jamais possuídos,
a seguir sem dono
(para nós, só seus),
sobrevivendo à sua falta entre fronhas,
guardados com cuidado nas gavetas de minha mãe:
escova de cabelo, chuca, mantas, sapatos de croché
envelhecendo intactos na proteção de sacos plásticos,
envelhecendo novos –
velhos objetos novos do irmão mais velho,
morto aos vinte e três dias de idade.*

De luto, mesmo de branco, mesmo que o tempo enevoasse a lembrança, mesmo que outros filhos nascessem. Três outros filhos nasceriam do amor de Nicinha e Muniz, e seriam por eles muito amados: Maria Amélia, Natan José e Maria Emília. Os três saberiam da vida breve do irmão Zé, saberiam dos seus objetos, saberiam que ele fazia parte da família, saberiam amá-lo, mesmo morto. Mas a morte de Zé não seria a única a agredir Nicinha. Misturando-se ao nascimento e infância dos seus filhos, a morte levaria, no fluir de dez anos, sua mãe, seu pai e seu irmão.

Em 1965, meses antes do nascimento de Maria Amélia, sua avó, que não chegaria a vê-la, mas a quem o seu nome prestava homenagem, fale-

ceu, de repente, de alta de glicemia. Foi então que Nicinha se desesperou. Como diria à sua filha, anos mais tarde, durante esse período, ela perdeu, deu, menosprezou muito do que tinha. Foram joias, vestidos, porcelanas, pratarias, mas principalmente o piano. Talvez por desejar silêncio, deixou de tocar. E o piano abandonado, descuidado, numa casa úmida, foi se desfazendo.

Natan José, o menino que nasceu em 1966, recebeu os nomes do tio e do pai. Logo após a sua chegada, uma moça de nome Ana entrava naquela casa para tomar conta dele. Anos antes, quando políticos deixavam ali leite para os seus eleitores mais pobres, acompanhada de uma vizinha, Ana entrara até a varanda. Mas saíria de mãos vazias, após ouvir as palavras:

— Não chegou. O leite não veio.

Foi a vizinha, então, quem lhe disse:

— Essa é a filha de seu *Atanael*.

O tempo em que Ana e a dona da casa se olharam foi mínimo. Olharam-se sem saber da longa amizade que o futuro lhes reservava. A dona da casa deve ter visto em Ana o rosto de uma menina pobre, como o de tantas outras pela redondeza. Já Ana viu no seu rosto algo de radiante, que não veria novamente, quando, um ano após a morte de dona Amélia, entrava para trabalhar naquela casa.



Nícinha, Ana e sua filha Antônia (Lodinho). 2004.

A morte da mãe deixara marcas imensas em Eunice, mas a vinda dos filhos dava-lhe vida. De aparência frágil, no fundo ela tinha muita força, e sabia fazer-se forte quando estava fraca, sabia se reerguer. Não era à toa que tanto se identificava com uma frase de Cecília Meireles:

Aprendi com a primavera a deixar-me cortar e voltar sempre inteira.

Em janeiro de 1969, ano em que o homem pisaria na Lua pela primeira vez, nascia Maria Emília. Seu nome, uma homenagem à mãe que seu pai perdera ainda menino. Seu parto, mais uma cesariana, seria o último a marcar para sempre aquela barriga.

A vasilha da barriga de minha mãe

*Ao nascer, minha irmã mais velha
esvaziou a vasilha
em que minha mãe a preparava.*

*Minha mãe, em seguida, parou
e me preparou,
me fez a mim como eu sou.
Feito, eu, seu único filho,
ao nascer, esvaziei a vasilha
para que se fizesse sua última filha.*

*Minha irmã mais nova foi a última da fila
e completou a família,
esvaziando de vez a vasilha.*

*Vasilha onde o princípio de nós adormecia,
enquanto nossa mãe nos aquecia
numa espécie de calor em banho-maria.*

*Hoje, só uma cicatriz
que servindo de tampa
mancha e tranca
a barriga onde a vasilha se encontra –
vasilha já há muito tempo vazia.*

*Mas as paredes daquela vasilha,
em que nos fizemos, antes de sermos,*

*não se esvaziaram de todo,
pois o amor de nossa mãe vem das entranhas,
nasceu muito antes de nascermos
e por nossas entranhas deve ter entrado
e deverá ir conosco
até que tenhamos passado para o outro lado.
Ou talvez mais além,
muito além do futuro,
pois muito antes do passado.*



O padrinho, tio Natan, irmão de Nicinha; a madrinha, tia Alice, irmã de Muniz; a prima Maria Emília; a amiga e parteira Margaridinha; Muniz e Nicinha, com Amelinha, a primeira filha, nos braços. 1965.



Zezo, nos braços da ex-aluna Socorrinho, Nicinha, Muniz e Melo na área da Escolinha (ao alto).
Muniz e Nicinha com os filhos, na varanda da casa. 1967.



As ex-alunas Cristina Márcia e Maria Adelaide à mesa com Zezo. 1968 (ao alto). Zezo e Melo com a avó Alice. Nicinha com os três filhos; Mila, com dois meses de idade. 1969.

Os nomes Maria Amélia Muniz Barreto, Natan José Muniz Barreto e Maria Emília Muniz Barreto ainda iriam intrigar um dia uma aluna de Sorinha, pela visível ausência neles de uma palavra. A menina Lizzia, ao perguntar à sua mãe, Rizete, por que a palavra Palma não fazia parte do sobrenome dos filhos de sua professora, recebeu como resposta:

— Você não conhece Sorinha? Veja a sonoridade do nome Muniz Barreto! Você acha que ela trocaria e colocaria Palma?

A resposta de Rizete convenceu sua filha e a fez crer que Sorinha se preocupava muito mais com a sonoridade dos nomes que dava aos filhos do que com costumes matrimoniais. Quem sabe outros pais, amigos de Nicinha, tenham usado desculpas parecidas para guardar de seus filhos o segredo do não casamento dela? Dessa forma, Melo, Zezo e Mila, apelidos com os quais os filhos de Nicinha seriam conhecidos em Periperi, cresceriam ignorando esse fato. E ainda que tenham sido vistos, por alguns, como bastardos, foram sempre, por todos, respeitados. É certo que com o tempo notariam, com estranheza, a ausência do sobrenome materno no nome que carregavam, assim como a falta de fotos do casamento dos pais, numa casa repleta de retratos, mas sem que isso os levasse a desconfiar dos fatos – eram felizes. Quando bem novos, Melo e Zezo gostavam de rimar seu sobrenome com duas cores. E não se cansavam de rir, ao repetir: “Natan José Muniz Barreto, misturado com branco e preto!”

O avô Natanael tinha muito carinho pelos netos. Velho, magro, de andar lento, cabelos brancos e olhos de um negro azul, trazia para eles, de seus passeios por Periperi, enormes sacos de queimados de mel. Gostava também de dar-lhes copos de uma vitamina que preparava de manhã, e que apelidara de “levanta cadáver”. No copo do liquidificador, além do leite, ele ia jogando tudo o que via na frente: pão dormido, café quente, banana, pepino, tomate, ovos inteiros, bolo, inhame, batata cozida, e outras sobras ao alcance da mão. Embora não quisesse dar aquela bebida aos filhos, Nicinha preferia não interferir. Ana a ouvia dizer em voz baixa:

— Oh, meu Deus, meu pai fez com tanto carinho!

O tio Natan era também muito afetuoso com os sobrinhos, a quem chamava de “meus meninos”. Ele trabalhava como contador numa repartição da prefeitura, em Periperi mesmo, e ao voltar para casa gostava de lhes trazer tabletes de doce de leite. À sobrinha e afilhada, brincando, fazia sempre a pergunta:

— Se mexerem com a menina de tio Dindo, o que é que tio Dindo faz?

— Quebra no pau! Melo lhe respondia sorrindo.

A praia, calma, era lugar de passeio. A ela, Zezo e Melo iam muito, levados pelas mãos cuidadosas de Ana. E entre banhos de sol e mar, viam

circular um jovem que tirava retratos dos banhistas. O pagamento só era feito depois, quando lhes fosse entregue em casa um monóculo, ao que chamavam de binóculo. A foto colorida vinha dentro dele e só podia ser vista fechando-se um dos olhos e dirigindo a pequena luneta à luz.

Conviviam também com “Ana Pequena”, uma menina do Alto do Cruzeiro que passou alguns anos com eles. À noite, antes de dormir, além dos latidos de Rin Tin Tin e Baleia, todos ouviam estórias que só “Ana Grande” sabia contar, como a do Amigo Folhagem, um coelhinho que, após enganar a onça, fingindo-se de doente para nela montar como num cavalo, via-se forçado a rolar o corpo no mel, cobrindo-se em seguida de folhas, a fim de matar a sede à beira do rio. Mas, no final, a onça acabava descobrindo o seu disfarce e ia atrás dele, perseguindo-o floresta adentro.

A presença dos filhos fez com que o semblante de infelicidade fosse se diluindo do rosto de Nicinha. Mas como andaria o amor que a fizera tão determinada a tudo enfrentar? Muito provavelmente, a paixão dos dois já havia passado, e sem o véu de ilusões, viam a realidade de frente e percebiam o quanto eram diferentes: ela a adorar dançar, ele a odiar festas; ela a querer viajar, ele a não querer sair de casa; ele a só gostar do simples, ela a saber apreciar tanto o simples quanto o sofisticado.

Sem nenhum prazer em trabalhar com vidros, Muniz imaginou que pudesse mudar de profissão. Vindo de uma fazenda do interior, tentou reencontrar suas raízes rurais. Passou a arrendar uma plantação de cana-de-açúcar, em Santo Amaro, e ser dono de algumas cabeças de gado, numa roça em Portão. A roça era também lugar de lazer, para onde levava a família, os amigos, os parentes e os alunos de sua mulher, nos finais de semana e nas férias. Era cheia de pés de pitanga e mangaba, pequenas frutas que, ao cair, o capim escondia, mas as mãos encontravam. Alguns bois, como Botafogo, metiam medo; já as vacas eram mansas – o leite caía quente na lata e era logo bebido. Longe da casa rústica, entre as pedras, corria um rio de água clara, água para beber e banhar-se. As piabas, que as mãos dos meninos tanto tentavam pegar, nadavam bem na beira, encantando os olhos.

A roça continuou nas mãos de Muniz por alguns anos. Já a plantação de cana não deu certo; um incêndio destruiu o engenho. A tarde caía e ainda cai na memória de Melo e Zezo do dia em que deixaram a fazenda para trás. Uma senhora simpática lhes ofereceu um cesto de mangas carlotas, mangas tão doces quanto as que conheciam, porém menores. A luz alaranjada derramada por tudo, naquele fim de dia, os acompanhou a princípio, até que o breu tomasse conta da estrada esburacada por onde seguiam numa caminhonete, o pai ao volante e a mãe na outra janela, ambos tentando esconder dos filhos a tristeza que tomara conta deles. Por falta de tino comercial, ou falta de sorte, Muniz foi à falência. Chegou a

pedir dinheiro emprestado ao cunhado Natan, dinheiro que demorou de pagar, deixando ainda mais tensa a relação entre os dois. Nicinha empenhou joias, que não voltaria a ver, e ajudou o companheiro como pôde.

A casa também não era mais a mesma; havia tacos soltos, paredes envelhecidas, utensílios enferrujados. As festas políticas de antes, os grandes almoços na época das eleições (para os eleitores que vinham do interior), em que seu Natanael gastava muito do que ganhava, sem querer ser ressarcido, haviam finalmente tido fim. Desde 1950, com a morte trágica, em acidente aéreo, de Dr. Lauro, então deputado federal em campanha pelo governo da Bahia, o seu envolvimento com a política muito se diluíra.

A Escolinha, no entanto, foi seguindo o seu rumo, crescendo, com Sorinha ao leme. Passou para o lado direito da casa, ocupando salas, que viraram salas de aula. E, com o passar dos anos, à medida que o número de alunos foi aumentando, ganhou outros cômodos.

Mas e o piano? No princípio, as crianças iam para a “sala grande” e se sentavam no chão para ouvi-la tocar alguma música clássica. Porém, na lembrança dos filhos, de Melo e Zezo, ao se darem conta de que havia um piano em casa, era já um piano estragado, com algumas teclas mudas, outras soltas, outras com o revestimento de marfim descolando. A tampa de madeira da frente, caída, deixava à mostra as entranhas do instrumento e a trama por trás das teclas e dos pedais – cordas presas a pinos vibravam à batida macia dos martelos de feltro, depois do toque dos dedos dos dois irmãos. A mãe, no entanto, ao tentar tocar qualquer melodia, balançava a cabeça, desculpando-se – o som emitido nunca era o que ela esperava ouvir. Seus dedos, sem prática, haviam perdido a agilidade. E o piano que seu pai lhe dera quando criança já não era o que fora um dia. Quem melhor do que ela para saber distinguir? Depois, passou para o corredor, o piano, onde ficou algum tempo, as cordas enferrujando, se afrouxando, se desprendendo. Terminou no quintal, apodrecendo aos poucos, enchendo-se de chuva, inchando-se ao sol, como um barco encalhado, *entre árvores e esquecimentos*.



Tocando piano em casa, na “sala grande”. Década de 50.



Mamadeira e ABC

Às vezes, Sorinha levava seus alunos à casa da irmã Zelita. O piano que ela tocava era de sua sobrinha Ana Amélia, sua querida Beba. Ainda que a falta de prática tivesse diminuído sua intimidade com as teclas, era grande o efeito nos meninos, ao ouvirem pela primeira vez, ou novamente, aquele instrumento que lhes era tão raro. Ela aproveitava a oportunidade para lhes ensinar o momento certo de se aplaudir uma orquestra – sempre no final, jamais no meio. E assim, qualquer atividade era uma aula, e toda aula deixava em alguém alguma marca.

Muitos recordam com carinho a *Aula do equilíbrio*, uma aula que continuou a cativar as crianças daquela escola por muitos e muitos anos, e que ainda hoje é dada. Sentados de “pernas de linha” (pernas cruzadas), em círculo, no chão de alguma sala ou da varanda, os meninos e meninas concentravam-se num copo d’água posto no centro. Um nome era chamado. Essa criança se levantava, caminhava até o copo e, com cuidado absoluto, para não deixar cair nenhuma gota no chão, levava-o a um colega indicado pela professora, deixando-o à sua frente. Esse, por sua vez, se punha de pé e dava continuidade ao jogo, até que todos tivessem participado. Desse modo se aprendia a equilibrar água num copo, fazendo disso uma aula, um divertimento, um acontecimento memorável.

A mesma Lizzia, citada anteriormente, hoje diretora do Colégio Guadalupe, se lembra com clareza do dia em que ouviu, pela primeira vez, a palavra “indiscutível”, palavra que ficaria reverberando em sua cabeça de criança, talvez em busca do seu real significado, palavra que desde aquele dia histórico de 1969, permaneceria ligada àquele momento. A cena se passou ao ar livre, mas ainda hoje passa em sua memória, como um filme. Sorinha chega apressada, pedindo a atenção dos seus alunos. Sentada num banco de madeira, a menina ouve a novidade:

— O mundo acaba de ter a sua primeira conquista indiscutível. O homem acaba de pisar na Lua.

A dramaticidade da sua chegada e precisão de suas palavras trazem à tona o tom inimitável e confiante de uma mulher que sabia como passar conhecimentos, como manter a atenção dos seus pequenos ouvintes, e como fazê-los recordar de suas aulas, muitas vezes para sempre.

Há quem ainda se lembre de ter caminhado até a praia para perceber a curvatura da Terra, e assim aprender que ela era redonda.

Aula na praia

*Naquela sala de aula além da escola,
o piso era a praia de Periperi,
as paredes pairavam infinitas
e o quadro-negro era o azul do mar.*

*Os meninos e meninas se sentavam na areia
e aguardavam a aula começar.*

*O som das vozes se esvaziava no vento.
O silêncio ali tinha som de ondas calmas.
O suor do sol soletrava fachos de luz lenta.*

Não havia giz. Não havia lápis. Não havia letras.

*Pondo a mão sobre as sobrancelhas,
a professora sombreou os olhos.
Sua vista gasta atravessou vidraças grossas
de paralelas janelas gêmeas, em dourados aros.*

*Mirou o horizonte, como quem sabe ler o longe
e apontou um ponto branco, luz no meio do mar,
um barco a vela – chama que nos chamava a atenção.*

*Nosso olhar seguiu o seu dedo mestre,
enquanto a sua voz suave nos ensinava o simples:*

— Vamos observar o barquinho. Aos pouquinhos ele vai sumir.

*E assim seria.
O vento soprava a vela no azul daquele quadro
e a água ia apagando o barco...*

*Pois a quem fica a ver navios e barcos a vela se pondo
no abismo, como o sol após as seis,
toda linha reta é curva.*

*O barco apagado não havia afundado,
mas escorregado na curva da esfera.
Pois assim é e era, redonda, a Terra.*

(E quem some segue sendo em passeios pelo círculo.)

*Eu era um desses meninos.
E essa mulher era minha mãe.*

*Além-mãe, além-mar,
do outro lado do abismo,
da beira da ilha onde moro,
tento avistar essa praia.*

*Mas toda linha reta é curva,
turvando o alcance da vista.*

Nessa mesma década, mais precisamente em 1967, seria fundado o primeiro ginásio público de Periperi, o Colégio Estadual Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, após ter funcionado pelo período de uns dois anos no Esporte Clube Periperi, através do seu então presidente, o futuro vereador José Pires Castelo Branco, um dos fundadores do colégio. No mesmo ano, entraria em funcionamento, nos municípios de Simões Filho e Candeias, o Centro Industrial de Aratu (CIA). E em 1968, um novo ginásio seria inaugurado, o Centro Educacional de Periperi, mais conhecido como Comercial, que oferecia cursos profissionalizantes.

O comércio em Periperi era limitado. As compras maiores eram feitas na Calçada, Água de Meninos e no centro. Além do trem, já havia um ônibus, que saía pela Estrada Velha, mas só ia até o Terminal da França. A viagem era demorada. Devido à distância geográfica, ao se dirigirem ao centro, muitos diziam (e alguns ainda dizem): “Vou pra cidade”.

Nessa época, a feira já deixara a praia e passara a ser armada com caixotes, tendas e esteiras nas proximidades do posto de gasolina Atlantic, que ficava onde hoje fica o balão utilizado pelos veículos para entrar e sair de Periperi pela Suburbana. Foi a construção dessa longa avenida, que ligaria a periferia à Calçada, cobrindo o mesmo percurso do trem, que fez a feira mudar mais uma vez de lugar. E nesse novo local, quando quiseram fazer uma praça, passaram a feira para a Rua da Areia, de onde foi crescendo e tomando o tamanho que hoje tem.

Inaugurada em 1970, a Av. Suburbana trouxe para um lugar pacato a velocidade de automóveis e, com ela, inúmeros desastres desnecessários e muitas mortes. Já em 1972, nas imediações desse mesmo balão, entrava em funcionamento a Clisur, Clínica Suburbana de Urgência.

Alheias, em meio a todas essas mudanças, balançavam ao vento duas palmeiras altas – às quais deram o nome de Dois Irmãos.

Na década de 70, através da Suburbana, a população de Periperi continuaria a crescer. Para suprir a necessidade de casas populares, aterrando-se uma área de charcos, seria construído o Conjunto Habitacional Dom Eugênio Sales, o Conjunto da Urbis, inaugurado em 1972. E, em 1978, começariam as atividades do maior polo industrial do Estado da Bahia, o Polo Petroquímico de Camaçari.



Pró Ângela com os alunos Melo, Zezo, Zeel (o rei do milho), Lízia Giânia e Ana Cláudia.
Festa junina, 1970.

Mas fiquemos nos anos 60, quando duas sobrinhas de Nicinha, Ângela e Mara, ainda adolescentes, foram ajudar na Escolinha. Pró Ângela permaneceu alguns anos. Pró Mara ainda está lá. A princípio, sua tia e

madrinha de crisma a encarregou apenas de dar aulas de conversação aos meninos menores. Mas, percebendo o seu jeito e dedicação, logo que surgiu o método *A Casinha Feliz*, ela a inscreveu num curso com Prof.^a Sílvia Bahia. Ao longo dos anos, pró Mara alfabetizaria centenas de crianças, que aprenderiam a ler de forma lúdica. Na Casinha Feliz viviam os personagens, Mamãe, Papai, Vovó, Vovô, Vavá, Vevé, Vivi e Neném. Cada letra tinha sua característica própria. As vogais, chamadas de “amiguinhos”, eram lembradas através de versos:

*Sou redondo como uma bola,
tenho um gancho de espetar.
Para falar o meu nome,
abra a boca bem aberta
para o gancho poder passar: a*

*O meu corpo é um lacinho.
Sou toda perequeté.
Corpinho de bailarina.
Veja se é ou não é: e*

*Tenho um pingo na cabeça,
sou magrinho, nunca vi.
Para falar o meu nome,
sou obrigado a sorrir: i*

*O boizinho quando muge
está por mim a chamar.
Vamos ver quem é que pode
o meu nome adivinhar: u*

O o se apresentava zangado, sem querer muita conversa. Seus versos eram os mais curtos:

*Faça a boca igual à minha
E diga de uma vez só: o*

As consoantes eram os “ajudantes”, personagens que faziam, cada um, bem baixinho, o seu “barulhinho”, o som de uma letra. O *b* era o bar-rigudão que caía no chão com uma caixa cheia de lápis; cada lápis era um *l*. O *r* era um ratinho desobediente. Ao ir à feira, sua mãe lhe dizia para não sair de casa, mas ele saía e acabava tendo uma orelha arrancada pelo gato, *g*, e ainda encontrava a serpente, *s*. Os “ajudantes” só conseguiam

falar ao encontrar um “amiguinho”. E assim, eram lidas as primeiras palavras: pia, pau, papai, pipa, mia, mapa, ama...

Em dezembro, quando os muitos pés de flamboaiã abriam nas ruas o rubro alaranjado de suas inúmeras flores, num domingo quente, semanas antes do Natal, os pais, que haviam comprado roupas e sapatos novos, se arrumavam e iam com seus parentes e convidados à grande festa. Já alfabetizados, os alunos participavam de uma solenidade de encerramento, na qual havia uma missa em ação de graças e a formatura, com direito a beca, diploma e anel de ouro. Antes de pôr o anel no dedo de cada aluno, olhando dentro dos seus olhos, com respeito, carinho e apreço pelo sucesso alcançado, Sorinha falava ao microfone: “Eu, diretora da Escolinha Modelo Recanto Infantil, concedo grau de bacharel em Mamadeira e ABC a...” Dizia, então, o nome completo do menino ou menina, que, de pé, à sua frente, aguardava com a mão em sua mão. Seu Vivaldo tirava um retrato. O anel era posto no dedo da criança, Sorinha lhe dava um beijo, todos aplaudiam, e era como se aquele momento representasse o fim de uma etapa. Acabava assim o tempo daquele aluno na Escolinha, que só ia do Maternal à Alfabetização.

Após a colação de grau, os formandos faziam juntos um juramento:

*Prometo estudar
e cumprir os meus deveres de aluno
para a alegria dos meus pais e mestres
e grandeza do Brasil.*

Por fim, cantavam a “Canção da despedida”:

*Meu jardim chegou a hora,
me despeço de você.
Acabou-se a brincadeira.
Quem mandou, quem mandou
você crescer?
Acabou-se a brincadeira.
Quem mandou, quem mandou
você crescer?*

Os "Bacharés em Mamadeira e ABC" de 1959, pela Escolinha Modelo-Recanto Infantil, sentiram-se honrados com a presença de V. Excia. e Exma. família, às solenidades de sua formatura, no dia 6 de dezembro de 1959.

Sandra Lafene Hughes — Oradora Oficial
Antonio Dante Orrico Filho
Edinéia Alves dos Santos
Maria de Fátima Matos da Silva
Otilia Maria Porto de Paula.

PARANINFO

Dr. Péricles Diniz Gonçalves Filho

| | |
|------------------------|-----------------------------|
| Inteligência e Valôr — | Profª Maria Helena Fróes |
| Nobreza e Distinção — | Profª Silene Silva Lemos |
| Mestra e Amiga — | Profª Eunice Alves da Palma |
| Gratidão — | Natanael Alves da Palma |
| | Amélia Ramos da Palma |

PROGRAMA

Às 9,00 horas — Missa na Igreja de Periperi
Às 10,00 horas — Colação de grão no Cine Plaza.



Convite da primeira formatura. 1959. Diva Maria, uma das primeiras oradoras (à esquerda) e Maria das Graças, a oradora de 1967. Sorinha com um grupo de pais de alunos durante uma solenidade de formatura. Década de 60.

“Eu, diretora da Escolinha Modelo Recanto Infantil, concedo grau de bacharel em Mamadeira e ABC a ...”



Eleonora Pinto Franco. 1966.



Maria Clara Benício Balthazar da Silveira. 1968.



Natan José Muniz Barreto. 1972.



Maria Emilia Muniz Barreto. 1975.



Georgia Cristina Silva de Jesus. 1989.



Avencas e vidros

Muito antes de acabar o ano em que Lizzia se formaria, Sorinha começou a incentivar sua mãe, Rizete, a abrir uma escola primária, sabendo desse seu desejo e da escassez de bons estabelecimentos de ensino no subúrbio. Elas eram bem próximas. A amizade entre as duas vinha do tempo em que Nicinha fora sua professora de canto orfeônico no Ginásio Monteiro Lobato. Com a experiência de ter começado sua escolinha com mais coragem do que preparo, Nicinha sabia que o segredo era não ter medo de dar o primeiro passo. Funcionária do estado, Rizete não tinha nem tempo disponível nem um espaço adequado. Mas como a vontade era grande, ela e seu marido, Manu, ambos professores, aceitaram o desafio, e a escola deles, Nossa Escolinha, nasceu, em 1970, numa sala de aula da escolinha de Nicinha. A ação de ceder seu próprio espaço para que outros criassem suas escolas, sem medo de acabar gerando competição, disputa ou rivalidade, ainda seria repetida muitas vezes no futuro, assim como a constante orientação e ajuda a amigos, colegas e conhecidos na difícil tarefa de começar e dar continuidade à vida de uma escola.

Em 1971, a escola que um dia passaria a se chamar Educandário Senhora de Guadalupe já possuía um lugar seu, os fundos de uma casa alugada pelo casal, na Rua Eugênio Birne, nº 77. Seus filhos, Lizzia, David e Zeel (Lisandra e Paulo ainda não eram nascidos) começaram então a perceber o que os filhos de Nicinha já haviam descoberto, que a linha de separação entre a casa em que viviam e a escola que tomara parte dela jamais seria nítida.

Como muitos outros alunos da Escolinha Modelo Recanto Infantil, após se formarem, os filhos de Nicinha foram estudar em Nossa Escolinha. O avô Natanael não chegou a ver os netos dando adeus e rindo, ao saírem de manhã a caminho da nova escola. Em janeiro daquele ano de 1973, quase trinta e quatro anos após mudar-se para Periperi, um derrame cerebral lhe tomara a vida. Durante os meses em que foi perdendo a memória e se debilitando, era Muniz, seu genro, quem, todas as manhãs, antes de sair para trabalhar, tinha o cuidado de lhe dar banho. Em segui-

da, enquanto Ana ou Luíza, amiga de sua filha, lhe servia algum mingau, o velho Natanael ia juntando coisas: papel velho, lenço, pires, caneca. Dizia ele que queria despachar tudo para Canavieiras, sua cidade natal, e ponto de referência final.

A notícia da sua morte correria rápida, depois de anunciada no alto-falante de seu Otacílio, mas a falta que ele fazia à filha duraria a vida inteira.

Às vezes sozinhos, noutras acompanhados por outros colegas, para chegar à escola, Melo e Zezo seguiam por ruas que, em sua maioria, ainda eram de barro. O progresso ia chegando aos poucos em Periperi, e as ruas iam sendo asfaltadas por etapas; primeiro as principais. E no terreno baldio que abrigara a feira por algum tempo, área que ficava cheia de largas poças d'água quando chovia, e onde uma pedra havia sido posta com a promessa (não realizada) da construção de uma maternidade, via-se agora a Praça da Revolução, com grama, jardins, ficus italianos e uma gruta de pedra, no meio de uma piscina de azulejo azul. Sem água, essa piscina fazia as crianças imaginarem a alegria que teriam se um dia aparecesse cheia. Nas várias reformas passadas pela praça, muitas árvores plantadas foram derrubadas, mas um velho tamarindeiro que a precedeu ainda permanece lá.

Do tempo que passaram em Nossa Escolinha, em salas que ficavam nos fundos da casa grande, eles só trazem boas recordações. Melo, no segundo ano primário, era aluna de pró Ilma. Zezo, na primeira série, estudava com pró Edna. Dessas mulheres, eles se lembram com carinho do cuidado, do saber, do sorriso e da voz. No recreio, os dois iam merendar no armazém do pai da colega Iracema, bem ao lado da escola; tomavam um refrigerante de laranja chamado Crush e comiam com gosto um pão coberto de creme e chocolate, que lhes era dado num papel de embrulho rosa ou verde.

Uma outra lembrança hoje é lida por eles como prova da desorganização doméstica da mãe. Ana, às vezes, chegava tarde da Jaqueira, lugar tranquilo para além da Rua das Pedrinhas, onde passava alguns domingos com o irmão. Nesses dias, eles chegavam à escola sem café tomado. Só mais tarde, no meio da manhã, e de alguma aula, Ana aparecia com algo pronto. Eles se levantavam e saíam para tomar café com leite e comer pão com manteiga em algum canto do quintal. Por que razão sua mãe tinha tanta dificuldade para executar tarefa tão simples nesses dias? Por ser confusa, atrapalhada, desligada? A verdade é que, nos moldes de uma família organizada, aquela casa era bagunçada. A dona de casa Nicinha pouco importava se uma cama estava bem farrada, se os móveis estavam empoeirados ou se sábado era dia de faxina. E se a comida não estivesse pronta na hora do almoço, bastava atravessar a rua e comprar um ensopado de carne ou frango no bar de dona Madalena, mais tarde chamado de O Cantinho da Madá. Seu foco estava voltado a outras áreas: ao planejamento

de suas aulas, à educação e à felicidade dos filhos – disso ela não abria mão. O resto não lhe importava tanto. Foi esse o norte que ela lhes indicou. Conhecedora de todas as etiquetas, por trás de toda a sofisticação, encontrava-se uma mulher extremamente simples.

E diante da vida, assumia uma postura pouco conservadora para os padrões da época, muito provavelmente devido à sua própria história com Muniz. Era como se, após ter infringido as regras estabelecidas pela sociedade, tivesse adquirido outra perspectiva diante do mundo. Talvez tenha se questionado: “Se estou vivendo com um homem casado, quem sou eu para julgar alguém?” Fez disso o seu lema, e se fez mais humana, lembrando-se vivamente que havia sido alvo do preconceito de alguns, em insultos explícitos e comentários velados. Essa experiência, impactante, jamais seria esquecida. Até porque foi dela que veio a solidariedade de homens e mulheres que jamais a julgaram, gente que jamais a julgaria. Ela sabia do poder corrosivo das palavras mal intencionadas, quando lançadas de longe ou apenas sussurradas. Por isso preferia o silêncio, principalmente quando a intriga era contra algum conhecido seu, chegando-lhe cheia de provas, parecendo ser (e muitas vezes sendo) a mais pura verdade.

Seu passado pouco convencional a deixava claramente exposta aos olhos de todos, e talvez isso tenha proporcionado a aproximação de muitos. Ser passível de amar profundamente, de errar e de sofrer, sem jamais tentar maquiagem suas emoções, sem qualquer fingimento, ao invés de despertar críticas, despertou, na maioria das pessoas, o interesse e apoio mais genuínos – a compreensão é o elo que liga os homens. Talvez por isso fosse dona de tantos amigos, por saber compreender os labirintos em que cada um se perde para encontrar a si mesmo. As amizades que fazia eram, com raríssimas exceções, para sempre. Assim foi com Nedinha, Regina, Ráilda, Risoleta, Rizete, Cecé, Eulina, Emília, Manu, Luíza, Ninfa, Enice, Néelson, Avani e, com suas irmãs, Zelita e Zazá.

Sobre seus amigos, ela escreveu:

Fiz bons amigos, porque aprendi com meus pais o que é ser amigo. Tenho grandes segredos guardados, porque as pessoas confiam em mim; isso desde jovem.

Em 1974, seus filhos deixaram a escola de Rizete e começaram a estudar na cidade. Melo seguiu os passos da mãe, ingressando no Instituto Feminino, e Zezo entrou no Colégio Marista, muito além dos passos que dera o pai. A grandeza física desses colégios e a anonimidade dos seus muitos alunos, para quem vinha do aconchego de escolinhas que dividiam o espaço com casas, eram, no mínimo, intimidantes. Mas os dois se adapta-

ram, e foram percebendo o grande esforço dos pais. Decerto comparavam o que viam na cidade com o que havia no subúrbio. Diante do imenso Supermercado Paes Mendonça, no Canela, com suas portas de vidro que se abriam automaticamente quando o cliente se aproximava delas, o Supermercado Braga podia, para muitos, ter uma menor importância. No entanto, ele já representava um grande passo no progresso daquele lugar. Nele, assim como no Mercadinho Souza, local que parecia ter de tudo, as mercadorias ficavam expostas, ao alcance de quem chegasse. Era só pegá-las e passar no caixa. Tão diferente dos tantos armazéns que ali imperavam, onde o dono ficava atrás do balcão, e detrás dele, muitas prateleiras de madeira, plenas de mercadorias, às quais só ele tinha acesso: café, açúcar, fumo, tamancos, chinelos, feijão, querosene, sal, azeite, vassoura de palha. Assim era no armazém de Rodeiro, na Rua da Glória; de seu Butê, na Rua Carlos Gomes; e de seu Antônio, na Rua das Pedrinhas.

Já à procura de presentes simples, de carros e bonecas de plástico, que embora não fossem belas, tampouco eram macabras como as de pano vendidas na feira; ou em busca de botões, aviamentos, linhas, elástico, agulhas, alfinetes, classificadores, cola, lápis, caneta, pincel e outras infinitudes de coisas, visitava-se algum armarinho. O de seu Zinho ficava na Travessa Aurora, a rua da antiga *pharmácia* de Dr. Almeida. Melo e Zezo não o conheciam tanto quanto o Armarinho Santo Antônio, quase em frente à casa onde moravam. Adoravam ver dona Almira, a tesoura grande em sua mão deslizando com destreza e cortando o plástico com que forrariam seus cadernos e livros.

Do lado do armarinho, a Bombonière Guri, imã de meninos e meninas. Ali, dona Rilda, uma senhora sorridente e bondosa, vendia cocada, pé-de-moleque, paçoca, sorvete quente, quebra-queixo, chiclete, suspiro, nego bom, jujuba e os mais variados queimados, além de picolé e sorvete da Maguary.

Esses e vários outros estabelecimentos ocupavam os boxes que impediam, a quem passasse pela rua, a visão do campo de futebol. Da mesma forma, já não se podiam assistir a jogos da varanda da casa de seu Natanael. Os boxes não deixavam brecha. Entre os vários pontos comerciais havia bares, como O Cafona; A Casa das Farinhas; e a Barbearia Glória, de José Antônio, mais conhecido como Foca, no mesmo local até hoje, desde 1966.

O comércio não se restringia à Rua Frederico Costa, uma das principais. Em vésperas de festas, ou no próprio dia mesmo, ia-se à Rua Carlos Gomes, uma das suas transversais, onde ficava a sapataria de seu Walter, um senhor que, embora se movimentasse com dificuldade, consertava, apertava, folgava e lustrava os sapatos de muita gente. Mas tudo ali se perdia. Eram muitas as encomendas, muita a poeira, muito intenso o chei-

ro de cola. Muitas vezes, poucas horas antes de um aniversário, jantar ou formatura, o cliente, irritado, ainda tentava encontrar seus sapatos, procurando-os com seu Walter ou algum jovem aprendiz, num mar de calçados espalhados por todo canto. Por fim, o conserto ou lustre era executado às pressas, e tudo se resolvia. Havia os que saíam resmungando, jurando não voltar mais; mas quando precisavam, voltavam.

Na fachada do Cine Plaza, agora sob a gerência de Gilberto, os cartazes anunciavam filmes de caratê e pornográficos. Mas aos domingos e nos feriados, havia matinês para as crianças. Quando acabava a sessão, ficavam sabendo o resultado do sorteio; era uma alegria a mais ganhar um sabonete, bola ou boneca. Já à noite, os brindes eram outros – até garrafa de uísque!

Alguns dos sábados mais animados e concorridos se passavam no Flaminguinho, com os memoráveis desfiles de moda da loja de confecções de pró Aurelita, Ana Carla Boutique.

Periperi progredia, mas, apesar dos carros, por suas ruas de barro ainda passavam carroças, cavalos e bois. Nelas, deixavam o esterco, que, quando seco, era colhido por mãos de meninos e meninas, para adubar as plantas de suas mães. Uma dessas mães era Nicinha. Às vezes, aos sábados, ela mandava Zezo e Melo em busca pelas ruas da redondeza. Eles iam, munidos de jornais velhos, de muito riso e de alguma vergonha.

Para adubar avencas

*Eram de barro as ruas
e os bois erravam soltos
pelo subúrbio que algumas bocas
ainda chamavam fazenda.*

*Depois que o sol secasse
o esterco mole, a mãe
mandava os meninos em busca.*

*Com riso de graça e sem graça
deixavam passar os passantes
e só então se agachavam.*

*Em folhas de jornal velho
enrolavam o esterco duro
que a mão da mãe esfarelava
para adubar avencas.*

No entanto, nem tudo era tranquilidade e harmonia naquele lar, embora assim parecesse. A morte de seu Natanael tornou inevitável a partilha da casa entre os quatro irmãos: Zelita, Zazá, Natan e Nicinha. Recém-casados, Natan e sua mulher, também chamada Eunice, queriam que a venda da casa se realizasse com rapidez. Sem dinheiro disponível para comprar as outras partes, Nicinha via com aflição a possibilidade de tudo perder, tanto a casa, que tanto amava, quanto sua Escolinha, que não poderia existir de modo autêntico em outro lugar que não aquele. Seus filhos não viram o seu choro. Era nos braços da irmã Zelita que ela se desesperava. Mas, por fim, os irmãos entraram em acordo. E a casa ficou em seu nome.

O desentendimento e a distância entre Natan e Nicinha seriam passageiros. Pouco tempo depois, em 1975, esqueceriam suas desavenças passadas e se reaproximariam de forma intensa e verdadeira. Ele tinha então trinta e nove anos e acabava de receber um diagnóstico sério e decisivo – sofria de lúpus, num estágio avançado e irreversível da doença. A estimativa que lhe deram foi de apenas três meses de vida. E assim seria, nem um mês a mais – talvez dias a menos.

A rapidez com que tudo ocorreu, da descoberta da doença até a morte do seu irmão mais novo, entristeceu Nicinha e a remeteu a emoções que lhe lembravam todas as outras perdas que a vida lhe dera. Porém, embora fosse profundamente doloroso o que sentia, não houve desespero semelhante ao que sofrera com a perda da mãe. Sofreu sim, mas seguiu vivendo. Seguiu sabendo que saberia seguir.

Em contraste com a reação de dez anos antes, ao invés de se desfazer do que possuía, passou a possuir com mais prazer. A começar pela casa. Saber que aquela casa era sua, oficialmente sua, depois de quase tê-la perdido, depois de quase ter visto desaparecer com ela a Escolinha nela começada, dava-lhe uma grande tranquilidade, a serenidade necessária para saber apreciar o belo. É nessa época que ganha intensidade o seu interesse por objetos antigos. Começou comprando xícaras, peças de louça, fruteiras, às quais os donos não davam importância, e foi se enveredando pelo caminho dos móveis. Não era difícil a oferta. Muitos eram aqueles para quem móveis antigos nada mais eram do que móveis velhos. Armários, cristaleiras e bancos de tempos passados eram facilmente esquecidos e substituídos por algo moderno, mobílias que nem sempre duravam, às quais faltavam a força do jacarandá e de outras madeiras de lei.

Seu gosto por antiguidades fez-se público e conhecido de todos, parentes, amigos, alunos e seus pais. Logo começaram a lhe avisar quando viam algo que julgavam ser do seu interesse, algo que não lhes interessava. Nicinha imediatamente saía de casa, cheia de entusiasmo pela possibilidade de encontrar alguma peça única, ainda que parecesse em

ruínas, com vidros e espelhos quebrados, ferrolhos faltando, portas pendentes. Ela olhava para essas peças mal conservadas e já as imaginava restauradas, na sala principal de sua casa, para serem contempladas por todos que ali chegassem. Nessa sala, o taco havia sido substituído por lajotas; nos outros cômodos da casa (e nas salas da escola), o chão agora era de cimento branco, imitando o mármore. Já o sofá, era de alvenaria. No estilo de Nicinha, o rústico complementava o antigo.

Aos poucos, sua coleção foi aumentando: penteadeiras, mesas, cadeiras estofadas, de missa e com assento em palhinha, compoteiras, cantoneiras, imagens de santos, ferros de passar roupa a carvão. E ela se lembrava da origem de cada coisa, sua utilidade, seu significado em outros tempos. Não só dos objetos que a ela estavam ligados por laços da memória, como a cartilha com que fora alfabetizada, um mata-borrão e uma caneta tinteiro – presentes do pai –, a arca onde ele guardava as ferramentas, a mesa de costura da mãe e os tachos de cobre onde eram feitas cocadas, mas também de coisas anteriores à existência de dona Amélia e seu Natanael, como um pilão de madeira que vinha da época dos escravos. Lembrava-se também de que maneira cada coisa havia chegado às suas mãos, como um nicho, parcialmente queimado, que foi salvo do fogo, num quintal, pela mãe de uma aluna. Essa mesma mãe, a mãe de Silvana, ao lhe falar do nicho, disse ter visto também, nesse mesmo quintal da casa de uma amiga sua, uma enorme peça de madeira com tampo de mármore, peça do século passado, para a qual a dona já não via a menor utilidade.

Nicinha, que deixara o seu piano se acabar de modo semelhante, deixou o que estava fazendo para depois. Quis imediatamente ver a peça com os seus próprios olhos. Era uma cristaleira alta, com duas gavetas grandes, um armário e um espelho intacto, embora um pouco manchado. O mármore era o mesmo das mesas redondas que ficavam no saguão do Instituto Feminino, mármore italiano, de Carrara – certamente ela o reconheceu. Seus olhos não acreditavam no que viam. Tanta beleza a ser jogada fora! Voltou para casa acompanhando uma carroça, na qual balançavam o nicho e a cristaleira.

Tudo foi restaurado. O nicho se encheu de santos: Nossa Senhora Santana, Santa Terezinha, Santa Luzia, São Benedito e um Menino Jesus de braço quebrado. Já a cristaleira, pelo tamanho e imponência, ganhou lugar de destaque naquela casa e a atenção de quem nela entrava. Nicinha começou a referir-se a ela como “a peça que Silvana me deu”. O apelido pegou e ainda hoje permanece vivo. Seus filhos e pessoas mais próximas sabem que aquela cristaleira tem um nome: “a peça de Silvana”.

A madeira desses móveis atravessou os anos, passando por diferentes épocas, por diferentes casas, por diferentes donos, sem que nela ficassem

à mostra muitas marcas da longa viagem: meras ranhuras, pequenas fendas, algum amassado – não muito mais do que isso. Já os vidros não, por sua própria natureza mais vulnerável. Neles, qualquer risco era irreversível, qualquer rachadura era quebra. E a falta que faziam, nesses móveis “velhos” que Nicinha ganhava, encontrava ou comprava, era claramente visível.

Mas Zeca trabalhava com vidros. “Zeca” era como Muniz era chamado pelos parentes, alguns amigos e pela mulher. Depois de restaurados por seu Viriato, em Paripe, os móveis voltavam mais escuros, cheirando a verniz. Passavam a fazer parte da casa. Então, atendendo aos pedidos da mulher, Zeca media os espaços vazios das portas, prateleiras e laterais, onde seriam assentados os vidros que ele cortaria com um diamante. Tudo isso era feito com grande precisão, qualidade adquirida durante os muitos anos em que fora funcionário da CVB. Com o fechamento dessa empresa, Zeca abriria o seu próprio negócio, a Vidraçaria Bahia, uma loja de vidros que ficava ao pé da Ladeira da Montanha, sendo mais tarde transferida para a Ladeira da Independência, nas imediações do Campo da Pólvora. Viver de vidros não foi a realização de um sonho, apenas uma realidade necessária; foi a opção que lhe surgiu ainda cedo, e que ele aceitou, na falta de outra melhor. Não que não desejasse mudanças; desejava-as sim, e ia em busca delas, ainda que elas parecessem escapar de sua sina.

Viver de vidros

*Seus dedos desejavam
o que resta do giz
nos dedos de quem ensina,
palavras apagadas –
as cinzas de uma aula.*

*Mas em sua mão
um diamante não era um anel,
e sim um utensílio.
Meu pai cortava vidros
com a precisão de quem precisa.
E assim, nos sustentava.*

O que Muniz mais desejava na vida era tornar-se professor. Mas a falta de estudo, tendo só concluído o primário, representava uma grande barreira para a realização desse ideal. Tentando transpor esse obstáculo, em 1976, matriculou-se num curso supletivo. Tinha, então, quarenta e

seis anos. Ao sair do Marista, no final da tarde, Zezo ia andando em direção aonde o pai estudava. Ao chegar à Praça da Piedade, Melo já se encontrava lá. Além dela, outras quatro alunas do Instituto Feminino, amigas de infância dos dois: Joelma, Jurema, Leninha e Clarinha. O movimento na praça ia aumentando; algumas pessoas passavam apressadas; outras, como eles, estavam ali apenas passando o tempo. A tarde caía lenta, as luzes iam se acendendo, e aquelas seis crianças comiam acarajé, chupavam balas e começavam algum dever de casa, enquanto aguardavam, sem pressa, diante do Colégio Águia, a saída dos alunos após o término da última aula.

Naquele colégio, os alunos eram todos adultos, homens e mulheres dedicados, muitos deles estudantes, que após uma jornada inteira de trabalho, ainda encontravam energia para assistir a aulas de matemática, biologia, história, física, português e inglês. Muniz, um dos estudantes mais velhos, surgia em meio ao fluxo de alunos que ia descendo os degraus da entrada. Atravessava a rua, beijava os filhos, cumprimentava com carinho as quatro meninas, pagava os acarajés comidos por todos, e juntos caminhavam até a Variant marrom na qual se apertavam sem reclamar. Às vezes, além do acarajé, ele ainda os levava para lanchar no Paes Mendonça da Praça Cairu.

Em casa, depois do banho e do jantar, antes de cair exausto na cama, revisava os assuntos estudados. Seus cadernos, abertos na escrivaninha, deixavam à vista suas letras longas, sua caligrafia cuidadosa. Tinha todo o apoio da mulher, que além de incentivá-lo, fazia os filhos verem o esforço e empenho do pai com olhos de admiração, consideração e respeito. Assim viveu por alguns anos, entre vidros e livros; mas não foi até o fim. Em que momento terá ele desistido de continuar? Por que razão, exatamente? Impossível saber ao certo. Talvez pela dificuldade em conciliar os papéis de pai, marido, comerciante e aluno. Talvez por pura falta de tempo. Talvez tenha até sido uma decisão tomada como uma medida provisória, que os anos tornaram permanente. Qualquer que tenha sido o motivo, não foi sem tristeza que Muniz percebeu que o sonho de formar-se em professor ficara realmente para trás.

Ainda assim, essa decepção não o deixou amargo diante da vida, do mundo, do universo. Era meigo com os meninos, filhos com quem celebrava as mais inusitadas coisas, nos mais inusitados momentos, como quando os acordou no meio da noite para juntos contemplarem a Estrela-d'alva.

Numa noite azul de insônia

*Numa noite azul de insônia
nosso pai se encantaria
com o brilho de uma estrela.
Se a Estrela-d'alva brilhava
mais alva do que de costume
precisávamos todos vê-la.*

*Debruçou-se nas sacadas
e balcões do nosso sono
e nos viu vazios de nós.*

*Suas mãos mornas e meigas,
que tudo sabiam de vidros,
dos seus cortes e castigos,
e dos seus silêncios limpos,
também sabiam de peles,
de cuidados e carinhos.*

*Suas mãos mornas e meigas,
sem fazer nenhum alarme,
acordaram a nossa carne*

*Atravessamos a casa
e as fases finais do sono:
quarto, corredor, sala,
porta, varanda, portão.*

*Atravessamos a rua
como se não fosse nossa,
estrangeiros no umbigo
do subúrbio adormecido.*

*No outro lado da rua,
de costas às fechadas portas,
pusemo-nos lado a lado,
com os pés ao chão plantados.*

*Meu pai esticou o braço
como quem estica um arco*

*e foi lançando ao céu
as flechas do nosso olhar –
seu alvo era a Estrela-d’alva.*

*Meu pai que jamais seria
o professor que ser queria
nos ensinava uma lição
que eu jamais esqueceria:*

Contemprar é aplaudir sem precisar de palmas.

*(No azul escuro da noite,
quase de madrugada,
a Estrela-d’alva brilhava.)*

*Nós aplaudíamos em silêncio
a claridade de uma estrela.*

*Meus olhos meninos,
ainda verdes de vida,
já se encharcavam de encanto –
viver é se encantar...*

*Atravessamos a rua
como quem atravessa um rio
e o fluxo do asfalto
ralentasse nossos passos.*

*Minha mãe fechou o portão de ferro
como quem ergue uma barragem.
Mas a enchente de encantos
já inundara as nossas margens.*

*Naquela noite em nossos leitos
boiaríamos acordados...*



Muniz com os filhos, Melo, Zezo e Mila. 1973.



Enchente de encantos

Para Melo, Zezo e Mila, a “enchente de encantos” vinha tanto do brilho da Estrela-d’alva, contemplada àquela hora da madrugada, quanto da estranheza por terem presenciado Periperi parado, vazio do movimento habitual, sem a presença de quem quer que fosse além deles, os cinco que constituíam aquela família. De dia não era assim, nem de noite. O movimento era intenso – Periperi parecia a orla. Havia sempre pessoas nas portas, gente passando, andando de bicicleta, meninos correndo, empinando arraia, brincando. Nas ruas asfaltadas, o ruído dos carros de rolimã, das patinetes, o risco do garrafão, os gritos do baleado; nas de barro, a picula, o baba, os barcos de papel nas poças d’água. Fora os vendedores ambulantes: baleiros, verdureiros, taboqueiros, sorveteiros, vendedores de picolé e de pão.

Os filhos de Nicinha brincavam mais em casa, na área, que era enorme; se equilibrando no muro alto, andando pelo lixo, subindo nas árvores, se escondendo no escuro, fazendo num vão de um quarto o Elevador Lacerdinha, destelhando a casa de bonecas, criando o bloco Os Saltimbancos e o Clube da Amizade com os amigos que frequentavam a casa. Tati, San, Gagai, Ronildo, Liliane, André, Jacira e Uiu eram alguns deles.

Quem morava perto da Malhada se aventurava mata adentro. Eram meninos que iam em busca de mamonas, dos frutos dessa planta tão abundante naquela mata virgem e fechada, cheia de charcos, cheia de lama. Enchiam os sacos de “bolotas”, para lançarem, uns contra os outros, nas brincadeiras de guerra, gritando: “Aqui uma bitelona pra você!” Para entrar na Malhada, os meninos se metiam por caminhos ermos, sem saberem ao certo aonde iam dar. Seguiam em bando, mas deixavam sempre alguém de vigia. Não tinham medo de gente. Temiam a Mulher da Trouxa. Naturalmente, nunca a encontraram, como nunca encontraram o Bicho Papão. Havia esses personagens inventados para meter medo às crianças. Havia credices maldosas, como a que envolvia Maroto, um dos vendedores de leite, cuja roça ficava em Mané Paulo, e cujas vacas andavam soltas; com chapéu de vaqueiro, calça, camisa de manga comprida e longas unhas imundas, algumas línguas diziam que ele virava

lobisomem! E havia os bêbados, que suscitavam em todos um misto de medo, curiosidade e pena, seres sem paz, homens e mulheres que andavam pelas ruas descalços, sujos, e que eram chamados de doidos, pelos muitos meninos que iam atrás deles. Seus nomes eram desconhecidos da maioria, que só sabia dos seus apelidos: Sete Vidas Marca Gato, Pê, Me Mate, Baiúca.

À noite, era na Rua das Sete Casas, hoje Ambrósio Calmon, que os motoristas da empresa Ypiranga, após lotarem o espaço da garagem, deixavam os ônibus, detrás e debaixo dos quais, sem pensarem no perigo, os meninos brincavam de se esconder. Corriam descalços. Depois adormeciam no sofá, nas poltronas. Pelo menos era assim numa das casas. A mãe chegava tarde do trabalho, esquentava água e passava um pano úmido e morno nos pés dos filhos. Em seguida lhes sussurrava: “Mãe já limpou. Está na hora de ir pra cama.” Só então eles se levantavam e entravam nos quartos. Essa mulher era Nedinha, amiga de infância de Nicinha. Entre os seus filhos, a menina Edinéa, que já sonhava em ser professora. Anos mais tarde, na adolescência, começaria a trabalhar na Escolinha. Isso se deu devido à amizade entre Nicinha e sua mãe.

Naquela escola, as funcionárias quase todas entravam assim, por amizade, por indicação. A Sorinha, que não era formada em magistério, pouco interessava o diploma de suas professoras. A pergunta que a todas fazia era outra: “Você gosta de criança?” Mas a resposta positiva não era suficiente para convencê-la. De longe, ela prestava atenção nos gestos, no jeito de falar, na dedicação de cada nova contratada. De perto, ela observava as aulas, mas sem interferir – as sugestões e comentários construtivos eram feitos depois, com calma, cuidado e delicadeza.

Embora sem necessitar de novas funcionárias, ela às vezes não conseguia dizer não às moças que chegavam à Escolinha procurando emprego. Às vezes, a empatia era tanta que ela se deixava levar pelo instinto. Como aconteceu em 1976 com uma jovem que tinha o mesmo nome seu. Essa outra Eunice, recém-casada e recém-chegada de Juazeiro, com sua voz meiga, conquistou Sorinha de cara. Logo abandonou o trabalho de enfermeira na Clisur e foi trabalhar de professora na Escolinha; deixava de ser funcionária de Dr. Manoel e passava a ser professora de sua filha Andrea. Longe da terra natal e ainda mais longe do que sonhara ser sua vida de casada, sem a proteção dos pais e da família, era com Sorinha e Zeca que ela contava nos momentos mais difíceis. Eles a acolheram como a uma filha, e quando ela deu à luz Manuela, passaram a ser seus compadres.

Eunice viveria apenas dois anos em Periperi, mas sua amizade com Sorinha duraria para sempre, sobrevivendo à distância e ao tempo, através de cartas, telefonemas e visitas de ambas as partes. Com os três fi-

lhós, parentes e amigos (dentre os quais dona Paula, uma senhora de São Paulo que, entre suas diversas habilidades, sabia fazer limpeza de pele, geleia de mocotó e bolo de capim), Sorinha viajaria várias vezes a Juazeiro. Passeariam por Petrolina, Sobradinho, Salitre e veriam de perto o Velho Chico correr caudaloso. Também visitariam o ateliê de uma mulher que com agilidade trabalhava a argila, dando-lhe feições feias, monstruosas, transformando-a em carrancas – seu ofício a fizera conhecida como Ana das Carrancas, a Dama do Barro. Nessas viagens, Sorinha era sempre muito bem recebida por seu Aluísio e dona Litinha, os pais de Eunice. A atenção que eles dedicavam a ela deixava claro o seu eterno reconhecimento pelo cuidado que ela havia dedicado à filha deles.

Em 1981, ao pensar em abrir uma escola, Eunice teve todo o incentivo de Sorinha, que além de lhe indicar caminhos e soluções, logo lhe sugeriu um nome, imediatamente adotado: Escola Modelo Infantil. Para a dona dessa nova escola, nesse nome, quase igual ao da escola mais velha, ficou a lembrança permanente do tempo em que viveu em Periperi, da Escolinha em que trabalhou e da diretora que se tornou sua amiga.

Já em 1999, seria fundada em Feira de Santana a Escola Recanto Infantil. O nome semelhante, uma homenagem das ex-alunas Carina e Jamile à escolinha onde foram alfabetizadas. Em suas próprias palavras, desejavam “proporcionar às crianças de hoje uma pré-escola tão especial e sólida quanto a que tivemos acesso.”

Muito além do nome, Sorinha participaria ativamente da idealização e realização de várias outras escolas. Às vezes com palavras de estímulo, ideias novas e conhecimentos antigos, como aconteceu com o Colégio Santo Inácio, fundado por pró Natália, em 1976. Noutras vezes, sua participação se daria através de um gesto mais generoso, o empréstimo gratuito do seu próprio espaço, no período da tarde, já que a Escolinha só funcionava pela manhã. Isso ocorreu em 1975, com a Escola Recanto Feliz, de tia Sandra; em 1979, com a Escola São João Batista, de pró Mara; e em 1988, com a Escola Célestin Frenet, de Adinoam.

A diretora Eunice Palma parecia acertar sempre. As professoras entravam, passavam anos, saíam, seguiam outros rumos, mas permaneciam suas amigas. Assim foi ao longo de três décadas. Mas essa regra ganharia exceções, esse reconhecimento mútuo seria um dia quebrado, quando, em 1992, tendo sido despedida, uma funcionária abriu um processo contra a Escolinha. E dois anos depois, após serem afastadas amigavelmente e receberem o valor determinado num acordo, três professoras fizeram o mesmo. Sorinha se assustou, se decepcionou, se entristeceu. Se por um lado, lutavam por seus direitos, por outro, faltavam-lhes escrúpulos. Todas haviam entrado na Escolinha por amizade, por indicação. Uma

delas chegara até mesmo a ajoelhar-se no chão, implorando um emprego que Sorinha não teria dado se não fosse por insistência de sua filha Melo.

Mas deixemos as traições para depois. Voltemos a falar do belo, voltemos o nosso olhar para as ruas. De vez em quando, em alguma data comemorativa como o Sete de Setembro, “com a pureza de meninos uniformizados em dia de parada”, passava por Periperi a banda marcial do Colégio Castelo Branco ou do Colégio Comercial. Vestindo farda e luvas brancas, e numa perfeição que só se alcança com ensaios, rapazes e moças do subúrbio andavam com passos marcados, marcando o tempo de toques militares e de várias músicas que tocavam em bumbos, tambores, pratos, trompetes, cornetas, tubas e liras (metalofones portáteis), cujas batidas da baqueta nas lâminas de metal deixavam no ar a leveza de um som bem agudo, que tanto encantava a Zezo e Mila. Regendo o conjunto, Prof. Raimundo, ex-aluno de Nicinha, ou Prof. Marival – o sopro de um apito e a agitação de seus braços indicando a cadência a ser seguida. Na frente da banda, uma baliza, moça bonita abrindo o caminho com elegância. A banda passava e atraía a atenção de todos. Alguns se debruçavam na janela, outros saíam até o passeio, mas muitos mais a acompanhavam, levados pela marcha, pela harmonia, pela beleza.

No Carnaval, a banda dava lugar a blocos e cordões. Qualquer batucada arrastava a gente ao redor. Também a Mudança de Tetelo, que vinha de Coutos, e invadia as ruas com cartazes de protesto, galhos de plantas, cadeiras, sombrinhas, bacias e panelas velhas. Os caretas amedrontavam os meninos. Já os bailes aconteciam nos clubes, ao som de marchinhas de antigos carnavais, como “Bandeira branca”, “Mamãe eu quero”, “As pastorinhas”, “Alá-la-ô” e “Índio quer apito”. Adultos e crianças se fantasiavam de pierrôs, colombinas, baianas, havaianas, marinheiros, frenéticas, piratas, panteras e presidiários. Mas no último dia, quem ia ao Flaminguinho, vestia uma roupa qualquer; aquele era o dia do Mela-Mela. Nos bolsos, além de confete e serpentina, levavam pó de arroz, farinha de trigo, leite de magnésia, maionese, pasta de dente, dendê, graxa de sapato, talco e tinta guache. Por fim, a meleira se derramava pelas ruas; a banda de sopro saindo à frente, puxando os foliões que a seguiam sujos e felizes.

Em 1980, na segunda-feira de Carnaval, pela primeira vez em sua história e na história de Periperi, o bloco afro Ara Ketu desfilaria por suas ruas. Nele, a precisão substituía o improvisado. As alas, bem delimitadas, da diretoria ao povão, traziam fantasias inspiradas em trajes tradicionais africanos. Nas mãos, os adereços: meias-luas, estrelas, abanos. A batida marcante da bateria pulsava dentro de quem estava dentro do desfile, e dentro de quem estava fora. A voz potente de Rebouças mostrava o ca-

minho às outras vozes, que a seguiam em canções que falavam de mar, de açoites, de dor e liberdade.

E tudo começara de uma ideia de Virgílio, um dos sobrinhos de Nicinha. Quando menino, sentado num banquinho, quieto e cheio de admiração por sua tia, ele adorava vê-la e ouvi-la tocar piano – de vez em quando, seu avô Natanael, passando pelo corredor, corrigia alguma nota mal tocada. Já homem, ele investira tudo o que tinha, suas economias e seu tempo, envolvera os irmãos, parentes e amigos e, com característico desprendimento, deixara outros tomarem a frente e receberem as glórias de um projeto que a princípio era só seu.

O desfile em Periperi vinha com o aval dos elogios de comentaristas que, no sábado, ao verem o Ara Ketu passar no Campo Grande, se mostraram entusiasmados com sua beleza. Em Periperi, muitos acompanharam tudo pela televisão. As pessoas mais próximas, no entanto, viram além da beleza, sentindo, além da alegria, tristeza. Naquela manhã mesmo, morrera dona Alice, um dos amores de Natanael, avó querida de Virgílio, de seus irmãos e primos. Aos que sabiam disso, não era difícil perceber sinais de abatimento nos rostos conhecidos que, aparentemente alegres, em preto e branco ou a cores, fluíam no rio de imagens que invadia as casas pela tela da televisão. Zezo jamais se esqueceria do semblante de tristeza no rosto de sua prima Branca.

Naquele primeiro ano, muitos haviam ajudado na confecção das fantasias, amigos, vizinhos e conhecidos, pessoas como Dora, que fez todos os bordados de Richelieu para as batas. Na copa da casa onde moravam, na mesa onde eram feitas as refeições, os sobrinhos de Nicinha, acompanhados de parentes e amigos, cortavam panos, costuravam bainhas, colavam penas em abanos, cobriam meias-luas de papel prateado, e estrelas, de dourado. Entre essas mãos, as de Melo, Zezo e Mila. Aquela casa era a extensão da casa deles. Para eles, aquela era a “casa de Dinda”, embora a tia Zelita só fosse madrinha de crisma de Melo. Naquela casa eles sabiam que eram queridos pelos primos, pelos tios e pela avó Alice. Como não tinham radiola, o gosto musical que os três desenvolveram quando crianças muito dependia do gosto de seus tios e primos, e dos discos que esses adultos ouviam. Até hoje, certas canções os remetem à época, às manhãs e tardes passadas na “casa de Dinda”.

Zelita gostava de Luiz Gonzaga; Geraldo, de Jamelão; Mara, de Martinho da Vila; Anginha, de Clara Nunes e Alcione. As vozes desses cantores eram parte integrante da alegria daquela casa, presentes nos almoços de domingo, nas férias, nas festas, e preenchendo os momentos mais vazios da solidão de cada um. Ninguém jamais imaginaria que algum deles pudesse algum dia aparecer por ali. Mas o sucesso do Ara Ketu acabaria

levando para dentro daquela casa, em visitas rápidas, duas cantoras famosas. A primeira foi Clara Nunes, em 1983, um ano antes da sua morte. Chegou, cumprimentou os donos da casa, conheceu a sede do bloco, que ficava na praia, e foi ver a Lavagem do Bonfim, do caminhão do Ara Ketu, sendo vista e saudada por muitos, que seguiam o cortejo e davam-lhe adeus. Em 1985, seria a vez de Alcione, antes de lançar o disco *Fogo da Vida*, que trazia a canção “Ara-Kêto”. Essa segunda visita deixaria na memória das pessoas daquela casa um momento engraçado. Logo ao entrar, Alcione pediu um copo d’água. Mara foi até a cozinha, mas quando retornava, sua tia Nicinha lhe tomou o copo da mão, sussurrando-lhe em tom repreensivo: “Mara, este não!” Tratava-se de um copo de extrato de tomate, que ela imediatamente substituiu por um de cristal. Depois que Alcione se foi, ficou o riso ligado ao desligamento de Mara. As pessoas diziam em tom de gozação: “Mas, Mara, você ia dar água a Alcione num copo de extrato de tomate!” Ao que ela respondia: “Ah, não era água que ela queria tomar!”



A “casa de Dinda”: Avó Alice, com Zezo nos braços, Anginha, Antônio, tia Zelita, com Melo nos braços, Geraldo, Beba, Gel, Natan, Chicão, Virgílio e Mara. 1967.

No final da década de 70, um grande cantor se apresentara no Esporte Clube Periperi. Seu nome, Roberto Carlos. Em meio aos seus muitos admiradores, encantados com a sua presença, Nicinha. Aquele era o seu cantor favorito. E em cada novo disco dele, uma canção passava a ser

sua. Assim foi em 1978, ao ouvir pela primeira vez “Meu querido, meu velho, meu amigo” e lembrar, com lágrimas nos olhos, o quanto amara e fora amada por seu pai. Em 1980, cantarolava “Amante à moda antiga” e talvez recordasse, não sem alguma melancolia, o início de um relacionamento que há muito já deixara de ser romântico. Mas foi no ano seguinte que surgiu “Emoções”. Mais do que qualquer outra, essa canção lhe tocou fundo. Ela viu em seus versos quase um reflexo de sua vida, do fluxo incessante de muitas emoções, de momentos alegres e tristes, de risos em meio a lágrimas, e do eterno continuar. Essa se tornaria a sua canção preferida, e todos ficariam sabendo disso; os mais atenciosos passariam a lhe telefonar sempre que a ouvissem na televisão, só para lhe avisar, num gesto delicado, cheio de consideração. E nas festas de formatura, ao ser cantada por todos os presentes, ao longo dos anos, com o peso das perdas, das despedidas e das traições que foram lhe acontecendo, essa canção foi se fazendo ainda mais comovente, tanto para ela, quanto para aqueles que a amavam.



Sorinha, seus alunos e seus filhos. 1975.



Do Banho do Bebê ao Chá da Vovó

Ocupando a metade de uma casa e fazendo parte da vida de uma família, a Escolinha Modelo Recanto Infantil foi atravessando os anos. E tudo o que era aprendido por quem morava naquela casa acabava, de alguma forma ou de outra, sendo ensinado naquela escola – qualquer novidade virava aula. Para que assim fosse, Sorinha mantinha os seus sentidos acesos; em matéria de educação, nada lhe escapava. E se não sabia, ia em busca. Escrevia cartas a educadores, telefonava para psicólogos, visitava escolas, por onde quer que fosse, nas grandes capitais ou pequenas cidades do interior. E sempre conseguia encontrar algo de novo: uma canção, uma história, um modo melhor de dar uma aula. Para melhor ensinar, buscava constantemente aprender.



Fundamentos da Educação. Salvador, 1977.



II Jornada Montessori. Salvador, 1978.

Em julho de 1975, participou do primeiro congresso brasileiro de educação pré-escolar, no Rio de Janeiro. Em sua vida de educadora, foram muitos os congressos, as palestras e seminários assistidos. Na maioria das vezes, ela fazia questão de convidar suas professoras e funcionárias, responsabilizando-se por suas despesas. Também levava consigo amigos interessados e professores de outras escolas. No seu entender, era maior o prazer, quando o aprender era compartilhado – e o conhecimento. Mas não ficava presa a um método; adotava e adaptava o que lhe chamava a atenção. De qualquer forma, a essência do que aprendia em cursos ou

copiava de livros, programas de televisão e artigos de jornais acabava à vista de todos que por ali passassem, mesmo em visitas rápidas: as paredes da varanda viviam cobertas de avisos, poesias, ideias, dizeres, desenhos e fotografias. E assim como não hesitava em copiar o que julgava interessante, vivia passando adiante as ideias que desenvolvia, do *Banho do Bebê* ao *Chá da Vovó*.

E tudo era feito de modo tão natural! No decorrer de alguma manhã, surgia uma mãe com um bebê nos braços. Em poucos minutos, a sala de aula se transformava em sala de banho. Os meninos se posicionavam em volta de uma mesa, em cima da qual era posta uma banheira de plástico. Enquanto aguardava que chegasse a água morna, a mãe conversava com as crianças sobre o uso de cada coisa que ia tirando da bolsa: sabonete, xampu, creme, cotonete, talco, toalha. Essa conversa continuava durante todo o banho, com explicações simples, embora detalhadas, a respeito de cada etapa da higiene do filho. Por fim, ao falarem sobre as necessidades do bebê, de usar fralda, tomar mamadeira e chupar bico, Sorinha enfatizava que as crianças maiores já não precisavam mais disso. Não era raro, no decorrer dos dias seguintes, várias mães comentarem contentes que seus filhos haviam deixado o bico, a mamadeira, ou que já não faziam mais xixi na cama.

À frente do seu tempo, às vezes em suas aulas, Sorinha expunha partes do próprio corpo. Sem pudores desnecessários e dona da maior naturalidade, ao falar da importância do aleitamento materno, mostrava um dos seios. Do mesmo modo, sem qualquer constrangimento, ao falar do nascimento dos filhos, deixava à vista a cicatriz de suas cesárias. Além disso, teve a coragem de adotar o livro *De onde vêm os bebês*, e deixar que suas ilustrações coloridas descrevessem o processo de reprodução das flores, das aves, dos cães e dos seres humanos de modo sério e seguro.

Muitos alunos viviam dizendo às suas mães que queriam morar na Escolinha. Ou talvez desejassem mesmo morar na casa ao lado, casa cujo interior vislumbravam através de janelas e portas entreabertas. Casa que guardava algum mistério, que para alguns mais parecia um museu, com seus móveis antigos, escuros, e as cores mais variadas, em jarros, xícaras e outras peças de porcelana, além de talheres dourados e pratos de prata. Casa que outros viam como um lugar encantado, aconchegante, que se assemelhava ao Sítio do Picapau Amarelo. Casa que às vezes visitavam em aulas inusitadas, de culinária, quando Sorinha aproveitava para explicar o valor nutricional dos alimentos; de boas maneiras, onde aprendiam que nunca deveriam comer com os cotovelos na mesa e falar de boca cheia; ou para assistirem, pela televisão, a algum momento histórico que acontecia distante: cerimônias de abertura da Copa do Mundo, das Olimpíadas, o casamento de Princesa Diana, ou a posse de algum presidente.

Em certas ocasiões, quando menos esperavam, Sorinha aparecia na porta de alguma sala e anunciava aos alunos:

— Hoje vamos conhecer minha casa!

Eles saíam em fila, e a manhã tomava outro rumo.

As palavras eram importantes. Desde o Maternal, ao invés de “xixi” e “cocô”, os meninos aprendiam a dizer “micção” e “dejeções”. Nas aulas de boas maneiras, aprendiam não somente como se portar à mesa, mas como se comportar no mundo: na rua, o papel do queimado jamais deveria ser jogado no chão, mas posto no bolso; no ônibus, o lugar deveria ser sempre oferecido aos mais velhos, às gestantes e portadores de deficiências físicas; na vida, o respeito às diferenças deveria ser inalterável, refletindo o que se dava na escola. A Escolinha já era inclusiva bem antes de esse termo entrar em voga, ou de tal conceito passar a ser lei.

Muitos a viam como “escola de elite”. No entanto, eram poucos os filhos de médicos, advogados e engenheiros. Na verdade, em sua maioria, eram filhos de trabalhadores e donas de casa, e qualquer conforto que desfrutassem vinha de muito esforço dos pais. Em meio a esses, sem que ninguém precisasse saber, havia os que pagavam apenas parte da mensalidade, e os que nada pagavam – era grande o número de bolsistas.

Além da inclusão social, aquele ambiente estava aberto a outras diferenças, com a presença de alunos portadores de necessidades especiais, fato que não agradava a todos. Mas Sorinha sabia o que estava fazendo, e sabia, sem jamais perder a calma, ser firme na defesa do que acreditava, como o foi uma vez, no final dos anos 70, quando uma mãe de aluno, indignada com a presença de uma menina cega na sala de seu filho, pediu-lhe que a mesma fosse retirada da escola. O diálogo entre as duas se deu assim:

— Sorinha, sua escola está muito misturada, inclusive pessoas doentes.

Percebendo que a “mistura” à qual essa mãe se referia dizia respeito tanto à pobreza de alguns alunos bolsistas quanto à deficiência visual da menina Bárbara, Sorinha deu espaço para a reclamante se expandir, querendo ver até onde iria a sua intolerância, e saber ao certo de que matéria ela era feita, sem que ficasse qualquer dúvida no ar.

— Como assim? Não entendi.

— Uma escola desse porte com uma criança cega!

A resposta de Sorinha foi clara e incisiva. Sem falar alto, coisa que jamais fazia, disse com delicadeza verdades que precisavam ser ouvidas:

— A deficiência de Bárbara não é contagiosa. Contagioso é o preconceito. Bárbara permanecerá na escola.

E permaneceu. Se essa mãe de aluno retirou ou não o filho da escola que misturava classes sociais e outras diferenças, não se sabe ao certo.

Se ficou, parou de reclamar e passou a seguir determinadas regras, regras que para Sorinha eram lei, uma delas, o respeito às diferenças. Essa característica estava presente na mulher, na mãe e na amiga Eunice – a raça humana lhe era sempre bem-vinda. E em sua escola, muito mais do que os pais, lhe importava a criança, o seu desenvolvimento, o seu bem-estar, a sua felicidade. Ela sabia que se a criança não estivesse bem emocionalmente, não iria aprender.

A areia também era um questionamento, mas dela Nicinha jamais abriria mão. Queria mesmo que os meninos se sujasse, que tivessem total liberdade para lidar com a areia, a terra e a água, para que estabelecessem cedo um íntimo contato com a natureza. Nisso ela insistia, ainda que alguns pais discordassem do seu ponto de vista. Os alunos da Escolinha iam embora bem sujos. Às mães que se queixavam, ela perguntava:

— Você quer que seu filho chegue em casa limpo, sem brincar?

No seu entender, a importância do brincar era primordial, assunto sério mesmo. Para apoiar essa crença, fez construir na área uma casa de tijolos e outra de sapé, a fim de incentivar essas brincadeiras. Também pedia aos pais roupas que já não usassem. Recebia paletós, camisas, sapatos, chapéus, vestidos, saias, lenços e bolsas, que eram postos no *Baú do Encantamento*, para serem vestidos por meninos e meninas em seus jogos de faz de conta. Ela sempre se opôs a que crianças, ainda sem coordenação motora, aprendessem a ler e escrever, e era terminantemente contra cobrirem letras. Precisavam brincar, enquanto pudessem – jamais deixou de acreditar nisso. Tinha verdadeiro respeito por brincadeiras e jogos infantis, e não gostava de interrompê-los. Costumava fazer sua uma frase que ouvira e vivia repetindo: “O adulto deve trabalhar com a seriedade com que uma criança brinca.”

Provavelmente por isso, na memória da maioria dos que passaram pela Escolinha, está o tempo passado na área. Brincar era parte integral do dia a dia deles. À sombra de velhas mangueiras, sobre uma areia alva que vinha de dunas, construíram castelos, correram picula, brincaram de se esconder e fizeram suas primeiras descobertas, a partir do mundo ao alcance da mão. Tudo era vivenciado. Talvez, para muitos, as primeiras três palavras aprendidas e memorizadas com a ajuda de gestos tenham sido estas: mineral, vegetal e animal. Em todas as salas, desde o Maternal, havia um cantinho dedicado aos três reinos da natureza, com alguma pedra, alguma planta e a lembrança de algum bicho, no vazio deixado por insetos, em casulos, e por pássaros, em ninhos e casas de joão-de-barro.

Havia um dia em que a areia ficava toda molhada, e não era de chuva. As crianças chegavam com traje de banho, mas não para irem à praia. Nesse dia especial, o banho não era de mar, mas de mangueira. Um jato d’água imitava a chuva, caindo nos cabelos e corpos que o esperavam

com ansiedade, e indo atrás daqueles que em vão tentavam se esconder. No ar, em meio à risada, os gritos eram de alegria. Isso geralmente se dava na Semana da Criança, quando os jogos e as brincadeiras eram muitos: quebra-pote, pau-de-sebo, corrida com o ovo na colher, corrida de saco, “galinha gorda” e desfiles pelas ruas.



Sorinha dando um banho de mangueira nas crianças. 1982.

Mas as festas não se resumiam a uma semana. Eram muitas as ocasiões para fotos. Que o diga seu Ademar, o fotógrafo que, após a morte de seu Vivaldo, ganhou a amizade de Sorinha, o carinho de sua família e o respeito das pessoas que frequentavam (e que ainda frequentam) sua casa e sua escola, ao longo dos anos, desde 1974.



Prestando homenagem a Sr. Ademar, o fotógrafo da Escolinha. 1984.



Alunos da Alfabetização na casinha de bonecas e na casinha de sapé. 1972.



Meninos brincando na área. 1972 e 1976.

Sempre havia alguém ou algo a ser celebrado, e esses dias eram especiais. Tanto o Dia do Soldado e do Índio, quanto o *Dia do Azul, do Amarelo, do Vermelho e do Verde*. Na Escolinha, as cores eram cantadas, vestidas, celebradas separadamente. Já no *Dia do Salgado*, tudo se misturava. As crianças chegavam com pratos de feijão, arroz, macarrão, sopa, frigideira, cozido, fígado, ovo cozido, verduras. O importante era que aquela fosse uma comida da qual não gostassem. O objetivo era que a experimentassem. Alguns, e não eram poucos, aprendiam a apreciar o que, até então, haviam rejeitado.

Nas festas juninas, muitas vezes animadas pela Banda Interstadual do Tio Gogô, uma recomendação sempre se repetia; Sorinha não admitia remendos nas roupas. Justificava dizendo que aquela era a maior festa dos camponeses, para a qual eles reservavam o que havia de melhor no armário. Ela falava tanto disso, e de modo tão convincente, que algumas camisas xadrez e vestidos de chita acabavam sendo costurados, feitos especialmente para aquele dia.



Corrida de saco. 1976 (ao alto). Festa junina. 1984.

Uma semana antes do São João, era pedido às crianças que levassem latas de leite condensado vazias para a escola. Um funileiro fazia as alças, e as latas viravam canecas. No dia do *Café da Manhã à Moda do Campo*, sobre uma mesa coberta com uma toalha de chitão, havia também canecas e pratos de barro, além de um bule de ágata. Os caqueiros das plantas, que ornamentavam a varanda, eram enrolados em papel branco – mais um detalhe a dar um tom autêntico à festa. Na véspera, os alunos levavam algum aviso mimeografado para casa: que fizessem uma refeição leve na manhã seguinte. Era muito o que os aguardava na escola: cuscuz de tapioca, de milho, de carimã, pedaços de rapadura, aipim, pamonhas, batata doce, inhame, banana cozida, queijo cuia com casca, carne de sertão frita com farofa, manteiga de garrafa, café já adoçado na chaleira, leite líquido, requeijão, beijus, bolachas de goma, mingaus e bolos, de tapioca e de milho.



Café da manhã à moda do campo. 1994.

Querendo fazer uma homenagem a mulheres que muitas vezes faziam o papel de mãe, cuidando dos netos, enquanto seus filhos e filhas trabalhavam, Sorinha criou o *Chá da Vovó*. Nesse dia, essas senhoras eram servidas por mães e professoras vestidas de garçonetes. Mas antes, mais um detalhe delicado: uma tigela de porcelana, com água, lavanda e pétalas de rosa era passada à frente das convidadas, para que molhassem as pontas dos dedos, secando-os em seguida numa toalha de renda. O chá de morangos e rosas vinha de Londres, assim como o chá de jasmim e o açúcar em tabletes – coisas que ela pedia ao filho. O chocolate era servido quente, já os sucos de maracujá e goiaba, bem gelados. As bandejas só ofereciam coisas finas: sequilhos, *croissants*, pastéis de Santa Clara,

quindins, pãezinhos, coxinhas, saltenhas. Ao sair, cada senhora levava uma rosa, uma mensagem e uma manhã na memória.



As mães Ana Lúcia e Enice, vestidas de garçonete. Chá da Vovó. 1986.
Pró Mara vestida de garçonete com as alunas Taíse e Luana. Doceria do século XIX. 1993.
Chá da Vovó. 1999.

Muito antes do *Chá da Vovó*, houve o *Chá do Amor*, sempre num sábado, quando as mães eram convidadas para um encontro na casa de Nicinha. Era um momento de confraternização. Chegavam com brinquedos novos, para serem dados a crianças, cujos pais se encontravam internados no Leprosário de Águas Claras. Na Escolinha, as campanhas de solidariedade eram frequentes: leite e fraldas para Lucas, um menino que ficara tetraplégico; cobertores para os desabrigados; alimentos, como feijão, arroz, farinha, café em pó e açúcar, para uma senhora chamada dona Ana, para a Igreja de Periperi e para a creche Grão de Mostarda; e também lençóis brancos para o hospital de Irmã Dulce, que, pessoalmente, ia à Escolinha buscá-los.



Visita de Irmã Dulce à Escolinha. Década de 80.

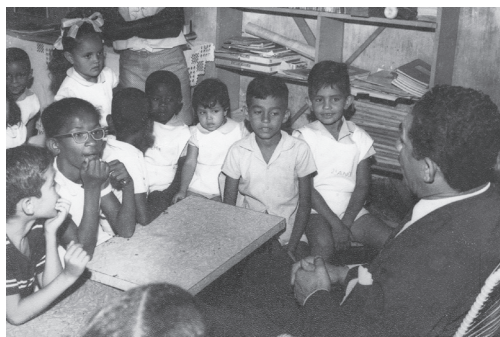
Era necessário saber agradecer. Sorinha incentivava seus alunos a cumprimentar e parabenizar, em datas comemorativas ou não, aqueles que serviam o subúrbio: médicos, enfermeiros, carteiros, bombeiros, funcionários da Coelba, da Embasa, padeiros, pedreiros e lixeiros. Além

do mais, a Escolinha mantinha suas portas abertas ao mundo de fora, através de visitas e entrevistas de alguns representantes da comunidade local e da cidade, como o guarda de trânsito Pelé, que após descrever o seu trabalho, demonstrou o efeito dos seus gestos, parando o tráfego da Rua Frederico Costa.



O guarda de trânsito Pelé, em frente ao Supermercado Braga. 1980

Os pais também eram bem-vindos, e muitos foram entrevistados, como o soldado Raimundo, cuja presença fez a filha Ana Cristina se sentir importante; o geólogo Luiz, que falava das pedras, de suas características e diferenças; e seu Nicanor, um vendedor de jornais que era paraplégico – pelo exemplo de vida, de luta e resistência.



Um grupo de crianças entrevistando um pai. 1967.

Assim como recebiam visitas, os alunos da Escolinha visitavam a comunidade em que moravam. Guiados por Sorinha, saíam pelas ruas de Periperi. Recém-alfabetizados, abraçavam pranchetas nas quais iam anotando os nomes dos lugares por onde passavam: supermercado, padaria, correio, farmácia, feira. Em cada lugar, uma nova aula. Ela nunca os levou a presídios, mas achava importante falar a respeito.

Além dos limites de Periperi, várias foram as excursões, tanto a museus quanto a fazendas – a natureza era tão importante quanto a cultura a ser assimilada. Árvores, rios ou bichos foram vistos na roça de Muniz, no sítio de seu Selles, no Parque da Cidade, no Jardim Zoológico. O artístico, o clássico, o histórico ou o popular os esperavam no Solar do Unhão; no Museu Carlos Costa Pinto; no Museu Henriqueta Catharino, antigo Instituto Feminino da Bahia, lugar que sempre trazia boas lembranças à memória da ex-aluna Eunice; no Museu do Dinheiro; na Casa do Benim; na Fundação Casa de Jorge Amado; na Academia de Letras da Bahia, com a sempre calorosa recepção do seu então presidente, Cid Teixeira; nas ruas do Pelourinho; nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; de São Francisco; do Bonfim; de Nossa Senhora de Escada; no Mercado Modelo, não só a parte superior, mas também a subterrânea, onde ficavam os escravos antes de serem leiloados; no Teatro Vila Velha, para assistirem às primeiras peças de Zezo; e nos passeios de trem, de Periperi até a Calçada – o mesmo percurso feito por Nicinha inúmeras vezes quando moça.



Sinara, Andreia e Andréa. Semana do Folclore. 1981.

Os passeios passaram a viagens mais longas a partir de 1977, quando teve início o Clube dos Pais, com a união de pais e mães, que pertenciam a dois clubes diferentes. Mas as viagens seriam raras, talvez apenas a Porto Seguro, pelo que recordam alguns. Mais frequentes foram as festas, as gincanas da Semana da Criança, quando os pais se fantasiavam de palhaços e de Chacrinha; e as mães, de Emília e outras bonecas, de rumberas, de Chapeuzinho Vermelho.



O pai fantasiado de Chacrinha é Adilton; a mãe vestida de jogadora de futebol é Evanice. Gincana da Semana da Criança. Década de 70.

Todos se empenhavam na realização das tarefas, mas a competição pouco importava; maior alegria vinha da alegria dos filhos, que já ficavam radiantes com a simples presença dos pais. Houve também, no Castelo Branco, jogos de baleado entre as mães, e futebol entre os pais. De tudo isso, porém, o principal foi a união de muitos casais, que se encontravam distantes no dia a dia, e o maior envolvimento desses homens na escola, na educação e na vida dos filhos.

Alguns puderam ver de perto que com Sorinha seus filhos aprendiam a pesquisar, a questionar, a pensar, a raciocinar, a não serem egoístas, a não criticar ninguém, a não mentir, a falar sempre a verdade, a serem quem eram, e principalmente a viver. Viam também que com ela aprendiam a aprender com os grandes escritores, às vezes sobre sentimentos e emoções ainda nem vividos por eles. Com Castro Alves, aprenderam sobre o horror da escravidão. Com Helen Keller, escritora americana cega e surda, a não ter medo de mudar o próprio destino. Voltando-se a versos de Drummond, memorizaram que embora o primeiro, o segundo

e o terceiro amor passem, o coração continua. E com o exemplo de Cora Coralina, doceira, poeta e contista, que publicou o primeiro livro aos setenta e seis anos de idade, aprenderam que a vida pode ser criativa na velhice. Também descobriram muito com alguns personagens. Desses, a mais lembrada será sempre Pollyanna, por saber jogar, diante das dificuldades da vida, o Jogo do Contente.



Mães vestidas de bonecas. Semana da Criança. Década de 70.

Sorinha sempre quis que seus alunos alcançassem mais do que o conhecimento de números e letras. Não sendo professora formada, gostava de se ver e de ser vista como educadora, tarefa à qual se dedicava por inteiro, dentro e fora do ambiente de trabalho. Em palavras escritas para serem lidas numa reunião de pais, descreve o que defendia:

Não dou para ser administradora; sou educadora. Há professores que são bons ao ensinarem alfabetização, matemática, português, etc., mas fracassam tristemente quando se trata de ensinar a serem seres humanos. Está faltando afeto! A criatividade e alegria não devem ser destruídas pelas escolas!

Um grande número de colégios se satisfaz em informar, desprezando sua dimensão formadora. Ensinam-se mais coisas, menos a viver, que é o mais difícil dos empreendimentos humanos. Preocupam-se em preparar o profissional, mas nem sempre se lembram de formar o cidadão, com noções de bondade, mansidão, tolerância e solidariedade.

Nessas reuniões, sua segurança assegurava os pais de que seus filhos estavam em boas mãos. Ela buscava conscientizá-los da necessidade de lerem na presença deles, para que criassem o hábito da leitura a partir do manuseio de livros, revistas e jornais. Pedia também que os casais se beijassem na frente dos filhos, para que o amor e o afeto não lhe fossem alheios e fizessem parte do seu cotidiano. Além do mais, na hora das conversas, afim de que pudessem olhar nos olhos dos filhos de igual para igual, e não de uma posição de superioridade, sugeria-lhes que se abajassem. Mas sem que isso significasse inferioridade. E suas palavras a esse respeito eram bem francas:

Já aprendeu a dizer não ao seu filho? Sem impôr limites, ficará uma criança insuportável! É preciso equilibrar o Amor com a Autoridade. Amar não é deixar fazer tudo que quiser. Se o diálogo não funciona, o castigo é necessário.

E a Escolinha foi crescendo, em número de alunos e reputação, através da indicação de muitos pais cujos filhos haviam passado por suas salas. Sorinha tinha consciência da competência, dedicação e importância de sua equipe de trabalho, nutrindo por suas professoras uma grande amizade e total confiança. Nos anos 80, querendo homenagear aquelas que haviam servido a Escolinha por mais tempo, pôs nas mangueiras placas de metal, dando nomes próprios a alguns cantos da área: Alameda “Tia” Mara, Praça “Tia” Edinéa, Bosque “Tia” Dilma, Praça “Tia” Zezé e Bosque “Tia” Sandra “Gorda”.

Os anos foram se passando, mas o esgoto que rasgava a praia continuava sujando o mar. E no cair da tarde, de muitos dias, um mau cheiro tomava conta das ruas, entrava pelas casas, pelas salas, quartos, cozinhas, corrompendo os outros cheiros, de comida, de limpeza, de perfume, de flor. Vinha da “Fábrica de Ossos”, como era chamada uma usina, à beira da Estrada Velha, onde grandes quantidades de ossos de boi eram incineradas para se fazer ração de cachorro; e o sebo era derretido para se fazer sabão. Depois a fábrica faliu, fechou, foi esquecida. Com o tempo, a área em volta foi perdendo o caráter de mata fechada. Milhares de árvores foram derrubadas, dando lugar a invasões e conjuntos habitacionais.

Outras mudanças se seguiram: o Cine Plaza virou igreja evangélica; o supermercado deixou de ser Braga para ser Olhepreço (e depois PontoBom); e a Travessa Frederico Costa ganhou o nome de Rua Natanael Palma, homenagem que muito emocionou sua filha Eunice. Na camiseta branca, que as crianças usavam como farda desde o final dos anos 70, o pássaro amarelo permaneceu, de asas abertas, levando no bico o nome daquela instituição, que em 1991, deixou de ser Escolinha

Modelo Recanto Infantil e passou a se chamar Escola Modelo Eunice Palma. Nessa época, o muro já era bem alto, e na entrada, que a casa ainda dividia com a escola, há muito já não havia jasmim, mas alguns ramos pendentes de uma pequenina flor branca chamada mimo-do-céu.

Sorinha sabia o nome de todos os seus alunos, e recebia cada um com um beijo. A despedida diária se dava do mesmo modo. E ao chegar a hora de ir embora de vez, ao saírem alfabetizados, dizia-lhes claramente que voltassem quando quisessem, sem precisar anunciar: “Cresçam, sejam homens e mulheres de verdade, estudem, se formem e voltem. Ao chegar ao portão, não precisam esperar, gritem: Sorinha, cheguei!”

Ela costumava fazer cartazes e ir de sala em sala, avisando a todos sempre que algum ex-aluno era aprovado no vestibular. Com o mesmo entusiasmo, vibrava quando ingressavam em outros colégios. Mas mesmo se não retornassem à Escolinha, ela continuaria sabendo deles, acompanhando-os de longe e festejando o sucesso de cada um, através de suas mães e de seus pais.

Era forte a ligação entre Sorinha e os pais de alunos. Muitos se tornavam seus amigos. Ao partirem, deixavam saudades, ainda que continuassem em contato.

Já a perda para a morte era sempre difícil de aceitar.

Uma das mortes mais tristes foi a de Argélia, em 1977, de eclâmpsia, ao dar à luz a menina Mariana. Argélia viera de Minas com o marido Alkimim e os filhos Marcelo, Rogério e Alexandre. Desses, só Alexandre, o mais novo, era aluno da Escolinha. Mas o carinho por Sorinha vinha de todos daquela família. Às vezes era demonstrado em gestos simples, mas que seriam para sempre lembrados por ela, como no dia em que Rogério lhe abriu a porta de sua casa cantando-lhe uma canção, por ele parodiada, de um comercial da Caderneta de Poupança Casaforte:

“As portas da minha casa estão sempre abertas para Sorinha!”



Sorinha com os alunos da Alfabetização. 1972.





Emoções

Em 1986, Sorinha sofreu uma grande perda; não por morte, mas pela distância. Aos dezenove anos, Zezo, seu filho, saiu de casa e foi morar no Rio de Janeiro, numa pensão no bairro de Botafogo. Buscava o teatro, o palco, a vida de ator. Ele sentia saudades de casa, mas seguia adiante. Ela, em casa, sentia saudades dele, e ficava presa ao passado. Foram muitos os telefonemas e as cartas entre os dois. Em suas conversas, ela sempre falava da falta que ele lhe fazia, e discordava totalmente das pessoas que insistiam em lhe dizer que sua saudade passaria com o tempo. Não passaria. Essa sua certeza era sempre reiterada em palavras ditas e escritas, como as que usou, em 1989, para terminar uma carta: “Um beijo, meu filho. Te amo muito e as saudades são permanentes.” Em 1993, ela lhe escreveria: “Você já sabe demais que a saudade é muito grande; jamais vou me acostumar com a sua ausência; respeito, aceito, torço por você, mas a saudade doe no meu coração.”

Fonte da Saudade

*E ainda tem gente que fala pra minha mãe
que com o tempo tudo passa,
como se amor de mãe fosse fugaz,
como se as lágrimas pudessem ser todas derramadas,
secando a Fonte da Saudade.*

*E ainda tem gente que é insistente,
como se minha mãe pudesse estancar tal corrente,
corrente de amor, de saudade,
que invade silenciosamente,
tira-lhe a calma
e flui eternamente
no leito invisível de sua alma.*

*Cabelos se embranquecem,
rugas criam raízes no terreno do seu rosto,
na sua face.*

*Enquanto isso ela vai vivendo,
levando
torcendo,
rezando,
pedindo a Deus que me abençoe,
me perdoe,
me acompanhe,
me oriente,
me ilumine,
me proteja,
me guarde.*

*E enquanto a saudade a invade,
ela vai chorando,
derramando em sua frente
as lágrimas que transbordam dessa fonte.*

*Tal fonte, tal corrente.
Onde se esconde a sua nascente?
Não sei.
Talvez tenha nascido junto comigo.*

Durante o tempo em que Zezo viveu no Rio, sua mãe o visitou doze vezes – para ver suas peças, para vê-lo atuar, ou simplesmente para vê-lo. Mas no Rio ele só passaria quatro anos e meio. Mais longe era a Europa, onde ele ficaria muito mais tempo, em Paris, Roma e Londres, a partir de 1990. Um oceano não se atravessa como uma rodovia. Mas a voz sim, e com imensa rapidez. Inúmeros seriam os telefonemas. E muitas as cartas. Sem falar nos pacotes, através de portadores, cheios de presentes. Ele receberia livros, fitas, CDs, sequilhos, farinha e até mesmo mangas e roletes de cana. Ela receberia retratos, postais, chás, lenços coloridos e frascos dos seus perfumes preferidos: Diorissimo, Fleur de Roccaille, Vetiver e Ma Griffe. Zezo lhe enviaria também suas primeiras poesias – versos cheios de saudade. (Na casa onde já não morava, seu quarto continuava sendo seu).

A saudade doeria para sempre no coração de Nicinha, mas era amenizada quando Zezo chegava a Salvador. Ele às vezes aparecia de surpresa, de manhã cedo, sem avisar a ninguém; batia no portão, acordava a casa e era abraçado por todos. Logo faziam os sucos, os bolos, as comidas que ele gostava, e tudo parecia ser o que havia sido, o mesmo lugar, o mesmo tempo – era como se ele nunca houvesse saído dali. Mas ao final de algumas semanas ou meses, no fim das férias, havia a volta, ao Rio de

Janeiro ou à Europa – era quando o faz de conta se desfazia. Nesses dias, ela sempre o acompanhava à rodoviária ou ao Aeroporto Dois de Julho, e com os olhos cheios de lágrimas, via-o desaparecer dentro de algum ônibus, ou por trás do portão de embarque. A distância entre eles se reafirmava por mais alguns meses ou anos, até a próxima volta. A saudade voltava a doer no coração de Nicinha, até o próximo abraço.

Volta não haveria para os desapontamentos, as decepções, as traições todas que a vida ainda lhe reservava. Em 1990, Melo já era professora de inglês da Ebec e Mila iniciava sua carreira de magistério, começando, na Escolinha, com doze alunos, o curso primário. Mais de três décadas se haviam passado desde a inauguração da Escolinha na varanda de uma casa. Os tempos agora eram outros. Sorinha se via obrigada a ceder a certas burocracias. Mila foi se encarregando de regularizar a documentação da Escolinha, de acordo com as regras impostas pela Secretaria de Educação. Mas enquanto tudo não se resolvia, Sorinha teve o apoio de donos de outras escolas, como Natália, do Colégio Santo Inácio; Ana e Fatinha, do Colégio Imaculada Conceição e São José; e Rizete e Manu, do Educandário Senhora de Guadalupe. Qualquer ajuda requisitada por Nicinha era prontamente atendida por seus amigos, queridos colegas de profissão. Ela que sempre ajudara na formação de novas escolas, via-se agora ajudada por escolas que ajudara a formar. Essa demonstração de boa vontade vê-se explícita num bilhete escrito por Prof. Manu:

Nicinha

Você há como negar um pedido seu.
Ordene.

Manu

O número de alunos havia diminuído. O quadro de professores precisava refletir essa mudança. A primeira funcionária a ser despedida não quis receber o valor oferecido. Receosa, Mila ainda conversou com quatro professoras. Todas aceitaram o acordo proposto. Assinaram um recibo, receberam o pagamento da rescisão, mas saíram com outras intenções. Com exceção de Nalva, todas abririam processos contra a Escolinha Modelo Recanto Infantil, assim como contra a Escola Modelo

Eunice Palma, o novo nome adotado por aquela antiga instituição. Talvez imaginassem ganhar grandes somas de dinheiro. Esqueceram, então, de que haviam entrado na Escolinha informalmente, algumas até de favor, e de que aquela não se tratava de uma grande empresa. Tampouco levaram em consideração a suposta amizade que tinham por Sorinha, nem pensaram no quanto a fariam sofrer.

Foi grande o susto de Sorinha quando começaram a chegar as cartas intimando-a a comparecer a audiências na Justiça do Trabalho. Sentia-se traída. Logo ela que tanto acreditava na amizade. Ela jamais se imaginara naquela situação. A apreensão pela possibilidade de se ver forçada a pagar uma grande quantia, dinheiro que não possuía, ou de acabar perdendo ou tendo que fechar sua escola, a deixou emocionalmente abatida. Desse golpe ela jamais se recuperaria. Mas esse não seria o último, nem o mais impactante.

Apesar da falta de experiência, do medo, e dos seus vinte e poucos anos, Mila tomou a frente de tudo. Um advogado apareceu para orientá-la. Ele era conhecido da família. Segundo ele, ela não precisava se preocupar; aquele caso era simples e seria resolvido rapidamente. Mila se encheu de dúvidas. Faltavam poucos dias para a primeira audiência, mas uma mudança de rumo teria que ser tomada – e assim foi. Ela entrou em contato com uma ex-colega do Marista, que lhe indicou outro advogado, Marcos Gurgel. A ausência de laços de amizade entre o advogado e a cliente garantiu um alto grau de profissionalismo. Logo no primeiro encontro, ficou clara uma grande diferença de postura. Enquanto o primeiro advogado nada escrevera, dizendo não ser preciso, o segundo diria uma frase jamais esquecida por Mila: “O advogado ganha na caneta”. Ele anotava tudo o que ela lhe dizia. E assim, de informação em informação, foi dando forma à sua defesa.

Muitas foram as pessoas que se prontificaram a testemunhar a favor da Escolinha. Muitas foram as cartas, os telefonemas, os abraços solidários de homens e mulheres que não se ausentaram naquela hora difícil para Sorinha. Sorinha já era uma senhora, e despertava em muitos um desejo de proteção. Além dos amigos mais próximos, alunos, ex-alunos e seus pais permaneceram ao lado dela. Entre essas tantas pessoas, Dr.^a Arcênia, que antes de ser mãe de quatro alunos que passariam pela Escolinha, que antes de Nicinha ser chamada de Sorinha, em meados da década de 50, foi sua aluna de canto orfeônico, no Ginásio Monteiro Lobato.

*Sorinha,
um abraço amigo.*

Salvador, 8 de junho de 1993

Soube por uma amiga em comum que um incidente desagradável está se passando em sua vida. Quero que saiba que essas coisas que se parecem grandes são muito pequenas aos olhos de Deus. Sei ainda que está sofrendo mais pela parte afetiva e emocional, que pelo valor material da questão.

Quero que fique patente a minha solidariedade, tanto afetiva quanto material. Não se preocupe, pois um trabalho tão bonito como o seu não vai ser maculado por essas “coisas pequenas”, vindas de pessoas menores ainda, que não sabem valorizar o lado humano e afetivo das pessoas lindas e reluzentes como você.

O que você tem feito ao longo de sua vida pelos nossos filhos é impagável, não tem forma que remunere. Amar só se paga com amor, e até hoje não existe moeda que o compre.

Coloco-me à sua disposição, e Antônio José também, para qualquer coisa que precisar.

Desta ex-aluna que te ama de verdade,

Arcênia

Aquela carta inesperada comoveu Sorinha às lágrimas, assim como a oferta feita por três de suas professoras: Edinéa e Sandra Rita se dispuseram a trabalhar sem receber; Tânia lembrou-se de um brinco de ouro e pérolas que recebera da mãe quando menina e quis deixá-lo à sua disposição. Tais gestos valeriam pela intenção, pela atenção, pelo gesto em si, pois nenhuma contribuição financeira seria necessária – ou aceita. O advogado julgou mais importante ter duas professoras como testemunhas em todas as audiências. Edinéa e Sandra Rita, apesar de todo o medo inerente à realização desse papel jamais imaginado por elas, aceitariam o desafio e permaneceriam firmes, com todo o tremor das mãos e da voz.

Uma outra lembrança ficaria marcada em Mila. Na manhã da primeira audiência, ao abrir o portão da garagem, chamaram-na do portão de uma casa vizinha – alguém que a aguardava. No tenso estado de espírito em que se encontrava, Mila atravessou a rua e foi ouvir o que tinha a lhe dizer Luíza. Aquela antiga amiga de sua mãe pegou sua mão para lhe dar força, e disse-lhe palavras de conforto: “Tudo vai se resolver... Se for resolvido hoje, se ela aceitar um acordo, eu tenho quinhentos reais na poupança.” Aquele era um gesto de amizade, de doação, de entrega, que Mila agradeceu comovida, sabendo do quanto ele representava.

Não houve nem haveria qualquer acordo, e nada seria resolvido rapidamente. Aquela primeira sessão serviria apenas para que fosse marcada uma nova audiência para o ano seguinte. Mila percebeu que o desenrolar daquela situação seria lento, mas não imaginava que se arrastaria por muitos anos. Os outros três processos correriam em paralelo – as audiências seguindo-se umas às outras. Dessa época, Mila se lembra bem das cartas que não paravam de chegar; a visita do carteiro já não era mais bem-vinda. E como se não bastassem as tantas intimações, um dia ele chegou com uma carta anônima.

A carta endereçada a Eunice Palma tinha um único objetivo, magoá-la. Era um ataque pessoal injusto, indigno e desonesto, pois a pessoa que lhe atirava pedras não tivera a coragem de mostrar-lhe a face, preferindo esconder-se, covardemente, por trás do anonimato de letras de fôrma. Por mais que suspeitasse de quem pudesse ter sido tão vil, Nicinha jamais saberia ao certo. Sofreu pela incógnita, pelo sarcasmo, por sentir-se ridicularizada, censurada; até o seu relacionamento com Muniz foi mencionado, de modo sinuoso e leviano. Seus filhos leram a carta, mas não entenderam o que ficava implícito nas entrelinhas. Ela então decidiu contar-lhes tudo, o segredo até então guardado deles. Ficaram sabendo do seu não casamento, da existência de outra mulher na vida de Muniz, e do quanto aquelas lembranças ainda doíam nela. Confortaram-na com abraços e palavras de carinho. Neles, a surpresa daquela revelação não chegou como um choque, mas como esclarecimento: estava finalmente explicada a falta de fotos do casamento dos pais, assim como a ausência de alianças nos seus dedos, e do sobrenome materno no nome que lhes fora dado.

As primeiras audiências ocorreram sem qualquer decisão ou acordo; serviram apenas para que fosse marcada uma futura sessão, com a presença de testemunhas. As intenções daquelas ex-funcionárias foram ficando mais claras; requisitavam o pagamento de vários benefícios estipulados pela lei trabalhista. Seria difícil satisfazer suas muitas exigências. O advogado de defesa argumentou que, ao entrarem na Escolinha Modelo Recanto Infantil, elas haviam aceitado as condições apresentadas pela diretora Eunice Palma, e que não era justo que agora agissem como se aquela escola fosse uma empresa de grande porte. Não o era. Como recorda Natália, ex-professora e amiga fiel: “A forma que Sorinha pagava a gente era tão simples, tão inocente; ninguém assinava nada. Às vezes, ela chegava no meio de outras pessoas e botava o dinheiro na nossa mão, apertadinho. Às vezes ela se esquecia e pagava duas vezes o mesmo valor.”

Sem deixar rastro de rancor, ao longo das décadas, passaram pela Escolinha dezenas de profissionais: Maria Helena, Marise, Risoleta, Eval-

dite, Tereza Arlinda, Ará, Ângela, Graça, Lúcia, Adailda, Josiane, Malena, Natália, Eunice, Solange, Telma, Ana, Leila, Margareth, Cristina Márcia, Evanildes, Olga, Telma, Nalva, Vanessa, Zezé, Sandra (Gorda), Dilma, Ieda, Daniela, Alessandra, além de Beba, que ensinou balé, e Gláucia, inglês. Por um tempo, as aulas de educação física foram dadas por Fernando, aquele que, em 1959, foi o primeiro aluno a chegar à Escolinha. (Hoje o corpo docente é formado por Mara, Edinéa, Tânia, Sandra Rita, Aneci, Telma, Terezinha e Jeovane, com a assistência de Ana, Ana Glória, Virgínia e André).

Além das testemunhas, sempre havia amigos que iam com Mila às audiências: Chiquinho, San, Risoleta e Melo foram alguns deles. Sua mãe, no entanto, não conseguia encontrar forças para acompanhá-la, tamanha a sua decepção. Ela ficava em casa ansiosa, rezando, esperando Mila chegar para lhe contar tudo, cada gesto, cada palavra, cada olhar, nos seus mínimos detalhes.

Mas, em abril de 1994, talvez por querer ver tudo com os seus próprios olhos, por querer olhar nos olhos de suas ex-funcionárias, ou por querer que a olhassem e a vissem forte, Nicinha decidiu comparecer a uma das audiências. Foi muito bem arrumada, trajando um vestido de seda rosa; queria mostrar a todos que estava bem. Mas algo a corroía por dentro.

Naquele mesmo mês, numa manhã como qualquer outra, esse sentimento veio à tona através de uma convulsão. Em carta escrita ao filho, ela relata o ocorrido:

No dia 14 de abril, amanheci desacordada, tensa, com a língua ferida de tanto morder; foi um choque muito grande para todos; levaram-me para o Hospital Caribé, em Paripe. Fui muitíssimo bem atendida, porque Nedinha ligou imediatamente para Jussara para que ela não saísse do plantão. Ela me esperou, e a médica e a nutricionista me atenderam; recebi soro e quando acordei vi minhas filhas, Ninfa chorando, Luíza, Mara, muita gente em volta de mim; e eu perguntando onde eu estava.

Voltamos para casa. À tarde, Melo me levou a Dr. Fernando Pondé, médico neurologista, e ele disse-me que eu tive uma convulsão provocada pela emoção; em resumo, foi tudo emocional. Pediu que eu jogasse tudo para o alto (quando Melo comentou com ele os problemas da Escola); ele tem uma irmã que passou pela mesma situação.

Eu estou bem, meu filho, tomando remédios todos os dias. No outro dia mesmo já comecei a dar aulas.



Tia Dilma, pró Natália, tia Nice, Sorinha, tia Sandra e o aluno Renato. 1976 (ao alto).
Pró Mara, tia Zezé, com o filho Dair nos braços, tia Leila e as alunas Sinara e Andreia. 1981.



Pró Sandra Rita, pró Ieda, pró Edinéa, Sorinha e pró Mila. 1994 (ao alto). Pró Mila, pró Telma, pró Sandra Rita, Ana, tia Tânia, pró Aneci, pró Mara, pró Edinéa e Lodinho. Comemoração dos cinquenta anos da Escolinha. Igreja de Periperi, 2009.

Ao longo dos anos, Sorinha recebeu muitas homenagens, placas comemorativas e agradecimentos públicos. Seu aniversário jamais passava sem flores. O mesmo se dava no Dia do Professor, no Dia do Amigo e no final de cada ano. Havia ainda a surpresa das alvoradas, quando a acordavam de madrugada com o canto de suas canções preferidas e a explosão de fogos de artifício, que riscavam o céu de Periperi. Havia também as visitas inesperadas de ex-alunos que seguiam à risca suas palavras e chegavam sem anunciar, sempre que tinham vontade, sempre que sentiam saudades dela, sabendo que ela os receberia de braços e coração abertos, curiosa por saber o caminho que a vida de cada um deles havia tomado.



Sorinha, recebendo presentes num dos aniversários da Escolinha. Década de 80.

As homenagens se estendiam à sua escola. Uma das primeiras aconteceu em 1974, quando, para celebrar os quinze anos da Escolinha, da qual seu filho Fernando Reis fora o primeiro aluno, Risoleta organizou a Festa do Reencontro, no Esporte Clube Periperi. Compareceram muitos alunos, ex-alunos, pais antigos e novos. Houve música, apresentações, abraços e muitas lembranças que ficaram à flor da pele. Por fim, cantaram juntos a canção que haviam ensaiado:

*Aqui vede tão linda encantada,
a nossa Escolinha aqui representada.
Aqui vede tão linda encantada,
a nossa Escolinha aqui representada.*

*Fundadores somos da Escolinha.
Com saudades vamos recordar.
Com a alegria e ternura de Sorinha,
estamos a nos reencontrar.*

*Aqui vede tão linda encantada,
a nossa Escolinha aqui representada.
Aqui vede tão linda encantada,
a nossa Escolinha aqui representada.*

Por várias décadas, a Escolinha continuou tendo os seus anos comemorados, às vezes com grandes festas, outras apenas com uma missa em ação de graças, ou com uma torta a ser saboreada por alguns alunos e ex-alunos que se lembrassem da data. Aquela terça-feira em que a Escolinha completava trinta e cinco anos, 19 de abril de 1994, cinco dias após Sorinha ter sofrido uma convulsão, não passaria em branco, como ela bem descreveu na carta que escreveu a Zezo:

O aniversário da Escola, trinta e cinco anos, foi simplesmente fantástico! Amanheci e vi uma faixa no alto, aí Mila falou: “tem outras, mãe”, e me levou para ver todas. Até na Suburbana, perto da casa de Néelson e Avani, na praça, no balão em frente à Clisur, defronte de casa, em cima do bar que fica junto ao supermercado. Às 7 da manhã, Cláudio Rafael chegou, porque não poderia vir mais tarde. Pela manhã, Rita Deysi, Lia, Enice, Zélia e Rodrigo cantaram parabéns; teve torta. À tarde também.

À noite houve missa, que foi belíssima. Revi tanta gente! Ai vão os nomes de alguns: Joelma, Sr. Zizica, Iraci, Júlia, Juliana, Berenice, Inês, Ozana e o marido, Éden, Emanuel, Sr. Valter e Vanda, a mãe e os trigêmeos, Cíntia e a mãe, Antônia, Natanael, Adinoam e filhos, Alicia e a mãe, Beto, Sônia Almeida, Idália e o marido, Jandira, Solange e o marido, Rizete e Manu, Heloísa e Sr. Paulo, Arcênia e o marido, Kléber, Dr.^a Lúcia e Vanessa, Leonardo (aluno do ano de 1963), Jenny (linda) e Chica, Renato, Evandilton e os pais, Leila, João Alfredo e a mãe, Margareth (ex-professora), Angélica, Aix, Sara, Edite e os filhos, Iraci e os filhos, Ninfa, Poli, Enice, Andréa, Mauro Tiago, San, Dairzinho, Célia, Roque, Sônia e a filha. Esses são os que lembro. A igreja estava lotada. Lembrei: Sr. Galdino e Marlene, os pais de Tita e Marcos. E Fernando (de Risoleta), o primeiro aluno a entrar na Escola, em 1959! Muita gente não pôde comparecer por ser dia de semana. Tudo organizado por Enice, Ninfa e minhas filhas. Recebi muitas mensagens, telegramas, flores. Após a missa, vieram para a Escolinha; teve um bolo, refrigerantes e um ator veio declamar um telegrama ao vivo. Fiquei muito feliz. Só faltou você, como sempre.

Mila se lembra de que, ao saírem de casa, encontraram uma pessoa no caminho. Essa pessoa era Sônia, aquela primeira aluna de piano de sua mãe. O carinho entre as duas atravessara os anos intacto. Após abraçar Nicinha, Sônia se dirigiu a Mila: “Vá, minha filha, vá ler com sua mãe que ela vai gostar.”

As faixas foram uma forma que os amigos de Nicinha encontraram de tornar público o seu apoio a ela, de deixar clara a sua posição, assim como um meio elegante de lhe agradecer a educação que receberam, algum favor que ela lhes fizera e, acima de tudo, a amizade que ela lhes dedicava. Suas palavras ficaram à vista de todos, penduradas entre postes e árvores, pelas ruas de Periperi.

Numa das faixas, a lembrança de um verso de Fernando Pessoa:

*Mãe, 35 anos valeram muito a pena,
pois sua alma nunca foi pequena.
Zeca, Melo, Zezo e Mila.*



Sorinha com o aluno Adriel. 1997.



Viagem à Europa

Depois de tanta tensão, decepção e tristeza, Sorinha recebeu dos filhos uma viagem ao Velho Continente. No dia 10 de setembro de 1994, dia do aniversário de Zezo, ele a esperava num aeroporto de Londres. Foram trinta e sete dias viajando juntos pela Europa. Nesse tempo, ela teve a oportunidade de ver de perto a vida que seu filho levava, de andar ao seu lado, de conhecer seus amigos. Ele a guiou por cidades estrangeiras, contando-lhe, ao mesmo tempo, fatos da sua própria história em algumas delas. Passaram por Paris, Madri, Lisboa, Montélimar, Nice, Mônaco, Veneza, Florença e Roma. Ficaram em casas de amigos, em hotéis e albergues. Visitaram museus, parques, teatros, palácios e castelos. Deram muita risada e choraram muito também, ao se lembrarem de lugares, de pessoas, do passado e de suas marcas.

Todo o tempo ela falava em seus amigos, em Periperi, em sua escola, em seus alunos. E tudo despertava o seu interesse. Via o novo com olhos curiosos de quem iria contar depois o que havia visto. Tudo lhe sugeria a possibilidade de alguma aula futura, aulas essas que já ia planejando. Guardava bilhetes de metrô, de ônibus, moedas, leques, fotografias, postais, bonecos, pedras, xícaras; objetos que acabariam expostos numa cristaleira que ela apelidara de “meu museu”.

Este capítulo é composto de passagens do diário escrito por Sorinha, para guardar do esquecimento suas lembranças dessa viagem:

9 de setembro de 1994

Arrumação para a minha viagem à Europa. Margarida fez meu cabelo pela manhã. Só disse aos meus alunos na hora de sair. Fiz uma surpresa aos meus meninos e alguns choraram. Laís, Isabela, Jackson Elmo, Ana Glória, Maurício e Ivo choraram muito. Eu também chorei. Despedi-me das “tias”. Isabel veio fazer minhas unhas. Almocei com Mila e Zeca. Edinéa arrumou minha mala, como sempre. Colocou sequilhos, cocada,

bolos, bolinhas de jenipapo, roletes de cana, etc. Fui me despedir dos alunos do curso primário, Ieda, Sandra Rita, Dilma, Nanoca, Lodinho, Zelita e família; chorei muito e Zela também. Liguei para Zazá e disse que ia viajar. Ela falou: “Ótimo, minha irmã, se divirta muito. Deus a acompanhe.” Obrigada, Zazá. Obrigada, Zelita. Vera (de Zelita) trouxe um cartão para Zezo. Antônio terminou de gravar a fita do aniversário de Priscila e saímos eu, Mila, Edinéa e Sidnei. Chegamos ao aeroporto e encontramos Nininha, ex-colega de Mila; ela resolveu tudo e me orientou.

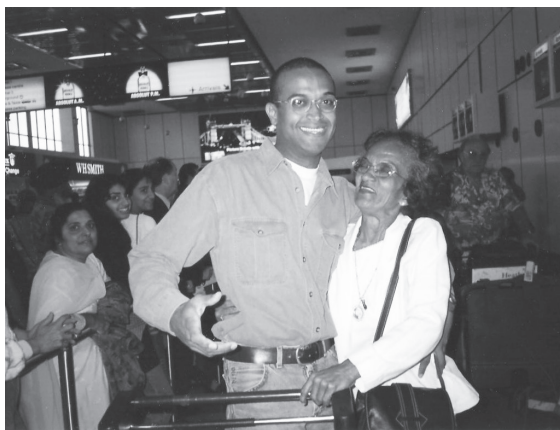
Antes de o avião levantar voo, chamaram no microfone a passageira Eunice Palma, pedindo que entrasse em contato com a tripulação. Era uma encomenda que Jussara estava mandando para Zezo, por intermédio de Nininha. Tomei um susto!!!

Sentou-se junto a mim um inglês e viajamos conversando. O nome dele é Peter; é professor de história da Universidade de Oxford, conhece a Bahia, já veio várias vezes ao Brasil. Foi ótimo. Dormi bem, jantei, tomei café.

Chegamos a Lisboa. Fiquei na fila com Peter, resolvi tudo. Telefonei para casa, falei com Melo e Mila. Viajei de Portugal a Londres com Maria Celeste, uma portuguesa que ensina na China.

10 de setembro de 1994

Chegando a Londres, procurei o balcão de imigração e encontrei uma jovem que me perguntou: “Vai passar quanto tempo em Londres?” Respondi: “Um mês. Vim passar o aniversário de meu filho, que é hoje; ele estuda inglês aqui.” Ela imediatamente carimbou o meu passaporte com um visto de seis meses! Deus está sempre comigo. Obrigada, meu Deus. Procurei o carrinho, coloquei as malas e fui encontrar Meu Filho. Muita alegria; choramos de emoção. Tina e Joãozinho estavam me recebendo e nos levaram de carro à casa de Jerusa e Marcos, amigos de Zezo também. Chegamos à casa deles e fomos muito bem recebidos. Conversamos e depois fui dormir. À noite, Zezo me acordou para cantar parabéns, com um bolinho pequeno que tinham feito para ele. Ele usou a camisa de Anginha.



Chegando a Londres.

11 de setembro de 1994

Visitamos o Castelo de Windsor. É uma ma-ra-vi-lha!!!

12 de setembro de 1994

Fomos à Galeria Nacional e vi quadros maravilhosos de Van Gogh, Picasso e Michelangelo. Vi um quadro com um almofariz igual ao de nossa casa. Jantamos num restaurante japonês com Jim, amigo de Zezo. Rimos muito por que não aceitei a comer com os palitinhos. Jim pediu garfo para mim. Depois andamos um pouco e vi lindas casas de chá. Fomos ao Teatro Príncipe Eduardo assistir ao musical “Louco por você”. O teatro é belíssimo e o musical, ótimo. Tem até binóculo nas poltronas e as paredes são forradas de cetim. Zezo está lembrando e rindo muito com as coisas engraçadas da nossa família e dos nossos amigos. Riu muito com a fila de mulheres para dançar com Natanzinho! Soubemos que há um restaurante chinês famoso porque os garçons são brutos!!!

13 de setembro de 1994

Fomos ao consulado para Zezo tirar o visto francês. Uma senhora do sul perguntou-me: “Está fazendo o diário?”

Tomamos o trem e fomos jantar com Andrea, ex-aluna muito querida. Ela foi nos buscar de carro com o marido. Ela falou: “Preciso fazer uma mesa bonita porque foi Sorinha quem me ensinou tudo isso; agora está na hora de fazer bonito.” Que bom ouvir isso, Andrea; saber que as minhas aulas ficaram para sempre! Na hora de servir o jantar, ela falou: “Eu lembrei que Zezo gosta de lasanha e fiz lasanha.” Quanta atenção! Quanta gentileza! Obrigada, meu Deus. Eles nos convidaram insistentemente para passar um final de semana com eles, para comprar coisas baratas. Aylesbury é um lugar lindo! Voltamos à noite, bem tarde.

14 de setembro de 1994

Fomos ao Museu Britânico. Fiquei encantada. Na ida, vi um negro lindo no metrô. Voltamos para casa. Patrick havia deixado uma mensagem para Zezo. Vamos nos hospedar na casa dele, em Paris. Meu filho está cheio de amigos numa terra tão distante! Tomamos o ônibus para Paris às 22h. A nossa grande surpresa foi o ferry boat, que parecia um pequeno transatlântico! Mesinhas de granito, cadeiras de cetim! Lembrei-me do Amaryllis, em 1961! Atravessamos o Canal da Mancha.

15 de setembro de 1994

Chegamos a Paris às 6h45. Zezo ligou para Patrick e ele veio nos buscar; é uma simpatia. Eu disse a ele: “Como eu te quero bem!” Ele nos recebeu com o maior carinho, tomou minha mala. Já tomei café com croissant. Estou só, porque ele e Zezo saíram para comprar alguma coisa. Ele é judeu e hoje não se alimenta;

faz parte da religião. Chegaram com pães, café, etc. Agradecida, eu o abracei. Então ele disse: “Natan é um irmão meu.”

Mais tarde, eu estava deitada no sofá e Zezo insistindo para eu ir para a cama; eu não quis. Ele perguntou se eu estava com sono e eu disse: Eu estou ouvindo música, estou com sono e estou emocionada com tudo o que tem acontecido. Aí comecei



Passeando em Paris.

a chorar. Ele veio sentar-se junto a mim e chorou também. Ele disse: “Eu também sou emotivo, mãe.” Fomos dormir. Zezo dissera a Patrick que eu sou formidável para visitar a cidade, porque olho tudo, observo, pergunto. E disse também que sou uma ótima guia quando saio com as crianças da escola.

Depois Zezo me levou para conhecer Paris. Vi o Arco do Triunfo, a Torre Eiffel, o Museu do Cinema e o Museu do Homem.

16 de setembro de 1994

Vi a Praça de Luxemburgo, onde tem o Senado; a Praça da Concorde, onde fica o Ministério da Marinha; o Café de Flore, que Sartre frequentava; *Saint-Germain des Prés*, a igreja mais

antiga de Paris. Visitamos o Panthéon. Dois séculos de história da nação. 1755 a 1790, a construção! Santa Genoveva, protetora de Paris. O Panthéon tem 94 metros de altura e 112 metros de largura. Subi 266 degraus. O recepcionista falando que eu não ia conseguir subir, e eu subi. Lá tem os túmulos de Victor Hugo, Louis Braille, Émile Zola, Rousseau, Voltaire.

Passamos pela Sorbonne.

À noite, Patrick nos levou ao teatro. Simplesmente maravilhoso. O nome é *Paradis Latin, Le Cabaret de Paris*. Ao chegar e vendo o luxo, eu falei para Zezo que não sabia que era esse luxo, porque fui com a mesma roupa que passei o dia. Mas foi ótimo. A cantora é negra. Muita alegria, alegria! Tiramos retratos. Tomei suco de laranja. Terminou às 24h. Patrick, como sempre, gentil, disse a Zezo que me colocasse no banco da frente do carro. Perguntou se eu estava cansada. Claro que eu respondi: “Não.” Ele queria nos levar para um passeio pela cidade, para que eu visse Paris à noite. Fomos ao *Sacré Cœur de Marie* e vi tanta beleza! 1h da madrugada, andando pelas ruas, sem nenhum medo! Voltamos para casa e fomos dormir. Ao sair do teatro, um funcionário veio correndo me entregar a echarpe que eu tinha esquecido na mesa!!!



Jardim de Luxemburgo, Paris.

17 de setembro de 1994

Acordamos às 11h. Rezei, tomei banho e ficamos esperando Patrick. Zezo passou meu casaco a ferro. Patrick chegou meio-dia. Saímos de carro. Compramos flores para a mãe dele e chegamos a um belo apartamento, luxuoso, chique e cheio de simplicidade. Conheci Betty, Ari e Alan, pais e irmão de Patrick. Adorei o almoço. Quando eu disse que Patrick era meu filho pelo coração, ela disse que ia ficar com Natan. Simpáticos e inesquecíveis, todos. Deus os abençoe sempre. Toquei piano, “Folhas Mortas”, e cheguei a me emocionar, me lembrando de tanta coisa boa.



Almoço na casa dos pais de Patrick: Ari, Betty, Patrick, Alan e Nicinha.

Ao sair, recebi de presente uma echarpe linda, que Betty colocou no meu pescoço. Saímos de carro, eu, Alan, Zezo e Patrick. Conhecemos o *Hôtel de Ville*, o Centro Georges Pompidou, fomos à Igreja de Santo Eustáquio, linda, onde vi imagens de Santa Cecília, São Francisco de Assis, Santo Antônio. Rezei. Fomos ao shopping, ao correio, passamos pela *Consiergerie*, o lugar onde os reis e rainhas ficavam presos, antes de irem para a guilhotina.

Fomos de ônibus à casa de Christine e Itaã. Conversamos muito e jantamos lá. Voltamos às 23h e passamos pela academia de pintura, onde Zezo começou a trabalhar como modelo e co-

nheceu Olivier. À tarde, ligamos para Melo e Mila. No caminho, voltando para casa, eu disse a Zezo: “Parece que você está em Periperi ou no Marista, porque tem tantos amigos!” Ele riu e gostou. Hoje não tomei café.

18 de setembro de 1994

Acordamos às 11h. A mãe de Patrick falou comigo ao telefone e disse a Zezo: “Sua mãe é uma pessoa muito delicada, muito amável; é muito bom conhecer pessoas assim.”

Fomos à Torre Eiffel e fiquei fascinada com tudo. Do alto da Torre Eiffel se vê a cidade.

Depois visitamos os esgotos de Paris.

Patrick me chamou de esperta, porque já conheci muita coisa aqui.

Andamos, andamos, conversando, e chegamos aos jardins da Praça da Concórdia, que foi inaugurada como Praça Luís XV, e depois passou a ser chamada de Praça da Revolução.

Estou escrevendo e vou dormir. Patrick quer passar o Carnaval na Bahia. Melo ligou à noite para eu não me esquecer de tomar o remédio. Obrigada, minha Melo.

19 de setembro de 1994

Sonhei com Mara essa noite. Tomei café, dormi e arrumei as malas. Antes de dormir, chorei um pouco, com saudades. Zezo falou assim: “É isso mesmo, mãe, eu também choro de saudades; isso é bom.”

Sáimos de carro com Patrick. Falei muito da Escola. Ele perguntou se eu queria almoçar rosbife ou frango. Imagine!

Em casa, escrevi cartões para Zelita, Ninfa, meninos da Escola, “tias”, Melo e Mila. Viajaremos à noite.

Patrick e seu amigo Didier nos levaram até dentro do trem. Ele ofereceu dinheiro; se Zezo precisasse, mandasse buscar! Nós nos despedimos e nos deitamos nas camas; ficamos no

dormitório. Havia dois árabes brigando por causa de lugar!!! A moça saiu para outra cabine, porque ali era impossível ficar!



Num trem noturno, Paris-Madri.

20 de setembro de 1994

Chegamos a Madri às 15h. Vi um restaurante lindo e me lembrei das Bodas de Ouro de Zelita e Geraldo. Uma decoração linda para fazer na área da Escola; farei, se Deus quiser; minha irmã merece uma festa linda.

Zezo pediu informações e tomamos dois metrô. Como o albergue fica num bosque, tivemos medo a princípio. Voltamos e perguntamos a um policial e ele nos disse que não era perigoso. Chegamos e nos alojamos no quarto 14. Conhecemos uma uruguaia, uma mexicana e dois portugueses.

21 de setembro de 1994

Fomos ao Museu Reina Sofia, onde tive a emoção de ver *Guernica*, obra-prima de Picasso!

Sáimos e fomos andando, andando, lanchamos, rimos muito, porque em Madri o comércio fecha às 13h e só abre às 17h30. Procuramos filme, mas não achávamos, por causa da sesta. Tiramos retratos com um taboquero na Porta de Alcalá. Rimos muito com um homem que não sabia tirar retratos!

Voltamos para casa correndo para não perder o jantar às 20h30.



Com um taboquero na Porta de Alcalá, Madri.

22 de setembro de 1994

Acordamos, tomamos café, nos despedimos de Manoel e Nuno, e fomos à estação deixar as malas guardadas. Ao entrar no metrô, vimos uma moça cantando e tocando “Três Palavras”! Saímos e fomos ao Palácio Real, simplesmente ma-ra-vi-lho-so! Fiquei encantada com tudo; vi maravilhas e sonhei novamente. Sempre me lembrando dos meus alunos queridos. Quanto tenho a transmitir a vocês, meus meninos!

Depois do Palácio Real, andamos pelas ruas, comprei leques e fomos à estação ferroviária de Atocha; linda, linda, linda, com um jardim interno belíssimo. Fomos tomar o trem; pegamos as malas e ligamos para Zelita, quarenta e nove anos de casada. Ela disse: “Eu falei que se Nicinha estivesse aqui, ela teria feito alguma coisa.” Ligamos para casa, para Ninfa, mas ninguém atendeu. Ligamos para Nedinha e ela, como sempre, alegre, me desejou saúde.



Em Lisboa.

Ao chegarmos ao compartimento, conhecemos Georgina. Perguntei-lhe de onde ela era. Respondeu: “Bahia.” “Onde mora?” “Canela.” Aí eu disse: “Eu moro no subúrbio de Periperi.” Ela falou: “Eu trabalho em Periperi, na Clisur!!!” Ela queria conhecer quem era Sorinha, por causa das faixas dos trinta e cinco anos da Escola!

Uma estação antes de Lisboa, conhecemos Michael, um alemão, estudante de Economia.

Ficamos todos hospedados no Residencial Santana.

23 de setembro de 1994

Sáimos eu e Zezo para conhecer Lisboa. Georgina bateu no nosso quarto; chegou cansada, conversamos; ela viaja amanhã para Paris.



Copos improvisados.

24 de setembro de 1994

Michael lanchou em nosso apartamento. Ele nos deu uma garrafa de plástico e Zezo fez os nossos copos!

Sáimos pelas ruas de Lisboa. Perguntei a um português sobre a estátua de Fernando Pessoa e ele nos orientou. O café A Brasileira fica no Largo do Chiado, na Rua Garrett. Fernando Pessoa (1799-1854).

Eliana Pittman passava pelo A Brasileira. Zezo disse: “Olhe Eliana Pittman”. Ela falou: “Brasileiros?” Conversamos, tiramos retratos e nos despedimos. Perguntou meu nome e disse: “Que chique, veio passar o aniversário do filho! Não almoce ali”, apontou para um restaurante e nos indicou um outro. Ah! Edinéa, Mila e Melo aqui! Largo do Chiado. Vi o Monumento a Luís de Camões. Rio Tejo – o cais parece o mar. Visitamos o Castelo de São Jorge; uma beleza! Jantamos num restaurante e fomos para o hotel.

25 de setembro de 1994

Acordamos às 9h30, mas hoje começa o horário de verão. Fomos a Cascais e só tiramos um retrato.

Em Lisboa, fomos à maravilha que é o Mosteiro dos Jerônimos, em Belém; vimos a saída de um casamento. O Mosteiro é qualquer coisa de inacreditável. Há os túmulos de Luís de Camões e Vasco da Gama. É algo de extasiar até quem não tem muita sensibilidade. Entramos no claustro. Depois fomos ao Padrão dos Descobrimentos; emocionei-me ao ver escrito “Porto Seguro 1500”. Onde houve o início das navegações para as grandes descobertas!

Obrigada, meu Deus.

26 de setembro de 1994

Acordei cedo. Tirei retrato de Zezo comendo, comendo, comendo, e com o copo feito de garrafa. Quando chegamos à recepção, Sr. Antonio nos avisou da greve dos trens. Tomamos um táxi até a rodoviária para irmos a Fátima; a lembrança de Ninfa está presente a toda hora. Estou com muitas saudades de Melo e Mila e de todos da minha família. Ao chegarmos ao Santuário, fiquei emocionada, rezei, chorei, pedi muito por meus filhos, Zelita, Zazá e suas famílias, Ninfa e todos que quero bem.

Na rodoviária, Zezo, como sempre engraçado, foi pedir informações à moça e o guichê já estava fechado; ele voltou três vezes e ela o atendeu todas as três vezes!

Voltamos e almoçamos no restaurante Tia Celeste. Lá havia molho de piripiri!

Ligamos para casa. Sandra Rita atendeu e Edinéa falou: “Sorinha, está fazendo falta!”

Michael veio se despedir e já vou dormir.

27 de setembro de 1994

Dona Maria bateu na porta para nos acordar. Chegamos à estação para tomar o trem para Caia. A primeira pessoa que vimos foi a funcionária que ontem atendeu Zezo três vezes! Ela riu para ele. No ônibus, encontramos dois holandeses gêmeos, Walter e Philip, que estavam no mesmo hotel. De Caia, tomamos outro ônibus para Badajós. Zezo viu uma rua com o nome José Muniz e queria voltar andando para tirar retrato!!! Vi o Colégio Salesiano; lembrei-me de Dinha e Çacau. Zezo brincou com o homem que trocou seu dinheiro: “É um assalto!” O espanhol riu. Zezo foi tirar o retrato da Rua José Muniz. Conhecemos um japonês, Aki; seu nome me provocou muita risada. Parece que estamos no Brasil! Ri tanto com o nome de Aki!

Estamos no trem; agora iremos para Madri.

Ao chegarmos a Madri, Walter, Philip e Aki pensaram em mim. Deixaram as bagagens entregues a nós e foram procurar hotel. Acharam um pertinho do Museu Reina Sofia. Obrigada, jovens, por tanta delicadeza e atenção. Quanta finura!

28 de setembro de 1994

Fomos ao Museu do Prado, onde só vimos maravilhas. Em algumas salas, o piso é igual ao da nossa varanda.

Na estação, rimos muito, eu e Zezo, lembrando os casos de Nedinha.

Tomamos um trem, depois outro, e saltamos numa estação que não sei o nome. Zezo sentiu saudades de dona Maria (da pensão do Rio); falamos em Licurgo, Dorinha, Bia, Zezé, Kiko, Sr. Germano, Gisele.

Estamos parados em Cannes. Cannes é um luxo!

Chegamos a Nice às 18h30. Como sempre, Zezo se informando de tudo. Aí eu disse a ele: “Meu filho, você não sabe como eu fico feliz ao ver você resolver tudo.” Ele respondeu: “Eu sei, mãe.” E me abraçou no ponto de ônibus.

Tomamos o ônibus e fomos procurar o albergue. Lembrei-me de Zeca vendendo suas mercadorias. Compramos lanche e chegamos ao Espaço Magnan. No início, fiquei receosa, porque os homens dormem em quartos separados das mulheres. Zezo me levou ao terceiro andar e fiquei só com Deus. Depois eu desci, lanchamos e conversamos muito.

Ele foi telefonar para Onila e aí entraram duas jovens; o senhor me mostrou que elas iriam ficar no meu quarto. Quando Zezo chegou, eu disse a ele, e então aconteceu o seguinte: como elas são inglesas, pedi para ele me levar até o quarto e me apresentar a elas. Ele disse: “Oh, mãe, como no primeiro dia de aula?” Levantou-se e me abraçou. “É, meu filho, como no primeiro dia de aula!”

Fomos para o quarto, ele falou com as inglesas e eu fui dormir.

30 de setembro de 1994

Iremos agora a Mônaco, um sonho de juventude, por causa de Grace Kelly.

Ouvimos o barulho gostoso da recreação de uma escola e me lembrei dos meus meninos.

Visitamos a catedral onde Grace Kelly está sepultada.

Visitamos também o Museu Oceanográfico e me lembrei imediatamente de Chiquinho. Aí Zezo disse: “É mesmo, minha mãe, ele ia adorar! É uma maravilha! Eu adorei; imagine quem vive no mar!”

Depois me lembrei de Chicão, quando vi um peixe lindo, colorido; a cobra-coral lá na roça que Chicão pisou quando era menino.

Hoje começou uma exposição de Renoir e Guino, simplesmente magnífica! Fiquei observando tudo do museu e Zezo veio sentar-se; aí conheceu Iami, uma alemã. Resultado: ela nos convidou para tomar um café e irmos ao Cassino Monte Carlo. Tive medo, porque fomos de carro com ela e o seu companheiro. Zezo me perguntou: “Está com medo, mãe?” Eu disse que sim e fiquei rezando durante a viagem. Ele disse: “Não vai haver nada não.” Fomos ao Café Monte Carlo e vimos o cassino. Chovia muito. O casal conversou muito com a gente e nos levou até a estação de trem. Pedi perdão a Deus por ter pensado mal dos dois, mas infelizmente o meu Brasil, que adoro, me fez ficar assim, com medo.

1º de outubro de 1994

Zezo foi me acordar no quarto, levamos as malas para a estação, guardamos tudo no guardador automático e fomos ao Museu Matisse. O museu tem trabalhos belíssimos!

Lanchamos e conversamos muito sobre Zeca. Depois nos lembramos de Rogério, filho de Argélia, cantando para mim: “As portas da minha casa estão sempre abertas para Sorinha!” Conversamos sobre os pais que gostam de correr com o aprendizado dos filhos. contei-lhe da professora do Rio que não sabia o que era filiação e sexo, na hora de preencher uma ficha. Zezo riu tanto! E também nos lembramos de Antônio Henrique, Percília e Ará.

Agora estamos indo para a residência da querida Onila.

Chegamos à estação de Montélimar e a querida Onila estava nos esperando com Armando. Foi uma alegria muito grande encontrar minha ex-aluna, que há trinta e cinco anos foi uma das fundadoras da Escolinha. Tomava leite na mamadeira, deitada nas roupas que minha querida mãe passava a ferro. Ela se lem-

brou de tudo isso e fomos para sua residência. Encontramos Su e João Paulo, seu filho. Jantamos sopa de feijão e frango, muito gostoso. Tomei café brasileiro gostoso e ficamos conversando até vinte para uma da madrugada. Onila lembrou que as unhas dos alunos eram revistadas todos os dias e que Cota a arrumava. Fomos dormir.

2 de outubro de 1994

Onila fez um prato bonito com abóbora e frango; adorei; é com queijo Catupiry.

Tomei um ótimo banho, almoçamos e fomos com Armando, Onila e Su a Orange, onde tem um teatro antigo e conservado; é belíssimo.

Onila falou: “O que a Escola ensinava a mim era o que a vida pede da gente; era um aprendizado de saber viver, do dia a dia.” Oh, meu Deus, como é bom ouvir isso dos meus ex-alunos!

3 de outubro de 1994

Acordamos e Onila queria sair com a gente, mas estava chovendo. Resolvemos ficar. Conversamos muito.

4 de outubro de 1994

João Paulo nos acordou para irmos a Avignon. Hoje é o aniversário de Chicão e me lembrei muito dele. Voltamos em paz.

Depois Onila nos levou à estação. Chorei ao me despedir dela. Ela ficou muito triste, queria que ficássemos mais tempo e nos disse: “Vocês me fizeram um bem enorme!” Quando o trem saiu, chorei muito. Ah, Onila, quanta saudade!

Saltamos em Marselha, tomamos outro trem, saltamos em Nice e pegamos outro, para chegarmos a Veneza.

5 de outubro

Veneza. Simplesmente fantástica! Zezo estava se informando no órgão de turismo e um senhor, gerente de hotel, veio falar com a gente, como Sr. Antonio, em Lisboa. Zezo pensou e depois o procurou.

O hotel é pertinho da estação de trem. Fomos a pé. É o Hotel Dolomiti. Deixamos as malas e fomos conhecer Veneza; eu fiquei fascinada! Andamos muito, como sempre, pelas ruas estreitas, lindas; ficamos observando as gôndolas várias vezes. Não nos cansávamos de ver aquela maravilha! Visitamos a Igreja de São Roque, o Palácio Ducalle, muito belo! Lá encontrei uma negra do Haiti, que reside em Nova York. Ela começou a falar comigo. Eu disse para ela: “Brasil.” Ela perguntou se eu falava francês. Eu fui chamar Zezo no outro salão e eles conversaram muito. Ela pensou que eu era jamaicana!

Fomos à Praça São Marcos, que é uma festa só. A Igreja de São Marcos, belíssima! Quando estávamos olhando as lojas da praça, uma orquestra com piano começou a tocar “Aquarela do Brasil”; aí a emoção chegou forte!

Fomos tomar o vaporeto, porque gôndolas eu não tive coragem, pois me lembram as canoas da minha infância. O vaporeto vai passando nos pontos para os passageiros entrarem. Veneza não tem carros!

Amanhã sairemos cedinho para Florença, com saudades de Veneza.

6 de outubro de 1994

Chegamos a Florença, deixamos as malas na estação e fomos conhecer a cidade, que é linda! Zezo deu a três crianças pedintes um pacote de bolachas, e fomos andando. Olhamos a arquitetura, as lojas e vimos o pacote de bolachas no chão. Zezo apanhou o pacote, botou no bolso e logo depois encontramos os três pedintes novamente. Zezo lhes perguntou se tinham comido as bolachas e eles responderam que sim! Aí Zezo mostrou o pacote a eles e foi muito engraçado!

Fomos à Academia e quando chegamos para visitar e admirar a escultura *David*, de Michelangelo, encontramos um casal de senhores. Era impossível a visita, porque o museu estava em restauração. Então o senhor falou para Zezo que daria dinheiro ao porteiro pra ele nos deixar entrar. Zezo traduziu. Aí aconteceu uma cena linda. Ele começou a falar com Zezo. Antes de traduzir suas palavras, Zezo me disse: “Mãe, a senhora vai ficar contente com o que ele está dizendo.” O senhor dissera a Zezo que eu parecia com a senhora que havia cuidado dele quando menino. Enquanto Zezo me transmitia suas palavras, ele começou a chorar, e a sua esposa também. Zezo disse: “Mãe, ele está chorando!” Ele me abraçou e tiramos retratos. Ele se chama Sr. Ron, e ela é Shirley

Depois fomos ao Museu Uffizi. Quando Zezo entregava os ingressos à moça, eu senti tontura e disse a ele. Ainda olhei alguns quadros, mas não estava bem. Sentei-me no salão onde a funcionária responsável chama-se Maria Pia. Perguntou o que eu estava sentindo, sorriu para mim e eu lhe disse da minha tontura, fazendo gestos. Zezo visitava os outros salões e voltava sempre para saber como eu estava. Num desses intervalos em que ele não estava, Maria Pia providenciou açúcar; no alto-falante, pediu que algum médico visitante fosse até a sala 8; providenciou tudo, tudo. Como não havia médico, ela chamou uma ambulância. O médico tirou minha pressão, perguntou a Zezo se eu era diabética, providenciou táxi. Tudo perfeito! Agradecemos muito a todos eles.

O motorista do táxi nos mostrou alguns hotéis perto da estação ferroviária. Procuramos, mas não encontramos vaga. Eu disse a Zezo: “Vamos viajar hoje mesmo a Roma?” Ele aceitou minha ideia. Fomos jantar num restaurante. Quando já estávamos comendo, quem eu vi também jantando? Sr. Ron e Shirley. Zezo os chamou, eles vieram à nossa mesa, tiramos novo retrato e Zezo falou do que havia acontecido comigo no museu. Ele disse que a minha pressão não estava alta e procurou a carteira dele de enfermeiro para nos mostrar. Ele é supervisor de enfermaria na Austrália. Nós nos despedimos e fomos para a estação. O trem partiu às 19h30 e chegamos a Roma às 22h. Procuramos hotel durante algum tempo e não encontramos, porque havia um concurso lá não sei de quê, e os hotéis estavam cheios. Todas as pessoas à procura de hotel; não achamos e dormimos na estação de trem. Eram mais de cem pessoas dormindo!!! Mais uma experiência de vida aos sessenta e dois anos! Dormi no colo de

meu filho Zezo. As situações se invertem. Há alguns anos, era ele que dormia no meu colo, e hoje...

7 de outubro de 1994



No Coliseu, Roma.

Tomamos o ônibus 64 para conhecer o Vaticano e a Capela Sistina. Fiquei impressionada com tanta beleza e riqueza. Lembrei-me tanto de Ninfa! Tenho sentido saudades, saudades das minhas Melo, Mila, Nana, Zelita, meus meninos, “tias” da Escolinha. Choro escondido de Zezo, desde quando cheguei à Europa. Sou assim. Não posso mudar com a idade que tenho. Gostaria de estar com Melo, Mila e Zeca juntos, vendo tanta beleza! O teto do Museu do Vaticano é qualquer coisa de fenomenal! Vi o menor e o maior livro de Códigos da Biblioteca do Vaticano. Vi a escultura de um filósofo chamado Lisia e me lembrei de Lizzia Rizete. A Capela Sistina é belíssima e me lembrei de Antônio José (de Arcênia), porque ele me falou que não deixasse de visitar essa maravilha. É realmente um sonho! Quando saímos de lá, eu perguntei a Zezo: “O Coliseu é longe?” Ele olhou no mapa, procurou saber qual o ônibus e fomos. Ele adorou, porque antes de chegarmos ao Coliseu, vimos as ruínas

do Foro Romano, que ele tanto queria conhecer. Voltamos a pé do Coliseu até a estação, e tomamos o trem das 19h10.

8 de outubro de 1994

Chegamos às 10h em Paris. Zezo ligou para Ila. Fomos para sua residência e ela nos recebeu maravilhosamente bem, com os braços abertos para me abraçar. Estou adorando estar com ela; estou muito bem tratada; descansei. Melo ligou preocupada. Eu tinha acabado de ler a carta dela e chorei muito com saudades. Ah, quantas saudades!!!



Bateaux Mouche, Paris.

9 de outubro de 1994

Acordei, tomamos chá e saímos. Fomos passear no *Bateaux Mouche*. Adorei o passeio. A guia turística falando ao microfone e explicando tudo. Todos os lugares por onde passamos, até a menor casa de Paris. Ao passarmos sob a *Pont Neuf* (Ponte Nova), a mais antiga de Paris, rezei de olhos fechados, fiz um pedido e beijei Zezo. Pedi paz. Depois fomos à Igreja de *Notre Dame de Paris* e fiquei tão feliz, porque assisti a uma bela missa, comunguei e me senti tão bem! A igreja cabe 9.000 pessoas!

10 de outubro de 1994

Saí com Zezo. Fomos ao Museu do Louvre. A-do-rei!!! Só vi maravilhas.

11 de outubro de 1994

Acordei, rezei muito, agradei a Deus tudo o que ele tem me dado. Eu e Zezo fomos ao Palácio de Versalhes. Tomamos o metrô mais rápido. Passamos por uma estação chamada Issy e outra chamada Issy-Plaine. Achei os nomes interessantes. Visitamos o palácio e depois saímos para visitarmos os jardins. Zezo começou a cantar. Cantamos músicas antigas: “Risque”, “Apelo”, “Negue”! Compramos um guarda-chuva para Edinéa!

12 de outubro de 1994

Hoje é o Dia da Criança. Desde ontem tenho pensado nos meus meninos. Que todos vocês, meus amores, sejam muito, muito felizes.

Fomos ao Museu d'Orsay, também espetacular; era uma estação de trem! Vimos belíssimas obras de arte. Antes de tomar o metrô, Zezo me perguntou: “Está cansada, mãe?” Eu respondi que não. Ele me abraçou e falou tanta coisa bonita! Na volta, passamos pela Aliança Francesa, onde ele estudou.

Fomos à residência de Madame Grésel, viúva do senhor que Zezo cuidava, levando para passear na cadeira de rodas, no Jardim de Luxemburgo. Levamos rosas para ela, lanchamos e nos despedimos. Compramos rosas para Madame Boila. Desejei me despedir de Ari e Betty, mas não houve tempo. Zezo ligou para Betty se despedindo e eu disse: “*Merci beaucoup.*” Patrick já está no México.

13 de outubro de 1994

Chegamos a Londres, à casa de Jerusa e Marcos. Recepção magnífica!

14 de outubro de 1994

Fomos ao Palácio de Buckingham, mas hoje não houve a troca da guarda. Tomamos o metrô. Quando saltamos, Zezo me fez uma surpresa. “Olhe pra cima, mãe!” Era o *Big Ben*. Lindo, lindo!

15 de outubro de 1994

Hoje é o Dia do Professor. Fomos fazer compras. Zezo começou a falar da saudade que está sentindo e disse: “Foi muito bom você ter vindo, mãe; passamos juntos esse mês.” Ao comprarmos as canetas de Marcos e Ninfa, ele começou a chorar na loja; cheio de saudades. É assim a vida.

Ligamos para Periperi e a minha querida Mila atendeu, muito alegre, graças a Deus; como fiquei feliz! Dei parabéns pelo Dia do Professor, perguntei pela Semana da Criança e ela, muito feliz, me disse: “Esse ano, mãe, fomos a Baixio com Ieda.” Graças a Deus, tudo em paz.

Ligamos para Andrea, avisando que iríamos hoje, mas seria tarde; ela fez jantar. Fazia muito frio quando chegamos a Aylesbury, às 22h. Fomos dormir quase meia-noite. A casa dela é um sonho! Como te quero bem, Andrea! Deus a abençoe sempre. O jantar estava delicioso!

16 de outubro de 1994

Acordamos 7h30, tomamos café e fomos à feira *Car Boot Sale* (as pessoas vendem do fundo dos seus carros). Zezo comprou tanta coisa! Andrea também. Lembrou-se de Mara, Sandra (Gorda) e Natália; que ela só queria ficar na sala de Natália.

Na volta, chorei um pouco na estação, sentindo saudades. Viemos cheios de pacotes.

Jerusa colocou o disco de Bethânia e disse: “Aqui tem sua música.” Ela sugeriu que eu e Zezo dançássemos. Chorei muito ouvindo “Emoções” e as minhas emoções sendo remexidas. Jantamos, conversamos e tirei minhas dúvidas sobre os museus. Zezo escreveu nos retratos e fomos dormir.

17 de outubro de 1994

Compramos a máquina de Mila. Mila e Melo vão dar muita risada quando souberem que Zezo só foi descobrir que a máquina dele é automática na hora que comprou a de Mila!!! Depois de um ano!

Ao sair do banho, ouvi Zezo chorando e ouvindo a música “Pai e Mãe”, de Gilberto Gil. Chorou muito, me abraçou, pediu desculpas por alguma coisa. Chorei também. Chorou muito, de

soluçar; disse que agora ele vai saber o quanto é difícil ficar; sempre é ele quem sai e hoje ele vai ficar!

Sáimos às 18h04, com saudades do carinho recebido por Jersusa e Marcos. Deus lhes pague.

Tomamos o ônibus, o metrô, e Zezo foi escrevendo cartões para Jussara, dona Rilda e Conceição. No aeroporto, perguntaram se eu queria uma acompanhante até o avião e ele disse que sim. Começou a chorar muito, a me pedir desculpas por alguma coisa. Mandou beijos para o pai, Melo, Mila, Nana, Ninfa, Luíza, Zelita e todos.

A funcionária chegou e nós nos despedimos mesmo, chorando muito. Deus o abençoe sempre, meu filho; a vida é sua, você estando feliz é o que importa. Fiquei na sala com Tereza, depois chegaram os outros passageiros. Sr. Francisco me chamou e eu fui com ele para o avião. Fui a primeira a entrar no avião. Antes agradei a Tereza.

Chorei muito no avião.

Chegamos a Lisboa e estou esperando o voo para Salvador.

Cheguei em paz, graças a Deus, e fui recebida com um lauto café da manhã.



Entre aproximações e distanciamentos

O que Sorinha vira e vivenciara na Europa foi logo entrando em suas aulas. Agora, além da obra de Aleijadinho e dos quadros de Picasso, começavam a ser mencionadas as esculturas e pinturas de Leonardo da Vinci e Michelangelo. Através de postais, seus alunos passaram a conhecer *Mona Lisa*, *David* e o teto da Capela Sistina. Ficaram sabendo também da existência da Catedral de Notre-Dame de Paris, do Arco do Triunfo e da Torre Eiffel. E ouviram pela primeira vez o nome do maior dramaturgo da literatura inglesa, William Shakespeare. Com entusiasmo, ela lhes falou de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, do rio Tejo, e lhes mostrou retratos da Torre de Belém, fortificação do século XVI, lugar de onde partiram os grandes navegadores portugueses.

Apesar da tenra idade, a partir dessas aulas de cultura e conhecimentos gerais, os alunos de Sorinha, como de costume, começavam a ver além de onde estavam, e vislumbravam o tanto que ainda tinham a conhecer. É lógico que não se lembrariam de tudo, nem era essa a sua intenção; mas em alguns ficaria aceso, para sempre, algum canto que até então estivera escuro.

Junto ao prazer de ensinar, o prazer de aprender – essa foi uma constante em sua vida. No ano de 1994, começou a fazer a Faculdade da Terceira Idade, um projeto da Universidade Estadual da Bahia (Uneb), tendo, entre outras, aulas de história, espanhol e teatro. Numa carta a Zezo, ela escreveu: “A Faculdade me faz muito bem. Aprendo muita coisa nova, faço reciclagem e me divirto com os colegas.” Dentre seus colegas, a escritora Mabel Velloso, a irmã que Caetano recorda na canção “Jenipapo absoluto”:

*Onde e quando é jenipapo absoluto?
Meu pai, seu tanino, seu mel
Prensa, esperança, sofrer prazeria
Promessa, poesia, Mabel*

Não demorou muito para Nicinha perguntar a Mabel onde poderia encontrar os seus livros infantis; ela os queria para os seus alunos. Mabel imediatamente se ofereceu para fazer uma tarde de autógrafos na Escolinha. Ao todo, seriam três: em 1994, 1995 e 1997.

As audiências prosseguiram e os processos iam aos poucos sendo resolvidos. Como as ex-professoras haviam assinado a rescisão, sem que o recibo houvesse sido homologado, Mila teve que lhes pagar a mesma quantia novamente, além do acréscimo de novos valores. No entanto, o processo que iniciara toda aquela situação ainda não atingira um resultado – e isso era preocupante. Havia sempre uma insatisfação no ar, um desacordo entre as partes, uma grande divergência de opiniões, o que acabava levando a frustrantes prorrogações.

Na sessão que muitos presumiam ser a última, a advogada de acusação se opôs a que Edinéa testemunhasse, alegando sua amizade com a família da diretora. Ainda que Edinéa tenha insistido, seu testemunho não seria ouvido, e a audiência seria cancelada.

O advogado de Mila quis saber se ela conseguiria outra testemunha. Mila balançou a cabeça afirmativamente, mas ainda não tinha na boca nem a ideia de um nome. Só na Suburbana, voltando para casa, uma pessoa lhe veio à mente. Ela pensou na mãe de uma aluna, uma médica pediatra muito respeitada em Periperi. Seu testemunho, caso ela aceitasse depor, teria um grande peso na decisão final, pois, segundo ela, aquela ex-funcionária, no tempo em que ainda trabalhava com Sorinha, havia visitado sua casa para pedir a ela e ao marido que retirassem sua filha da escola onde estudava e a matriculassem na escola que a filha dela acabava de abrir – um gesto antiético ao qual essa médica, Dr.^a Arcênia, não dera muita importância na hora, mas que poderia agora ter um grande valor perante a lei.

Será que ela aceitaria depor? Mila se perguntava, sem certeza da resposta. Pensou na carta que essa mesma médica escrevera à sua mãe anos antes. Lembrava-se especialmente de uma frase: “Coloco-me à sua disposição, e Antônio José também, para qualquer coisa que precisar.” Aquelas palavras eram fortes, mas será que significavam mesmo o que diziam? Só tinha uma maneira de descobrir: Mila teria que lhe perguntar. Foi por isso que, ao invés de parar em casa, ela resolveu passar primeiro na casa dessa médica. E, para sua surpresa, a resposta que recebeu dela foi um sim decidido, sem hesitações, apesar do medo.

No entanto, quando Mila já se encontrava em casa, conversando com seu pai sobre os acontecimentos do dia, ouviu a buzina de um carro. Era Dr.^a Arcênia, acompanhada do marido, Antônio José. Juntos, haviam tomado uma decisão. Sem sair do carro, ele disse a Mila que a

mulher não iria mais, pois poderiam alegar que era amiga de Sorinha, além de ter sido sua aluna no ginásio. Foi então que ele revelou o resto:

— Quem vai sou eu!

Mila mal pôde acreditar no que ouvira. Aquele homem era Antônio José Carneiro D'Oliveira, procurador regional da República do Ministério Público Federal.

Tendo perdido a ingenuidade do princípio, Mila sabia que o principal agora era guardar segredo. Além de seus pais, Melo, Zezo, Edinéa, Sandra Rita e Chiquinho, seu namorado, ninguém mais teria conhecimento de quem testemunharia a seu favor.

O sigilo foi tão absoluto que, no dia da audiência, ao ver Antônio José, a ex-funcionária da escola chegou a cumprimentá-lo, tomando sua presença ali como mera coincidência, e nem de longe imaginando que em poucos momentos ele estaria testemunhando contra ela.

Antônio José precisou de poucas palavras. Após o seu curto depoimento, a juíza perguntou à advogada de acusação se tinha alguma pergunta a fazer. Ela lhe respondeu que não. Restavam ainda algumas decisões a serem tomadas entre os advogados, mas já não haveria mais audiências. Assim se encerrava aquele longo período de espera, apreensão e incerteza. A vida poderia agora voltar ao normal.

Pelo menos era assim que pensava Nicinha. Mas assim não seria, pelo menos não por muito tempo. A vida de cada um está tão ligada à vida de tantos outros, e depende tanto da vida de alguns, que uns acabam depositando noutros total confiança. Não é raro reverberar em dor indomável uma grande decepção.

Muniz escondia um segredo de Nicinha, um segredo de alguns anos, segredo esse que ele foi revelando aos filhos, e que eles também esconderam da mãe. Todos sabiam que ela um dia acabaria sabendo de tudo, mas ninguém tinha coragem de lhe contar nada. Ninguém tinha coragem de lhe contar que o seu companheiro tinha dois filhos com outra mulher, uma segunda família. Nessa época, Muniz já não trabalhava com vidros, mas vendendo verduras, frutas e leite numa barraca improvisada na frente da casa onde morava. O dinheiro era pouco, a idade avançava e a paternidade permanecia oculta. Viver se mostrava difícil. A vida real virara uma farsa entre duas realidades. E por mais que quisesse se desvencilhar dessa situação, temia o sofrimento que a verdade dita poderia causar a sua companheira. Optou pelo silêncio e deixou que os anos se acumulassem, sem saber que o tempo tornaria tudo ainda mais difícil.

Só a morte mudaria a ordem das coisas, determinando decisões. A morte, que colhe a velhice, também leva a vida ainda nova. A mãe dos outros dois filhos de Muniz tinha apenas trinta e nove anos quando

sofreu uma parada cardíaca e faleceu. Era junho de 1998. Deixava dois meninos: Daniel, de dez anos, e Danilo, de sete. Muito mais velho do que ela, aos sessenta e nove anos, aparentemente em paz, Muniz desabava por dentro, e, escondido da mulher, desabafava com os outros três filhos. Inconsolável, numa conversa ao telefone, ele disse a Zezo:

— Os meninos estão sofrendo. E eu também, meu filho. Seu pai está sofrendo muito; estou com o coração esfarrapado.

O sofrimento do pai era real para eles, por ele estar perto. Já o dos irmãos, devido à distância, só podia ser imaginado. Era preciso conhecê-los, saber quem eram, ir além dos nomes. Zezo os havia visto duas vezes; começaria agora a lhes telefonar com certa frequência. Melo e Mila passariam a visitá-los de vez em quando, a levá-los a passear, a saber onde estudavam. Mas tudo isso era apenas o prelúdio, a preparação para algo muito maior. Aqueles meninos tinham perdido a mãe, mas tinham um pai, com quem precisavam viver.

E Nicinha? Seus filhos começaram a pensar por ela, a supor que, depois do susto, ela acabaria aceitando tudo, afinal ela sempre gostara tanto de criança. Também queriam pôr fim no desconforto de estar escondendo dela uma verdade que lhe dizia respeito. Mas Muniz continuava adiando o dia daquela revelação. Afinal, o que o impulsionou foi uma situação de emergência: o apartamento nos Barris, onde seus filhos moravam com a avó, uma tia e uma prima, precisava ser desocupado, pois o contrato de aluguel estava prestes a expirar. Pelo menos essa foi a notícia que chegou aos ouvidos de Melo, Zezo e Mila, e eles se deixaram levar pela urgência daquele fato, verdadeiro ou falso. E assim, o que deveria se dar gradualmente, se deu de uma vez. Em dezembro daquele mesmo ano, Muniz contaria tudo a Nicinha, e uma semana depois, longe de estar completamente pronta para aceitá-los, Daniel e Danilo chegavam para viver em sua casa.

Naturalmente, nem tudo seria paz entre as pessoas daquela família; todos sairiam com sua parcela de dor. Mas deixemos de lado a mágoa de Melo, Zezo e Mila, assim como a angústia na voz de Muniz. Façamos apenas dos três mais envolvidos nessa trama: uma senhora e dois meninos. Eles haviam perdido a mãe e a vida que levavam; ela perdera a verdade em que acreditara por mais de três décadas. Foi difícil para eles e difícil para ela. Eles agora eram órfãos de mãe; ela era madrasta – papéis que poucos desejariam desempenhar.

Ela se lembrava do escândalo que vivera trinta e cinco anos antes, com aquele mesmo homem, naquela mesma casa, e suas lágrimas caíam ainda mais amargas. Tudo agora lhe vinha à tona. E depois que o susto perdesse o impacto, nela ficaria uma falta de alegria que não seria passageira. Por aquele homem, que tanto amara um dia, ela havia enfrentado a

vontade dos pais, os preconceitos da época e o desrespeito de alguns. A paixão por ele passara, mas a confiança nele permanecera imutável por todos esses anos. Era triste entrar na velhice com essa decepção.

A princípio, as pessoas se mostraram solidárias com o seu sofrimento. Mas depois se cansaram de suas queixas de sempre. Além disso, para muitos, seria difícil, quase impossível, tomar partido. Eles eram amigos dela, mas também amigos dele, e recordavam algum momento difícil em suas vidas, de desemprego, falta de dinheiro ou desespero, quando ele lhes havia estendido a mão.

Alguns tiveram muito que falar contra Nicinha, que ela havia deixado o marido muito solto, que estava colhendo o que plantara e sofrendo o que fizera sofrer. Talvez ela mesma tenha acreditado nisso, pois um dia chegou a telefonar para a ex-mulher de Muniz, aquela que na década de 60 fazia escândalos na porta de sua casa, só para lhe pedir perdão.

Outros tentavam fazê-la compreender a realidade da forma que se apresentava, dando-lhe força para aceitar aquela situação. Sua irmã Zelita, que ela tanto amava, e que era filha de seu pai com outra mulher (uma senhora que havia sido amiga de sua mãe e que seus filhos aprenderam a chamar de avó), foi uma das pessoas que mais queriam vê-la fazer as pazes com Muniz. Mas para Nicinha era difícil. Como esquecer que havia sido enganada ao longo de muitos anos? Como apagar da memória tamanho desapontamento?

Olhando para trás, seus filhos ainda hoje pensam que, se lhes fosse dada outra oportunidade, talvez tivessem feito tudo diferente, evitando a chegada dos irmãos, para preservar mais a mãe. Mas a vida é sem ensaios, e há decisões que não têm volta.

Nos anos de convívio com Nicinha, Daniel e Danilo ouviriam dela insultos velados ou explícitos contra o pai vivo e a mãe morta. Eles também saberiam usar palavras duras, ou silêncios indiferentes em sua direção. Talvez jamais tenham se sentido completamente à vontade em sua presença, nem ela junto a eles. Mas juntos foram descobrindo até onde poderiam ir, e foram, pois o tempo foi desfazendo alguns nós. Neles, alunos de sua escola, a mudança se deu ao começarem a lhe fazer companhia em casa, e também na assimilação de noções de boas maneiras. Nela, ao ajudá-los em pesquisas escolares. Não demorou muito e começaram os elogios: à inteligência deles, ao talento musical, ao interesse pelas artes, pela leitura. E assim, foram aprendendo a se aceitar, a se respeitar, a se querer bem, ainda que permanecesse vivo algum constrangimento. O relacionamento entre eles seria feito de aproximações e distanciamentos.

Em Nicinha, era muita a saudade do passado, mas era também forte o seu desejo de deixar de ser vítima do presente, como revelam suas reflexões:

Obrigada meu Deus, pelos pais que tive.
Sem maravilha!!! Não me faltou nada:
Carinho, conforto, compreensão, alegria,
paz e Amor. O sofrimento eu sei que
é importante para nós e eu que fui
tão feliz, precisava ter no fim da
minha vida algum sofrimento, para
viver plenamente. Afinal, a vida é
feita de vitórias e derrotas.

Dentro dos seus limites, ela soube existir e resistir, ainda que mais magra, mais velha e menos feliz. Ela que não gostava de domingos, pela tristeza inerente a esses dias, voltou-se ainda mais para a sua escola, sabendo da importância da mesma em sua vida. Era lá que ela se realizava, ensinando e aprendendo.

E a vida continuaria, jamais linear, como é a vida.

Um dia, alguém foi procurar Nicinha; era a irmã de Nivaldo, seu antigo namorado, que chegava com um pedido dele: muito doente, ele queria revê-la.

Nicinha foi visitá-lo. Em Plataforma, ele lhe falou do amor que não deixara de sentir por ela, e disse-lhe que jamais se casara.

Isso tudo ela contou timidamente aos filhos, que a ouviam encantados (e tristes) com aquela história de amor não vivida – Nivaldo, então, era já um homem morto.

Mais ela não lhes diria. Se lamentava a antiga separação ou se nela aquele amor já havia morrido, ela não disse aos filhos. Era tarde.

Um dia, talvez antecipando a própria morte, ela pegou na mão de Mila e lhe pediu que não deixasse sua escola morrer. Depois disso, ainda lhe escreveu algumas palavras de incentivo:

Minha filha Mila:

Estou admirando seu trabalho na nossa Escola. Foi assim que sua ^{mãe} começou e foram 41 anos de amor a um ideal. Desejo que você dê continuidade ao grande ideal de sua mãe, que foi: ter uma Escola e seus avós me ajudaram muito. Vai em frente, não tenha medo e que Deus lhe dê muita paz, alegria e principalmente Amor ao que faz.

Deus lhe abençoe,

Sua mãe,

7.2.2001

Mirka



Morte em dezembro

E mais um ano letivo se encerrava, com mais um grupo de crianças a sair alfabetizado, meninos e meninas capazes de ler e escrever suas primeiras frases, de começar a decifrar e representar, através de códigos e símbolos, a vida e o mundo. Naquele dia 11 de dezembro de 2004, um sábado quente, Nicinha acordou cedo, preocupada com os últimos preparativos daquela que viria a ser a sua última festa. Antes de retirar os grampos, desenrolando o cabelo alisado na véspera, sentou-se à mesa da sala grande para reler as palavras com as quais conduziria, com a segurança adquirida ao longo de quase cinco décadas, a formatura dos meninos de sua Escolinha. Depois de arrumada, desfilou pela casa no seu vestido de seda rosa. A missa em ação de graças teria início às 8:30 da manhã, seguida da colação de grau em “Mamadeira e ABC”. O baile, com belos vestidos brancos rodados e os meninos de smoking, só se daria à noite, no Flamenguinho. Mas a ele, ela já não iria.

No convite, um texto escrito por uma mulher que muito a considerava, Dr.^a Arcênia:

Uma Escolinha chamada Amor

No esquecido e tão mal falado subúrbio de Periperi, existe, podem acreditar, uma ilha de paz e bem, onde as crianças têm aulas de amor; respeito pelo próximo, noções de cidadania, aprendem a sonhar, amar a natureza, comportar-se no dia a dia, ter autoestima e muitas outras coisas essenciais para o crescimento do ser humano; além de tudo isso, aprendem a ler e escrever de uma forma lúdica, prazerosa e leve.

Tudo isso, pois nessa escola existe (se é que é real) uma pessoa frágil, delicada, meiga, sonhadora e sábia chamada “Sorinha”, uma espécie rara, quase em extinção (gente). Ela proporcionou todas essas coisas aos meus quatro filhos e a muitas outras crianças suburbanas, que tiveram a honra e o prazer de seu convívio, na saudosa Escolinha Modelo Recanto Infantil, atualmente Es-

cola Modelo Eunice Palma, escola modesta em suas instalações e grandiosa em seus propósitos, onde as crianças recebem o mais essencial da vida, amor e respeito.

Obrigada, Sorinha, nós a amamos muito.

*De sua antiga e eterna aluna,
Arcênia Fernandes.*

A solenidade na Igreja de Periperi emocionou os presentes, pais, parentes e amigos orgulhosos do sucesso daquelas vinte e três crianças vestidas de beca a receber o primeiro diploma, que levava a assinatura de cada um. Houve o juramento, com a promessa de estudar e cumprir os deveres de aluno; o discurso decorado pela oradora da turma, Tainá Bahiano Santos; e as palavras lidas pelo paraninfo, Dr. Yulo Césare Viana Pereira, antigo amigo de juventude de Nicinha.

No seu último discurso, Sorinha, como sempre, demonstrou o seu conhecimento às pessoas que trabalhavam com ela:

— Pró Mara, obrigada por todos esses anos alfabetizando as nossas crianças com amor. A equipe de trabalho da Escola, o meu agradecimento; vocês são muito importantes na vida das nossas crianças. Minha querida Mila, diretora da Escola, obrigada por você dar continuidade ao meu ideal com tanto amor.

Em suas palavras, mostrou-se consciente da passagem do tempo, da sua história de vida e do amor a um ideal. Fez também questão de deixar explícita sua eterna gratidão pela sinceridade das crianças:

— Sou uma pessoa idosa, mas estou lúcida. Mantenho sempre viva a curiosidade, continuo trabalhando, vivo o Dia de Hoje, não me preocupando com o amanhã. (...) Nesses quarenta e cinco anos, a criança me ofereceu as mais puras e as mais belas alegrias da minha vida. Grandes emoções! Durante esses anos, aconteceu de tudo: aborrecimentos, riscos, luto, lágrimas, traições, perdas irreparáveis, ingratidões, dores, grandes decepções, saudades. Da criança, só recebi felicidade, pureza, carinho, verdade e transparência.

Por fim, dirigindo-se aos formandos, ela ainda diria:

— Quando, no futuro, vocês já forem adultos e eu já não mais existir, e alguém perguntar a vocês: “Quem foi Sorinha?” Respondam assim: Sorinha foi uma pessoa que teve infância, adolescência e juventude felizes, teve um grande ideal, sua Escolinha; teve grandes emoções; sonhou muito; teve grandes amigos; foi muito amada por seus pais; amou muito; sentiu muita saudade; gostava das pessoas; não sabia fingir; era muito sincera e amiga; viveu a maior parte da sua vida com crianças; morou na mesma casa desde criança; teve três filhos muito amigos e viveu a vida

plenamente. Terminarei com um lindo pensamento: “Quando vocês nasceram, todos sorriam, só vocês choravam. Vivam de maneira que quando vocês morrerem, todos chorem e só vocês sorriam.” Deus os abençoe e os faça muito felizes. E obrigada por fazerem parte da minha história.

O que foi notado e comentado por muitos que, dias depois, tentavam, atônitos, compreender o ocorrido, buscando, com os olhos da lembrança, rever, no curso daquela solenidade, sinais que houvessem anunciado a proximidade do fim, o esvair-se de uma vida, o beirar da morte, ou simplesmente algum indício de doença, de mal-estar, de cansaço, foi que Sorinha suava muito e parecia ter pressa, como se corresse contra o tempo, temendo não conseguir chegar ao fim daquela apresentação. Mas conseguiu, e após cantarem a “Canção da Despedida” e “Emoções”, de Roberto Carlos, ela ainda posou para fotos com muitos formandos e seus pais.

Depois, como se já não aguentasse mais, deixou a igreja sozinha, e seguiu caminhando com rapidez pelas ruas do subúrbio que ela tanto amava, lugar que a vira crescer, lugar que testemunhara suas mais incandescentes alegrias e os seus mais escuros silêncios, vazios feitos de tristezas contundentes, matéria emocional que acabara por cravar-lhe a própria carne. Passava os olhos por Periperi, lugar que o tempo tanto mudara e cuja memória o progresso tentava apagar, mas que nela ainda existia claramente, em sua lembrança. Seus olhos envelhecidos ainda viam, no lugar de inúmeras lojas, bares e restaurantes, a fachada de antigas casas residenciais, algumas construídas na mesma época que a sua, mas quase todas já transformadas, despersonalizadas, destruídas. Essas casas, que só ela via, escondiam nela histórias de vidas passadas – nela ainda vivas.

Ia cumprimentando pessoas, que lhe lançavam sorrisos e palavras de carinho, sem saberem que se despediam dela para sempre. Caminhava apressada, desejosa de descanso, feliz por ter conseguido fazer tudo como planejara. Tudo corra bem, mais uma vez, como sempre, graças a Deus! Talvez sonhasse com a formatura de dali a cinco anos, quando comemoraria o cinquentenário da Escolinha que ela iniciara na varanda de sua casa. Isso lhe era motivo de muito orgulho, satisfação e emoção, compartilhados com os muitos ex-alunos e antigos pais, cujas vidas haviam feito parte da sua história, e de modo mútuo ela entrara na vida deles; eram amigos que já começavam a lhe dar os seus depoimentos, relatando suas lembranças do tempo em que passaram pela Escolinha, para serem incluídos no livro que ela pensava publicar.

Entrou em casa cansada. Mal teve tempo de trocar de roupa e se deitou no sofá. Suava frio, sentia uma forte dor no abdômen e muito mal estar. Começava-se a perceber que ela não estava bem, e as pessoas que iam chegando, suas filhas, professoras e amigos, mostravam-se preocupadas. Vomitou, ao darem-lhe algo para beber, e a dor não diminuía. Só após

uma visita médica, foi se sentindo melhor – efeito paliativo de um remédio. Porém, com o passar das horas daquela tarde de sábado, tornou-se óbvio que Sorinha não iria ao baile.

A notícia andou sem pressa; não parecia nada mais que um mal estar. A própria médica garantira que ela estava bem. Nem seria preciso levá-la ao hospital de urgência; podia muito bem aguardar até a segunda-feira para ser examinada por seu próprio gastroenterologista. A lentidão da notícia fez com que apenas alguns poucos amigos lhe telefonassem; seus nomes foram sendo escritos num papel: Noélia, Yulo, Mara, Sandra Gorda e Anginha. Foi anotando também os nomes dos que a visitavam: Antônio, Ninfa, Clarinha, Luíza, Juliane e San.

Já no Flamenguinho, todos perguntariam por ela. O baile foi belo, embora a inesperada ausência de Sorinha, algo jamais ocorrido, tenha deixado no ar algum desalento, evidente no rosto de quem a vira à tarde, sua filha Mila e “suas” professoras. Ainda assim, todas seguiram dando continuidade à festa com total empenho e dedicação. Os doces eram muitos; a música era alegre e a valsa, algo de tão velho, via-se ali renovada, num misto de brincadeira e seriedade.

Mais tarde, Mila contaria tudo à sua mãe, os mínimos detalhes da festa. Era grande o seu interesse, desde a primeira pergunta:

— Quem ganhou o concurso? Referia-se a uma competição de dança entre os pais.

— Fabíola, Mila respondeu.

Lembrando-se bem daquela sua ex-aluna, que voltara à Escolinha como mãe e acabava de formar a sua primeira filha, Iandra, Sorinha comentou orgulhosa:

— Fabíola não era mole, desde pequena!

No dia seguinte, domingo, 12 de dezembro, desde o amanhecer, tudo parecia melhor. Ao acordar, Sorinha foi logo dizendo a Mila:

— Minha filha, não estou sentindo dor nenhuma.

— Que bom, mãe! Mila lhe respondeu entusiasmada, pensando que o pior ficara para trás.

Sorinha tomou mingau, mas continuou deitada, assistindo a televisão. Mais tarde, pediu para orarem juntos, ela, Mila e Zeca. Depois da oração, seguiu acrescentando nomes à lista das pessoas que lhe telefonavam: Virgílio, Luzia, Sandra Rita, Edinéa, Tânia, Ana Amélia, Melo, Sônia Almeida e Maria Clara.

Pouco antes do meio-dia, a voz que chegava aos seus ouvidos vinha de muito longe, de além-mar.

— Oi, mãe.

— Meu Neco!

Seu filho ligava de Londres, após ter sabido por Edinéa que ela não passara muito bem o sábado. Da janela do seu quarto, ele via árvores sem folhas, em meio ao cinza daquela tarde de inverno fria e distante. Perguntou como ela estava. Sua voz frágil disse-lhe que estava melhor, falou que a formatura havia sido linda, e que haviam cantado a “Canção da despedida”, a preferida dele. Disse-lhe também que no dia seguinte iria ao médico com Melo. Ele lhe pediu que se alimentasse. Ela prometeu que sim. Ele ainda diria mais, porém, numa pressa nada característica nela, a ouviu dizer:

— Meu filho, deixe eu ir.

Aquelas palavras não pareciam dela, que sempre tinha tanto o que falar com seu filho, sobre Periperi, sobre a casa, sobre suas irmãs, seus irmãos, seu pai, sobre os amigos, os parentes, sobre o que ela aprendia de novo e sobre o que ensinava aos seus alunos, sobre ele, sobre sua vida tão longe dela, sobre a saudade dele que ela jamais deixara de sentir. Geralmente era ele quem terminava os telefonemas. Ela, jamais! Que pressa era aquela? Ele a atribuiu ao cansaço físico, à fraqueza, a alguma indisposição. Então lhe mandou um beijo e ficou de ligar para ela no dia seguinte, sem jamais imaginar que aquele havia sido o último telefonema entre eles, e aquelas, as últimas palavras ditas. Com aquelas cinco palavras, “Meu filho, deixe eu ir”, sua mãe acabara de despedir-se dele, para sempre.

O nome Zezo foi mais um a entrar na lista que desde sábado sua mãe escrevia. No entanto, ainda que tudo parecesse correr bem naquele domingo tranquilo, sem qualquer sinal preocupante, Mila notou, nos últimos nomes escritos, certa incerteza nas letras, indicando tremor, falta de força e perda de controle com que a mão segurava a caneta e esta ia riscando o papel. Aquele escrever inseguro em nada se assemelhava à bela caligrafia de sua mãe. Esse foi um dos fatores que a fez levá-la ao Hospital Santa Izabel, em Nazaré – por precaução, só para tomar soro, para se nutrir.

Eram quase 18h quando saíram de carro. Renata ia dirigindo. Mila ficou no fundo, ao lado do corpo magro da mãe, que descansava a cabeça no seu ombro. Segurando em sua mão aquela mão mais velha, ela sentia que a força começava a lhe faltar. Buscando animá-la, dizia:

— Aperte minha mão, mãe.

Sorinha estava muito fraca, mas não perdera a lucidez hora alguma. Seus olhos seguiam atentos tudo o que viam: ruas, casas, lugares. Ao passarem pelos Mares, lembrou-se de Mara, do seu casamento:

— Foi nessa igreja que Mara se casou. Zezo pintou tanto naquele dia!

No hospital, minutos antes de falecer, ainda falava de forma clara e consciente. Quando Mila respondeu à atendente que ela era solteira, Sorinha fez questão de ressaltar:

— Sou casada, mas não no papel.

O mesmo se deu em relação à sua profissão. Impaciente com tantas perguntas e com o lento preenchimento de uma ficha, Mila se alterou:

— Rápido, moça. Ela é professora!

Sorinha tentou tranquilizá-la: — Calma, minha filha. Depois, dirigindo-se à atendente, disse: — Professora, não. Eu sou educadora.

Numa sala, deitou-se numa cama para começarem os exames de praxe: pressão, pulso, batimentos cardíacos. De costas para a paciente, um enfermeiro preparava os aparelhos.

Sorinha se lembrou do remédio forte que tomava desde a convulsão que sofrera em 1994. Seu médico quisera suspendê-lo, mas por insistência dela, concordou em mantê-lo, diminuindo a dose para meio comprimido por dia.

— Fale ao médico que eu não tomei meu gardenal... disse olhando para Mila, de pé à sua frente. Depois, como se o ar lhe faltasse, e o fôlego, tentou dizer algo, mas sua voz já não se ouvia – só sons guturais.

Mila chamou a atenção do enfermeiro. Ele saiu apressado e voltou com uma equipe médica. Levaram-na rapidamente numa maca.

Sozinha naquela sala de emergência, Mila se desesperou, esperou e começou a chorar. Saiu e viu que, na recepção desse setor, além de Renata, já estavam sua irmã, Melo, Valéria, sua prima Ângela, e alguns amigos.

Com luvas sujas, nas quais se viam resquícios de sangue, um dos médicos vinha lhe fazer perguntas. Quis saber desde quando sua mãe tinha problemas cardíacos e a partir de que horas perdera a lucidez. Mila lhe respondeu que sua mãe não sofria do coração e que tinha estado consciente todo o tempo.

O médico retornou algumas vezes. Na última, não perguntou mais nada. Mila só se lembra do seu silêncio. Melo recorda suas palavras. Com lágrimas nos olhos ou tendo os olhos secos, tamanho o espanto, todos entenderam tudo.

Dali em diante, após os primeiros telefonemas, a notícia, já sem dono, correu solta; assustando, entristecendo, tirando o sono de quem a recebia.

As filhas de Sorinha chegaram a Periperi tarde da noite, acompanhadas de amigos. Mila acordou seu pai. A notícia da morte da mulher que ele tanto amara um dia o abateu de imediato. Daniel e Danilo souberam de tudo na praça e vieram correndo abraçar suas irmãs e confortá-las. Eles, meninos, mas já muito mais experientes em matéria de morte.

Palavra morta

*Mãe, palavra morta na boca que canta
a vida que vai. E vou enterrando-a em mim,
no mínimo e no mais: na água que bebo, no
medo que molho, no sangue que segue sendo
o que sou, no soar do meu escuro, no puro
aroma do podre, nos cabelos que se acalmam
em claro, no olhar que vai longe, mas volta
vermelho, no grave agudo da voz, na pele
que se parte, na arte que tento, no lento
silêncio que late no centro da noite que cai
e apaga as palmas das mãos que aplaudem,
escrevem e morrem, como tudo mais.*

A ausência de Sorinha na casa em que sempre morou causava estranheza; era forte a falta que ela começava a fazer: o espaço, os móveis antigos, os cristais, as pratas, os objetos de louça, tudo ficara sem dono. As horas passavam lentas, além da meia-noite, mas as pessoas não paravam de chegar. No semblante de alguns, uma ponta de esperança, como se tudo pudesse não passar de um boato a ser desmentido. Mas o que viam no rosto dos que lá já estavam confirmava o fato.

As pessoas balançavam a cabeça, se abraçavam, choravam. Alguns, num gesto de cuidado, de doação, de amizade, entravam na cozinha e preparavam chá para Mila, Melo, seu Zeca. Muitos perguntavam: “Zezo já sabe?”

Não, Zezo ainda não sabia de nada. Em vão, tentavam contatá-lo, mas as chamadas caíam todas na secretária eletrônica. Sozinho, num quarto distante, o filho de Sorinha dormia em paz. A empresa para a qual trabalhava como intérprete, às vezes o acordava no meio da noite para traduzir, por telefone, conversas em hospitais, delegacias de polícia e outras emergências envolvendo brasileiros, angolanos e portugueses. Por estar muito cansado, antes de se deitar naquele domingo, ele desligara o aparelho da casa e o celular.

As tentativas prosseguiram a noite toda. Mas só às 6 da manhã em Londres (4h no Brasil), ao acordar e ligar o celular, viu que havia recebido onze chamadas perdidas; entre elas, numa mensagem gravada, a voz de uma grande amiga: “Natan... É Ônira. Ligue pra mim.”

Achando tudo aquilo muito estranho, tentou buscar justificativas; primeiro para o telefonema de sua amiga. Eram raros os telefonemas entre eles, e já não se falavam há meses. De fato, era ele quem deveria ter ligado para ela, no sábado, dia do seu aniversário. Teria ela telefonado

tão tarde por uma razão tão simples? É verdade que não havia urgência em sua voz; isso o tranquilizou. Mas não por muito tempo. Tão logo ligou o telefone de casa, atendeu uma chamada. Era Melo, sua irmã mais velha. Era muito cedo para não ser algo urgente – disse ele sabia. Bastou ouvir sua voz, tratando-o da forma carinhosa de sempre, “Ná...”, para ele entender o que Ônira não lhe dissera. Aquela era também a razão para as onze chamadas perdidas; tudo se conectou. Ele então disse a ela o que ela temia lhe dizer:

— Eu já sei. Minha mãe morreu, não foi?

— Foi.

Aquela resposta mudava tudo: nada mais seria como antes. A morte punha um ponto final na vida que lhes dera vida. Nenhum dos dois chorou naquele momento. O choro entre eles viria depois, e os acompanharia, em muitos momentos, ao longo da vida que seguiriam vivendo, lembrando-se dos gestos, do riso, da voz da mãe que perderam aos setenta e dois anos de idade; contando os seus anos não vividos. Mas naquela hora sombria, era necessário ser prático. Sabendo da pressa com a qual os enterros ocorrem no Brasil, temendo não encontrar passagem a duas semanas do Natal e não conseguir chegar a tempo, Zezo lhe disse e repetiu várias vezes:

— Minha mãe não pode ser enterrada sem mim.

Melo lhe prometeu que isso não aconteceria.

Minha mãe morreu em Londres

*Minha mãe morreu em Londres,
embora tenha morrido em Salvador.
Ela em mim morreu em Londres. E eu,
sozinho, escondido num quarto distante,
ao olhar-me no espelho, vi a tristeza
alastrando suas raízes no meu rosto mais
velho. A saudade se esticava no vazio
como raio fixo no que atravessa,
cavando o nada, final de tudo.*

*Quem enterra cava em si sua caverna,
oco no qual se esconde ao passar pelas ruas,
irreconhecível aos olhares estranhos
de estrangeiros na própria terra. Era
dezembro. Em mim tudo caía, enquanto
eu caminhava às pressas, já viajando
de volta, a anoitecer solitário
num dia que amanhecia sem sol.*

A segunda-feira amanheceria nublada em Periperi.

Antes da abertura do comércio, Mila, que pouco dormira à noite, abriu o portão da escola. A primeira pessoa a se aproximar foi Sr. Paulo, o avô de um aluno.

— Diga que o que eu ouvi não é verdade! falou com veemência.

Muitos chegaram depois dele: pais antigos e novos, alunos e ex-alunos, formandos e suas mães, gente que ainda tinha viva a lembrança de Sorinha conduzindo sua última festa de formatura no sábado.

Zezo encontraria passagem e partiria no voo das 22h, levando na boca e nas mãos versos de um poema começado, “Adeus”.

Na manhã de terça-feira, 14 de dezembro, centenas de pessoas compareceram ao velório da mulher que dera início ao ensino infantil no subúrbio. Chegavam de perto e de longe. Chegavam com suas memórias. Muitos já não se viam há tempos, e ali, na Igreja de Periperi, reencontraram antigas professoras, antigos colegas, antigos amigos.

O “Freguês” da feira, que no sábado fornecera botões de rosas vermelhas para serem postos na lapela dos smokings dos meninos, vendeu todas as suas flores.

Mila ficou na igreja desde o princípio, assim como seu pai, Daniel e Danilo. Melo foi buscar Zezo no aeroporto, com amigos dela e dele. Chegaram uma hora antes de tudo terminar. Ainda assim houve tempo, tempo para olharem nos olhos cheios de lágrimas de quem se aproximava deles, tempo para serem abraçados com carinho, tempo para ouvirem, em voz baixa, muitas palavras de conforto.

No final da missa, quando o padre deu a palavra, Zezo foi até o microfone. Do altar, ele avistava o mar refletindo o sol intenso de quase duas da tarde, mar da praia de Periperi. Leu “Aula na praia” e outras poesias que fizera para sua mãe. Leu também um poema recém-terminado, “Adeus”:

Adeus

*Vá, carregando seus cabelos
pesados de tempo – lençol do silêncio
no alvo anoitecer da vida. Envergue-se
ao vazio sem margens – sol que tudo
consome, no qual tudo some. Vá, suma
sem deixar sinais do seu paradeiro
e me deixe só, mas seu, para sempre.*

Antes de fecharem o caixão, cantaram, pela última vez, na presença, já ausente, de Sorinha, sua canção preferida, “Emoções”. E logo que o caixão deixou a igreja, carregado por seis homens, dentre os quais, seu filho,

já se podiam ouvir os mesmos versos na voz gravada de Roberto Carlos. Caminhariam até o cemitério de Periperi. (Em vida, Sorinha havia deixado claro o seu desejo de não ser enterrada em nenhum outro lugar).

Durante todo o percurso até o cemitério, em que muitas mãos se revezariam no sustento das seis alças de metal cromado, os alto-falantes fizeram uma pausa nos repetitivos comerciais das lojas da redondeza, para que a letra e melodia daquela canção se espalhassem por Periperi, permeando de saudade o subúrbio, muito além das ruas, de trânsito interrompido, por onde passava lentamente o longo cortejo.

Quando o caixão baixou à terra, depois que o cobriram de terra, cobriram a terra de flores. Com uma delicadeza que doía e emocionava, Dr.^a Ogvalda começou a cantar, tocando ao acordeom, uma simples e velha conhecida canção:

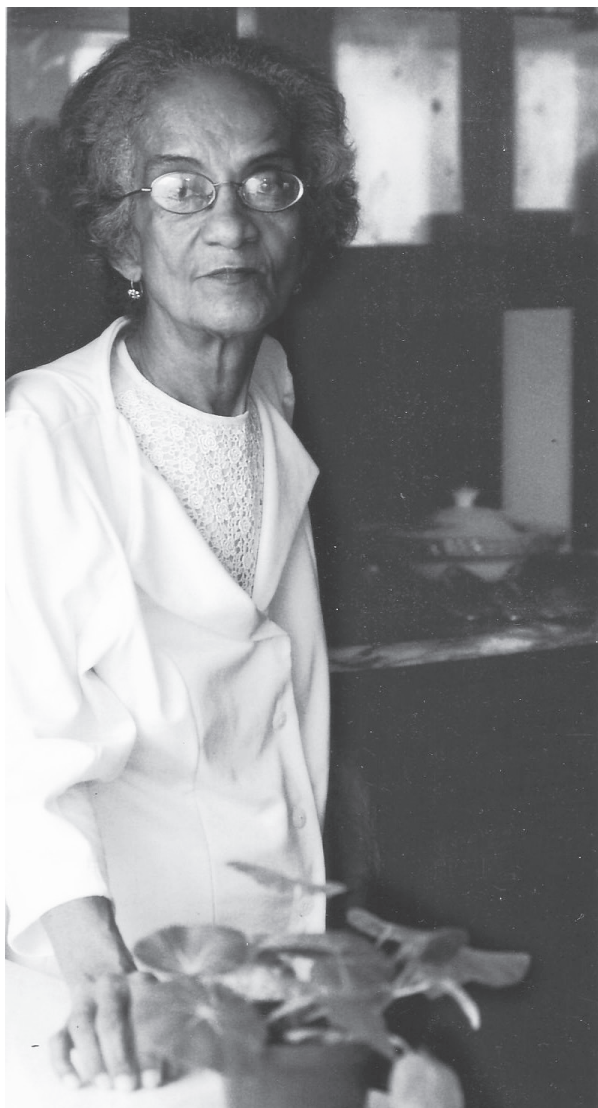
*Fica sempre um pouco de perfume
nas mãos que oferecem rosas
nas mãos que sabem ser generosas...*

Muitos acompanharam o seu canto, alguns bem baixinho, outros mais confiantes. Depois, antes de se dispersarem, com abraços, apertos de mão ou não, o silêncio tomou conta de suas bocas.

Seguindo o olhar de sua prima Ieda, Zezo olhou para o céu. Com lágrimas nos olhos, viu arraias coloridas riscando o azul.

Não muito longe dali, meninos brincavam felizes.





À janela da casa em que vivia. 2004.

Depoimentos



A Escolinha da Prof.^a Nicinha é um retrato fiel da educação no sentido amplo da palavra. Lá, ela não ensina, mas educa, mostrando os verdadeiros valores humanos em que devemos nos apoiar.

Guardei, através dos anos, hábitos que adquiri nessa minha primeira experiência de vida escolar. Hábitos bons e sadios que me deram um suporte muito grande na vida de adulta. Nicinha tocava piano e nós cantávamos; ela nos ensinou a comer, a saber utilizar os talheres, a ter higiene, a andar, a ter postura correta no sentar e a saber se comportar em público, colaborando para fazer seres humanos mais educados e conscientes.

Lembro-me do vovô Natanael, uma pessoa especial. Sempre que passava por minha casa, me abraçava e me dava bombons. Tínhamos, um pelo outro, um carinho de avô e neta. Aos meus cinco anos de idade, ainda gostava de tomar minha mamadeira, e lembro que sempre a levava para meu lanche. Para não ser vista por meus colegas, Nicinha colocava-me escondida num quarto com sua mãe, e assim eu podia saborear minha deliciosa merenda sem os olhares indiscretos.

São fatos que marcam e não nos fazem esquecer jamais, mesmo porque, são essas pequeninas coisas que mostram a verdadeira professora, que antes de tudo é uma pessoa que respeita bastante a individualidade dos seus alunos e que tem um carinho e atenção conosco, que nunca poderemos esquecer.

Gostaria de agradecer por tudo que aprendi e por todos os bons momentos que tive nessa minha primeira escolinha, e também por tudo que Sorinha continua me dando até hoje.

Alguém a chamou, certa vez, de Sorinha, e esse diminutivo demonstra a grandeza e beleza dessa pessoa que é dona Eunice Palma.

Muito obrigada,

Onila. Montélimar, 10 de junho de 1995.

Querida Sorinha,

Batizá-la de Sorinha, há quatro décadas, poderia expressar a vontade de uma criança em estreitar uma relação entre ela e um adulto. Era como se, ao chamá-la de Sorinha, e não de professora, eu estivesse diminuindo a distância entre o mundo adulto (o real) e o mundo infantil (imaginário). Talvez na simplicidade e transparência, coisas tão comuns a uma criança, eu estivesse refletindo, de maneira carinhosa, um bem-estar, uma gratidão pelo amor e carinho recebidos naquele espaço.

Poderia enumerar vários motivos que justificassem esse batismo, mas minhas lembranças me remetem a sentimentos de alegria, confiança, de um amor que pairava no ar, dos carinhos, dos sorrisos; do cuidado e da sinceridade nos gestos e palavras de adultos sinceros e verdadeiros; de uma verdadeira mestra que se dedicava pelo simples prazer de ser e não de ter.

O nome Sorinha ficou, porém mais do que o nome ficou a figura da educadora, que de maneira sincera pôde entender que a sua missão não era somente ensinar, mas educar e, acima de tudo, disseminar o quão prazeroso e gratificante era fazer tudo com uma grande dose de amor, outra de paciência e mais uma outra de perseverança.

Passados tantos anos, sempre que nos encontramos, você me agradece o nome Sorinha. Ao contrário, eu é que devo agradecer-lhe por cultivar e cativar a criança que ainda existe em mim.

Que a abundância e prosperidade do universo estejam sempre com você.

Beijos,

Lívia Castello Branco, abril de 1999.

Sorinha,

Jamais esquecerei esse tempo feliz da minha vida.

Quero hoje lhe confessar. Casei, tive quatro filhos que adoro e dois netos lindos que amo demais, porém nada se compara à felicidade que foi minha infância ao seu lado neste pedacinho de céu, Escolinha Modelo Recanto Infantil.

Sua sempre aluna,

Diva

A exata tradução de todas as coisas boas que são compartilhadas na Escolinha Modelo Recanto Infantil, há décadas, não é uma tarefa simples. Por várias vezes troquei ideias com meus pais, lembrando momentos e sentimentos dos tempos da Escolinha, com suas doces professoras, e mesmo dos encontros recentes com Sorinha Nicinha, o cérebro e o coração do Modelo Recanto.

Nessa escolinha, as crianças aprendem que são únicas e especiais, e ainda assim iguais; aprendem que têm direito à educação, ao afeto, ao respeito; aprendem a ampliar seu incipiente conceito de sociedade de uma forma natural, que não as invade, mas que estimula a convivência com os coleguinhas e com o mundo.

Crescemos, passamos por várias “escolinhas” em nossa trajetória de vida. Mas poucos podem lembrar-se com tanto carinho desse início da vida de estudante, como os que passaram por esse Modelo de Recanto: a Escolinha da Prof.^a Nicinha.

Com carinho,

Debinha. Rio de Janeiro, agosto de 1993.

Quarenta anos da Escolinha Modelo Recanto Infantil

Falar da Escolinha é impossível sem associá-la à figura de Sorinha, e falar de Sorinha é muito fácil, é como colocar no vídeo uma fita e rememorar a nossa infância, sim porque ela está intimamente ligada às nossas lembranças infantis: as aulinhas de etiqueta, a oração à Senhora Santana, o cultivo da amizade, o respeito pelo outro; tudo isso foi aprendido em suas aulinhas e colocado em prática todos os dias, por isso mesmo impossível de esquecer.

Se fechar os olhos, posso sentir ainda o seu toque em meus cabelos, seu beijo carinhoso e leve no meu rosto, seu sorriso sempre fácil, seu jeito manso de ralar conosco ou chamar nossa atenção...

... Horinha da novidade, merenda no parque, aulas de culinária na cozinha de sua casa... As lembranças saltam à mente e emocionam... Quase posso me ver de vestido azul, cabelo preso em “menina-moça”, em cima do banco, na área, cantando “I don’t want to stay here”, Lenair aplaudindo e Sorinha incentivando.

Meu Deus, as lembranças não param de surgir e em cada uma delas posso ver o riso de Sorinha e o gesto meio cúmplice de pró Mara para as nossas pequenas armações.

Sabe, Sorinha, ainda que eu viva cem anos, essas lembranças estarão vivas em mim, porque foram gravadas no coração com o seu carinho, com a sua atenção e principalmente com a sua capacidade de perceber em nós uma ponta qualquer de tristeza e logo afastá-la, abrindo sempre espaço para a alegria da infância, porque você estava sempre pronta para um afago, uma estorinha ou simplesmente um olhar de compreensão.

Infelizmente meus filhos não puderam ser seus alunos, por questões de horários, e é uma grande pena que hoje não haja mais “Sorinhas” por aí...

Um grande beijo no seu coração e que Deus a proteja sempre!

Lizzia Pereira, 7 de abril de 1999.

Sorinha,

A criatura frente ao criador. É assim que me sinto ao escrever essas lembranças, ao escrever sobre a Escolinha Modelo Recanto Infantil. Desde quando me sugeriu a tarefa, e já faz um bom tempo, fujo dela como um poeta de uma boa ideia. Ou melhor, tento aproximar-me da ideia para que ela não fuja e perceba-se como tal. Pois assim, acredito, a terei mais natural, mais verdadeira, mais solta, mais livre, mais ela.

Esse cuidado nada mais é do que tudo aquilo em que acredito – a essência das coisas. A possibilidade de pessoalizar o que a natureza e os outros nos proporcionam, quando, apenas, sentimos. De tornar o sentimento quase tocável, não formalmente, mas por uma necessidade vital de podermos ir até ele.

Por que falo tudo isso? Porque desde a minha infância me foi dito que era possível sonhar. Que, mesmo onde a carruagem da palavra não pudesse chegar, seria permitido cavalgar, porque bastariam os sentimentos e a confiança em quem nos concedia ir.

Visualizar a Escolinha hoje, com os meus trinta e dois anos de idade, é realmente engraçado. Digo isso porque todas as vezes que iniciei esse retorno era seu rosto que eu via. E, como não era mais possível fugir da ideia, percebi que era isso mesmo: a Escolinha Modelo Recanto Infantil era Sorinha – seus óculos; suas ideias; seus familiares circulando por toda a casa; suas pratas; suas fotografias; suas joias – seus filhos.

São tantas as lembranças chegando agora nessa madrugada, que me arrepio: o coquetel de cálcio – a primeira vez que soube que podíamos beber casca de ovo. O desenho dos pés (do pai da senhora – para mim, alguém tão misterioso). A cadeira de balanço. Ana. Pró Mara. Anginha. A piscininha com corais. Meus colegas. Meu primeiro reinado – onde fui coroado o rei do milho.

Sabe o que me veio agora? Foi com a senhora que eu fui ao teatro pela primeira vez. Foi a primeira vez que vi uma peça, *Infância*, de Prof. Adroaldo Ribeiro Costa. Aquele mundo entre o real e a fantasia... de um magnetismo tão intenso como um primeiro chamado. E mais uma vez “coincidentemente”, a senhora estava por perto.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Com carinho muito especial
à minha EDUCADORA,
ou seria CRIADORA?

Sua criatura:

Zeel Fontes, 27 de novembro de 1999, às 2h45min da madrugada.

Escolinha Modelo Recanto Infantil. Hoje mudaram o nome, mas, como vou tentar fazer um depoimento do meu tempo, vou tratar pelo nome da época. Na verdade, o que vou fazer é lembrar alguns bons momentos que vivi e vi naquela escola que era realmente a segunda casa dos seus alunos.

A primeira lembrança é o grande trabalho que minha mãe tinha para me tirar da cama às 7 da manhã. Mas, uma vez na escola, tudo era alegria. A casinha que ficava no quintal de recreio, aquela era a minha preferida. Lembro que as primeiras aulas eram nessa sala. Eu gostava de me sentar sempre ao lado de Joelma, loira bonita que despertava a atenção dos jovens paqueradores. Certa vez, não lembro ao certo o motivo, mas após ter tirado um colega do lado dela e sentado em seu lugar durante a aula, fui me divertir no balanço que ficava pendurado na mangueira e ele se ofereceu para me empurrar. Foi um empurrão e uma queda, daí “o pau comeu”. Quem era ele? Guio, o filho de seu Amado, um pintor conhecido aqui em Periperi.

Mas não só desses momentos eu me lembro, porque o que mais ficou na minha memória foi o carinho com que éramos tratados na escola. Todos os alunos tinham a mesma atenção de pró Sorinha e de pró Mara, as duas que me lembro. Não precisava ser filho da dona, como Zezo, para ter uma atenção matriarcal; todos eram realmente felizes na Escolinha. O orgulho era tão grande, que quando nos perguntavam onde estudávamos, respondíamos de boca cheia: “Escolinha Modelo Recanto Infantil”. E ali, estudávamos quase todos da família: eu, Galdininho, Cássia, Marcos e Tita.

Hoje estou com trinta e três anos, duas filhas, uma formação superior e um bom emprego. Sei que devo muito disso à minha família, mas com certeza não seria de todo assim se não fossem as queridas pró Sorinha e pró Mara, que me fizeram seguir os primeiros passos da retidão. Hoje a Escolinha está fazendo quarenta anos. Muitos alunos passaram antes e depois de mim. O que realmente importa é que muitos ainda virão e que sempre carregaremos em nossos corações a gratidão à dona Eunice Palma, que tem na consciência a certeza do dever cumprido.

Parabéns.

Hidelson Menezes, 10 de abril de 1999.

Eu tenho boas recordações da Escolinha Modelo Recanto Infantil. Em algumas ocasiões, lembro-me de alguns episódios, assim como se eu voltasse numa névoa, e vejo-me criança e feliz, brincando, dançando, adquirindo conhecimentos apropriados à minha idade (cinco anos). Que saudade!

Agora estou desfilando, sou a rainha da primavera, ou do milho? Aulas de balé; de inglês, toda compenetrada; aulas de ciências – nesse dia, cheguei chutando a parede, pois havia tomado um coquetel de frutas com ovo com a casca e estava muito forte! (isso foi minha mãe que me contou).

No final fui a oradora da turma e deixava para trás o meu lindo mundo encantado da Escolinha. Fui para o Colégio Mercês cursar a 1ª série.

Ah Sorinha! Como foi bom ter passado por aí, ter vivido um pouco com você, Zezo, Mila, Melo e com tantos outros colegas que ainda hoje lembro perfeitamente.

Lindos dias que ficaram na memória.

Obrigada, Sora.

Beijos,
Lylia, fevereiro de 2004.

Das escolas por que passei na minha vida, de uma até hoje guardo recordações, a minha primeira escola, a Escolinha Modelo Recanto Infantil. Nela, aprendemos, no começo de nossas vidas, a ter noção de respeito e cidadania. Nela aconteceram coisas engraçadas: casei com Maria das Graças (Gracinha), cerimônia essa realizada pelo “padre” Carlos Augusto, nosso colega. Houve também o prato, o pato, as viagens fictícias à cidade. Nela desfilei, cantei, representei, briguei, fiquei sem recreio e aprendi a obedecer.

Todos os meus irmãos passaram por ela, e o que me traz mais recordação é a música da formatura, que até hoje está na minha memória:

*Meu jardim chegou a hora,
me despeço de você.
Acabou-se a brincadeira.
Quem mandou, quem mandou
você crescer?
Acabou-se a brincadeira.
Quem mandou, quem mandou
você crescer?*

Dá até vontade de chorar.

Outro dia, lá estive, homem feito, formado, e a alegria de Sorinha ao me apresentar aos novos alunos e dizer: “Ele estudou nesta escola...”

Senti-me com tão grande responsabilidade de ser exemplo aos mais novos!

Só sinto uma pontinha de tristeza, uma coisinha só, de meus filhos não terem podido estudar ali, para sentirem a alegria que senti quando lá estive e poderem dizer:

Ali está a minha primeira escola!

Anselmo Daltro Silva

A sineta vai tocar quem será que nos vem buscar...

Querida Sorinha,

Tem coisas que aprendemos durante a infância e para sempre ficam em nossa memória. Essa canção é uma das muitas lembranças que tenho do tempo da Escolinha Modelo Recanto Infantil.

Tenho ensinado aos meus filhos, Jessica, de sete anos, e Kevin, de quatro, as lições que aprendi. Recordo-me uma vez quando a senhora ensinava boas maneiras e o respeito aos idosos. Levantou-se, fez de conta que estava em pé dentro de um ônibus e perguntou: “Como vocês devem proceder em tal situação?” Rapidamente levantei-me e ofereci o lugar para a senhora se sentar. Fiquei muito orgulhosa de mim mesma e nunca esqueci esse gesto de respeito e educação.

Obrigada pela paciência e dedicação. A palavra de Deus nos ensina: “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.” (Provérbios 22:6).

Com muito carinho, de sua ex-aluna,
Maria de Cássia Menezes Ferreira (hoje Cássia Couto)

Escolinha Modelo Recanto Infantil, este é o nome da minha primeira escola. Nunca me esqueci do nome, nem da escola, nem da professora.

O interessante nisso tudo é que as escolas hoje em dia participam de congressos para fazerem aquilo que a escola de Sorinha vem fazendo há quarenta anos!

Das músicas aprendidas lá, duas ficaram gravadas na memória. Uma foi a que cantávamos na formatura: “Meu jardim chegou a hora”. A outra ensinei aos meus sobrinhos:

*Palminhas, palminhas nós vamos bater,
depois as mãozinhas pra trás esconder.
Trá lá lá...*
*Bem forte, bem fraco nós vamos bater,
depois as mãozinhas pra trás esconder.
Pra cima, pra baixo nós vamos bater..
Trá lá lá...*

Aprendemos também lições de cidadania, a respeitar uns aos outros, a se comportar à mesa, etc. São tantas coisas... Lembrei que tínhamos um cardápio para o lanche; cada dia da semana levávamos uma merenda diferente, e não vemos mais isso hoje em dia.

Tenho saudade da Escolinha, e de Sorinha, pois essa fica muito feliz quando por lá aparece.

Obrigada, Sorinha,
Ana Regina, abril de 1999.

Escolinha, professorinha, Sorinha.

Minha primeira escola, onde começaram as minhas primeiras responsabilidades: acordar cedo, tomar banho, café da manhã, merenda, almoço e... sono.

A Sorinha, pró Ângela, pró Mara, o meu eterno carinho e agradecimento. A Melo, Mila e Zezo, parabéns pela imparcialidade que, como filhos, tratavam a todos igualmente.

Nessa escolinha fui sempre tratado como filho. Lembro-me que, várias vezes, fiz lanches, mesmo depois de “grande”! Iiiiiii! Sorinha, se seus ex-alunos não fazem isso hoje, pode ser que venham fazer agora; prepare o lanche! Uva, suco, biscoito, bolo, huuuuum!

Parabéns pelos seus quarenta e cinco anos de sucesso, carinho, dedicação, responsabilidade e amor aos seus alunos, professores, pais de alunos, funcionários e todos que a cercam.

Alexnaldo Paz Lima, 7 de abril de 2004 (aluno de 1971 a1973).

Escolinha Modelo Recanto Infantil

Escolinha: Para muitos, o espaço físico poderia até ser considerado pequeno. O que não era pequeno mesmo era o coração da dona da escola, Sorinha. Tampouco para nós, na época, alunos com três ou quatro anos que ingressávamos na Escolinha. O espaço parecia enorme! A Escolinha tinha parque, muita areia, árvores frutíferas, salas espaçosas... Enfim, uma escolinha que para nós era um mundo!

Modelo: A escola da pró Nicinha, a Escolinha Modelo, era uma referência, um modelo de dedicação e amor. Modelo de educação em todos os sentidos. Suas professoras eram exemplos e ainda lembro o nome de algumas delas: pró Natália, pró Mara e pró Ângela. O modelo aprendido desde a tenra infância ainda guardo até hoje: modelo de honestidade, caráter, amor, empatia, amizade, disciplina.

Recanto: Segundo o dicionário Houaiss, “recanto” é:
canto ou lugar mais afastado, menos à vista;
lugar onde alguém se esconde ou esconde algo, esconderijo;
local de aspecto agradável e clima ameno.

Para mim, a Escolinha se enquadrava nas duas últimas definições, pois discordo que podíamos estar num canto ou em algum lugar menos à vista de alguém. Todos nos vigiavam e não podíamos fazer nada de errado por mais afastados que estivéssemos.

Quanto a ser um lugar onde alguém se esconde, é verdade. Quem nunca brincou de esconde-esconde com alguém ou de esconder algum objeto?

A Escolinha também era um local de clima agradável e ameno, não só no sentido literal, mas também no sentido de relacionamento entre professor-aluno, colega-colega, diretor-professor, pais e mestres.

Realmente, a Escolinha era um recanto!

Infantil: Foi na Escolinha Modelo Recanto Infantil que nossa infantilidade teve valor e era apreciada como tal. Lá podíamos nos sentir realmente crianças e desejar, mesmo hoje na fase adulta, preservar as características psíquicas de uma criança: viver sem temer o futuro, viver para brincar, sorrir e jogar.

P.S. Escrevi com o tempo verbal no passado porque cresci e foi algo vivido por mim há anos atrás, todavia sei que muitos que hoje ainda estudam na Escolinha Modelo Recanto Infantil reescreveriam as minhas palavras com o tempo verbal no presente.

Alexsandra Paz Lima Monje

A minha primeira escola

Estudar na Escolinha de Sorinha foi o mesmo que estar em casa, pois muitas vezes o horário para mim era integral. As lições diárias de aprendizagem, que eram transmitidas de forma lúdica e concreta, contribuíram para a minha formação, fazendo com que eu me apaixonasse pela arte de ensinar e aprender, profissão que exerço até hoje, transmitindo para meus alunos do pré-escolar as frases boas que ouvi na Escolinha.

Sorinha me deu a oportunidade de crescer, vivenciar, experimentar e formular o meu próprio conceito de mundo. A primeira escola é marcante na vida de uma criança, pois lá aprendemos coisas para uma vida inteira. O que sou hoje, sem dúvida, revela o que vivi no passado, e foi maravilhosa a minha convivência com a minha primeira escola, a Escolinha de Sorinha.

Sorinha, que Deus te ilumine sempre e faça de ti, por muito mais tempo, a magnífica educadora que és.

Adriana Bitencourt Barros

Ah, Sorinha!

Que saudade daquele tempo em que pegava minha merendeira, pendurava-a no meu ombrinho e saía saltitando, cheia de alegria para ir à minha escola, minha Escolinha, onde eu brincava e aprendia tantas novidades: as cores, os objetos, as fantasias... várias musiquinhas que até hoje não esqueci!

Você não imagina como é bom recordar! Lembra-se do meu cabelo cheio de cachinhos, com vários enfeites que minha mãe colocava para deixar-me mais bonita? Valeu a pena, pois ganhei até o apelido de “Jenny Linda”. Até hoje, tenho certeza, que para você continuo sendo aquela menininha meiga e cativante que conquistou seu coração!

Atualmente, continuo ensinando a oração que aprendi com você, com muito orgulho, aos meus alunos:

*Santo Anjo do Senhor,
meu zeloso guardador...*

Um beijo,
Jenny Batista, 20 de março de 2004.

Estudar na Escolinha Modelo Recanto Infantil foi uma época que marcou minha vida escolar. Posso dizer, com toda convicção, que vivi a minha infância com simplicidade, pureza e alegria. Foram muitas passagens marcantes.

Sorinha, às vezes, nos levava para sua casa, sentávamos no chão da sala e ela nos contava historinhas de contos de fada. Hoje isso seria, para algumas crianças, algo muito simples, mas para mim era muito especial.

Na área, minha imaginação viajava nos brinquedos, pois eu achava que estava no circo. E quando Sorinha levava algumas fotos e pedia para cada criança criar uma estória em cima do que estava vendo, era maravilhoso!

Foi bom demais ter estudado na Escolinha!

Poliana Melo, 22 de abril de 2003.

Escolinha Modelo Recanto Infantil. Estas quatro palavras enchem meu coração de alegria e me trazem muitas lembranças maravilhosas. Lá, não fui somente alfabetizada, mas aprendi a como ser uma pessoa melhor, a respeitar as pessoas e o mundo, a dar valor às coisas belas, a ter valores morais. Aprendi não só a ler, mas a gostar de ler, a sempre querer saber mais sobre a vida e o mundo em que vivemos. Tínhamos lições não só de matemática e português, mas também lições de vida, cultura, boas maneiras.

Hoje sou a pessoa que sou graças ao carinho e orientação de meus pais, de minha família e também de uma pessoa maravilhosa com uma riqueza de espírito inacreditável. Essa pessoa chamada carinhosamente de Sorinha foi não só minha professora, mas também uma mentora, um modelo para mim e todas as crianças que passaram por essa escola.

Obrigada, Sorinha, por todas as coisas belas que me ensinou, pela felicidade que eu sentia ao ir para sua escola e pelo orgulho que tinha e ainda tenho de dizer: Eu estudei na Escolinha Modelo Recanto Infantil, um lugar onde se aprendem coisas que só uma pessoa com tanto amor, carisma e integridade como você, Sorinha, podia nos ensinar.

Beijo carinhoso,
Andrea Fernandes McColm

Recordações

Brincadeiras, alegria, diversão,
parquinho, areia, “ponta-cabeça”,
emoção, atenção, carinho, dedicação...

Quantas são as palavras que me vêm à mente
quando recordo minha tão querida escola –
Escolinha Modelo Recanto Infantil!

Pró Natália, pró Malena,
historinha do macaquinho (lembra?),
turminha reunida para ouvi-las,
dia da formatura...
Ah, que saudade!

Que bom recordar!
Que bom poder sorrir!
Que privilégio fazer parte da história de Sorinha!
Que anos doces e coloridos!

Cristiana Maria Paz Lima Soares

À Prof.^a Eunice Palma

Hoje, esse nome é emprestado à escola que teve grande influência em minha vida com o nome de Escolinha Modelo Recanto Infantil.

Cheguei quase sem falar (mal pronunciava algumas palavras). Preocupados, meus pais me levaram a consultas com pediatra e psicólogo. Sem resultado, resolveram fazer minha matrícula no curso Maternalzinho, aos dois anos de idade.

Além de apresentar dificuldades para falar, meus pés não tinham cavas, obrigando-me ao uso de botas ortopédicas, quando já se manifestava uma pequena atrofia em minhas pernas.

Fui apresentado à Prof.^a Eunice Palma, “Sorinha”, a qual tranquilizou minha mãe: “Não se preocupe. Breve ele estará falando tudo. Basta o convívio com as outras crianças.” Ela estava certa. Conhecedora da didática e da psicologia infantil, sabia o que falava, o que dizia.

Deram-me uma semana para adaptação, tendo minha mãe escolhido o horário das 8h às 10h. Porém, no primeiro dia de aula, quando chegou a hora de sair, lá estava eu, escondido debaixo da mesa para não ir embora, e Sorinha pacientemente permitiu que eu ficasse para o segundo horário, que era das 10h às 12h.

Assim, irrequieto, a correr e participar da programação da escola com minhas botas e minha gagueira, aos poucos fui falando, falando, até virar tagarela, a gritar e a correr. Passei para o Maternal, depois para o Jardim I, Jardim II, chegando ao curso de Alfabetização. Uma festa inesquecível! Não quero e não posso esquecer o carinho de minhas professoras e especialmente da Prof.^a Eunice Palma, a qual continua “Sorinha”, em meu coração, como continua a Escolinha Modelo Recanto Infantil, em minha lembrança e em meu coração.

Um beijo para Sorinha pelo transcurso do aniversário da entidade, pelo bem que tanto faz à criança, à família e à sociedade.

Obrigado por tudo. Sou um adulto normal, ajustado. Minhas pernas não são tortas, meus pés não são sem cavas, minha alma é alegre e hoje cheia de felicidade por poder repetir:

Obrigado, Sorinha.

Felicidades, Sorinha.

Parabéns, Sorinha.

Que mais e mais crianças se tornem adultas aprendendo a amar os pais e a família, e que encontrem sempre uma professora que mereça ser chamada “SORINHA”.

Beijos,

Daniel de Cerqueira Campos, abril de 1999.

Minha infância, minha escola

Lembro-me pequenina, esperando aquele dia da semana, o qual me sentaria debaixo das árvores daquela casa – minha casa, minha escola. Como era bom! Sombras, passarinhos e o mais importante: as histórias ouvidas por Sorinha. Em nenhum livro de história, em nenhuma outra escola, pude aprender e viver tão bem as histórias contadas sobre a Lei Áurea, a escravidão, as palafitas, as pedras preciosas. Eu ficava desejando somente uma pedrinha daquelas! Não pelo seu valor, naquela idade não tinha essa noção. Mas pela história que tinha dentro de cada uma! Eu aprendia as histórias me sentindo personagem! Vivia intensamente cada uma contada! Essas manhãs eram maravilhosas, relaxantes, aconchegantes...

Chegou o dia de levar a fruta que não gosta para a escola. Nesse dia, lembro que tinha muitas frutas, mas não lembro qual fruta eu levava. Não sei bem o motivo, mas imagino que a festa era tanta, que passávamos a adorar todas elas.

Dia do chá! Nesse momento não a via como uma professora, mas como uma nobre da Corte Portuguesa! A coleção de porcelana que nos mostrava nos fazia sentir dentro de um palácio real! E assim estávamos criando hábitos saudáveis e “bebendo” mais informações com Sorinha.

Nunca esqueço. O Dia do Folclore! Era uma semana só de comemorações.

Cabo de guerra, passar anel, cabra-cega, cantigas de roda, pau-de-sebo, quebra-pote, etc.

O pau-de-sebo era meu favorito! Lembro-me, toda melada, olhando para cima, chegando quase lá. Acho que nunca consegui alcançar algum prêmio.

E em alguns momentos, aparecia um indivíduo, coberto com um lençol, corcunda, usando óculos de vovozinha, correndo atrás das crianças! Nossa! Como era divertido, hein, Zezo? Hoje em dia ouvimos das escolas: “Os efeitos extras de animações são pagos a um profissional especializado nessa área.” Imaginem! Tivemos, como esse, muitos animadores voluntários, aqueles que iam com o coração aberto, somente para ver o sorriso das crianças da Escolinha Modelo Recanto Infantil! Sim, um Modelo de Escola, um modelo de professora!

Chegou o dia da minha formatura! Fui alfabetizada! Lembro-me de cada detalhe! De como Sorinha se preocupava para que tudo estivesse perfeito. O vestido branco, rodado, a coroa de flores naturais na cabeça... E um episódio marcante: estava machucada e a meia-calça grudou no machucado. Eu chorava tanto! Sorinha chegou para mim e disse: “Gabi, esqueça isso por um momento, porque senão você vai sair nas fotos cho-

rando, e depois que as fotos forem reveladas, todos vão achar que você estava triste nesse dia tão importante. Seu Ademar, enxugue as lágrimas dela e a deixe linda para a fotografia.”

Fora da escola, Sorinha era amiga da minha família. Nos fins de semana, estava lá, sentada na poltrona da minha casa, conversando comigo e com minha família. Ali ouvia suas histórias pessoais, fase da adolescência, seus amores, suas felicidades, suas tristezas e, acima de tudo, seus conselhos. Por muito tempo tive sua ajuda nos meus trabalhos escolares, após ter me formado na Escolinha. Adolescente, ela me fornecia a Escolinha para as festinhas feitas por meu grupo de amigas e primos. Foram novas histórias, novos momentos, nova fase.

Que anos tão lindos que se foram tão depressa! Ai que saudade da minha infância, que saudade de Sorinha, que saudade de Periperi!

Minha eterna gratidão, por uma infância tão feliz
Gabriela Cabral Botelho, 24 de outubro de 2008..

Ainda era, e sempre vai continuar sendo, em minhas lembranças e em meu coração, “Escolinha Modelo Recanto Infantil”. E que lembranças! Se naquele tempo eu fechava os olhos em protesto por ser levada às aulas todas as manhãs, é com orgulho, carinho e muito amor que olho para trás e me recordo da minha primeira escola, e segunda família!

Sorinha, pró Mara, tia Dilma... e tantos outros nomes! Nomes que cobrem de sorte toda criança que os encontra. Mesmo com os meus “protestos”, as minhas lembranças da Escolinha são muito felizes. Desfiles da primavera, jogos de futebol do Dia dos Pais, quadrilhas de São João, desfiles de Sete de Setembro... e especialmente dos banhos de mangueira no verão – esperava ansiosamente por eles. Minha avó tentava diminuir a minha espera fazendo pequenos “banhos de mangueira” no jardim de nossa casa, mas não eram iguais; faltava a festa, o biquíni verde por baixo da farda, e a própria espera, que os tornava ainda mais especiais. Outra lembrança que ainda me acompanha é a das estórias maravilhosas do “tio” Zezo! Com direito a transformações de vovozinhas em lobo mau, finais inusitados, e tudo mais que nós, seus pequenos espectadores, tínhamos direito.

Mas uma coisa, muito especial, me aconteceu na minha escolinha – foi lá que, pela primeira vez, ouvi o meu nome completo. Acostumada a ser chamada de Kika, Kikinha, Cris, foi estranho e engraçado quando, no dia em que estávamos aprendendo a escrever o próprio nome, vi no papel: Cristiane Collazo Doffini. “Não, não é o meu nome não!” foi o que eu pensei e acho que cheguei até a reclamar, “tantos nomes assim, não podiam ser meus!” Mas eram. Em casa, passei toda a tarde repetindo e escrevendo o meu nome, a minha nova descoberta!

E, por essas e muitas outras lembranças e descobertas, só tenho a agradecer ao lugar onde fiz meus primeiros amigos e dei meus primeiros passos, à minha Escolinha Modelo Recanto Infantil.

Cristiane C. Doffini

Lembro-me da minha primeira escola; na minha época chamava-se Escolinha Modelo Recanto Infantil. Lembro-me de tia Dilma, a minha primeira professora; sua dedicação carinhosa, seu maravilhoso dom de ensinar pondo em prática, sua compreensão...

Essas, entre outras tantas, são coisas difíceis de apagar da memória: o escudo com a pomba, a areia branca, os escorregadores... São tantas lembranças maravilhosas que tenho da minha Escolinha, que preciso organizar a enxurrada que me ocorre.

Inúmeras são as recordações, porém, três acontecimentos fixaram-se mais profundamente em minha memória, não sei por que razão, todavia nunca os esquecerei, e sempre os revivo, de repente, toda vez que passo diante do muro alvo que abraça minha velha escola; ou que me recordo, por algum motivo, da minha passagem por ela.

O primeiro foi uma excursão ao teatro, onde pela primeira vez vi encenada a fábula dos *Três Porquinhos*; no elenco, nosso querido Zezo; aquela peça não saiu de minha mente por várias semanas e, ainda hoje, lembro-me da alegria que senti por assisti-la.

A outra ocasião se deu nas comemorações da independência do Brasil, onde eu tive o privilégio de representar o próprio Dom Pedro. Só quem teve a felicidade de participar de eventos assim compreende a importância e o significado que eles detêm na vida de uma criança.

A terceira recordação aconteceu num momento difícil; quando se aproximava a hora de deixarmos a escola, Sorinha, tão amada, fez questão de reunir-se com a turma para um momento de despedida. “Quem mandou você crescer?” dizia um dos versos de uma música que cantávamos durante a formatura, e a minha vontade era de não ter crescido. Como eu gostaria de estar lá até hoje! O que eu daria para ser novamente criança e ter minha Escolinha de volta!

Mas a mancha inexorável do tempo não pode ser contida; nem seus efeitos evitados. O carinho, a atenção e a bondade que recebi quando criança se renovam e ressurgem todas as vezes em que reconhecem o meu rosto naquela casa de sonhos, e eu percebo que não perdi minha escola; que ela será minha para sempre, e que é bem maior do que aparenta, pois sua extensão começa entre seus muros e só termina nos corações de seu alunos, ex-alunos, pais, professores, funcionários, enfim, da pessoa que fez e faz parte dessa obra fantástica.

Hoje sou homem, construirei minha família, sonho com um mundo melhor e com uma sociedade mais justa e mais humana, desejando que, no futuro, em cada bairro do mundo, exista uma escola como a minha.

Que Deus abençoe Sorinha e todos que contribuíram para que essa obra existisse.

Obrigado,

João Alfredo Reis Silva

O primeiro dia

Baseado apenas na minha memória, não poderia precisar a data, se chovia ou fazia sol, nem mesmo o mês em que fui matriculado na Escolinha Modelo Recanto Infantil. Ao futucar o baú das memórias, o que me ocorre é apenas uma mescla de ansiedade, medo e desconfiança que parecia subir pelos calcanhares, tomando conta rapidamente das pernas, barriga e explodindo no peito, que pulsava descompassado.

Ainda em casa, tomei banho, vesti a farda e enchi os ouvidos de minha mãe com uma série de porquês. Ela pacientemente me respondeu, penteou meus cabelos e me enviou para a minha mais nova aventura. Não recordo quem me acompanhou até o meu destino, o fato é que fui levado até lá pela mão, pois não deveria ter mais que quatro anos de idade.

Ao passar pelo portão da Escolinha, pensei em pedir para me deportarem de volta à minha zona de conforto, o lar. Por algum motivo, porém, sabia que deveria permanecer naquele lugar.

Lembro-me de ter visto outras crianças na mesma situação que eu. Todas fardadas, prontas para enfrentar o mesmo desafio. Vi um parque com escorregador, gangorra, árvores e muita areia. Eu me senti mais confortável então. Foi aí que conheci Sorinha. Assim era conhecida a Prof.^a Eunice Palma, diretora da escola. Era uma senhora magra, de baixa estatura, pele negra, cabelos crespos, voz e olhar suaves. Lembro-me vagamente apenas de procurar ser simpático com ela, pois não me parecia ser uma ameaça.

Entreí na sala junto com os demais neófitos e me diverti bastante durante aquela tarde. Quando meu pai apareceu para me resgatar, ansioso para saber as novidades, percebi que, apesar de ter, aparentemente chegado ao fim daquela fascinante experiência, era apenas o começo de uma deliciosa história.

Surpreendentemente, me enturmei numa velocidade que nem eu mesmo acreditava que era possível. Em menos de um mês, já me sentia amigo de todos: colegas, professores, funcionários, Mila, Melo e Zezo. Conhecia a todos pelos seus respectivos nomes. Aliás, passados vinte e quatro anos e mesmo perdendo o contato com a maioria, ainda me lembro de alguns: pró Mara, Cynthia, Ana Paula, Eduardo, Joadson e Denise, pois eram as pessoas mais próximas a mim nessa época.

Na Escolinha Modelo Recanto Infantil, não aprendi apenas a ler e escrever. Foi lá que se iniciou o processo de minha formação cívica e ética, pois era notória a preocupação de Sorinha e seus professores em nos oferecer o maior e melhor portfólio de dados possível, que me serviram como base para o desenvolvimento de um adulto íntegro, complementando assim a boa educação doméstica que tive. Lá, tive acesso

ao conhecimento de alguns direitos e deveres. A mim foram atribuídas tarefas e responsabilidades, que aos olhos de alguns poderiam parecer desnecessárias a uma criança de cinco anos.

Gostaria de encerrar fazendo uma homenagem a um personagem marcante em minha vida e reconhecer sua importância publicamente, a fim de tornar notório seu valor como educadora e principalmente como pessoa. A essa mulher lutadora, honrada, íntegra, simples, doce, suave, devotada à sua missão, devo uma boa parcela do que sou.

A você, Sorinha, o meu amor, respeito, admiração e os eternos agradecimentos.

Um beijo forte do seu sempre aluno,
Matheus Reis da Silva, 10 de março de 2004.

Essa escola, meu segundo lar, foi o local onde cresci em todos os sentidos e que me ajudou a entender a importância dos valores de respeito e comunidade. Logo que cheguei, aos três anos de idade, só queria saber de ficar brincando na área, do lado de fora da sala, e o importante disso tudo foi que nenhuma das minhas inesquecíveis “tias” me pressionou a entrar na sala. Deixaram isso acontecer naturalmente, o que foi muito importante para o meu amadurecimento. Até porque era a primeira vez que eu ficaria por algum tempo sem a presença dos meus pais. E, com certeza, muito mais difícil do que para mim, foi para minha mãe, que todos os dias ao levar-me para a escola, além de chorar por ter que deixar-me alguns instantes sem a sua companhia, arranhou um bloco de construção, no qual se equilibrava junto ao muro para poder ficar observando-me todo o tempo. E as minhas “tias” deixavam isso acontecer, pois entendiam o quanto isso era importante. É incrível como, mesmo tendo apenas três anos, a gente não esquece certas coisas da nossa vida.

A minha inesquecível Escolinha Modelo Recanto Infantil, hoje Escola Modelo Eunice Palma, além das brincadeiras, nos despertava para a realidade do mundo lá fora, ao realizar excursões a teatros ou ao arrecadar alimentos para os necessitados. Sorinha, carinhosamente assim chamada, e as nossas “tias” mantinham uma linguagem e um método tão delicado e único de comunicação conosco, que nós nos sentíamos verdadeiramente em casa.

Um dia busquei encontrar professores, e acabei encontrando muito mais que isso, acabei encontrando verdadeiros amigos.

João Paulo Ribeiro, 15 de maio de 1999.

Minha vida, minha história

A minha infância foi muito conturbada, abandonado por meus pais em um hospital em Periperi, com desnutrição, seguida de uma carência afetiva.

Logo no primeiro ano dentro do hospital, me matricularam em uma escola em Periperi para ver se a desnutrição havia afetado a minha capacidade de raciocínio. Foi nesse mundo em que fui criado que aprendi muito com os meus professores, principalmente com Eunice Palma, carinhosamente chamada de Sorinha. Ela me ensinou a ser criança, já que eu, com onze anos, ainda não sabia o que era ser feliz.

Hoje tenho vinte e nove anos, e lembro com muito carinho o que Sorinha representou e representa para mim. Sempre que paro para pensar na minha infância, logo me lembro daquela escolinha com árvores frutíferas e todos os amigos que lá fiz.

Hoje eu sou feliz, pois como pude ter em Maria Lucídia de Brito uma mãe adotiva que me deu todo carinho, pude também em Sorinha ter um amor verdadeiro e especial.

Eunice Palma, obrigado por ter me ensinado a crescer.

Do seu aluno,
Carlos Luiz de Brito

Obrigado, com licença, por favor e desculpa

Estas foram as palavras que formaram o nosso caráter e nos conduziram pela estrada da vida. Fomos ensinados que, com estas mágicas palavras, todas as portas se abririam para nós. Só que as nossas mestras deixaram que descobrissemos no dia a dia o que isso nos traria como consequências indeléveis: uma gama de bons fluidos como respeito, dignidade, lealdade, honestidade, sinceridade, fraternidade, igualdade e liberdade; e que isso significaria os princípios de um bom homem.

Em cada degrau da nossa Escolinha, passamos um ano inteiro desfrutando das nossas adoráveis professoras e aprendendo a amarrar os cadarços, descobrindo o mundo, preservando a natureza, amando os bichos e as demais coisas da vida. Sem falar nas inigualáveis festas de época, com seus chás e sequilhos deliciosos que serviram como Modelo de aprendizado para os costumes dos homens, e das festas folclóricas, ensinando-nos a cultura do nosso imenso país. E em cada sala, um lar, em cada lar, um Recanto de amor, com as tias Zezé, Dilma, Sandra, Mara e Sorinha, que nos deram toda a educação que preservamos até hoje. Não podemos nos esquecer dos amigos, das brincadeiras, das mangueiras, do parque e da beleza de ser feliz na infância – e esse sentimento é tão forte, que a gente é tão Infantil quanto antes.

Pedimos licença a todos que lerem esta carta para falar da nossa profunda admiração por essa instituição e educadores. Pedimos também desculpas, caso tenhamos desviado um pouco da rota. E que, por favor, parabenizem os quarenta e quatro anos de vida da escola e também a dedicação de todos os mestres que ali ensinaram (e ensinam), regidos pela batuta da maestrina que tem palma em seu nome e será sempre ovacionada.

Obrigado por tudo que nos fez, Eunice Palma, e parabéns por mais um ano.

Flávio Bittencourt de Queiroz / formando de 1985

Ilka Bittencourt de Queiroz / formanda de 1983

Rita Deisy Bittencourt de Queiroz / formanda de 1982

Falar sobre a minha infância implica em falar sobre minha Sorinha, tia Dilma, pró Mara, enfim, sobre a Escolinha. Os banhos de mangueira, os desfiles nas ruas, os passeios, os chás, as festas folclóricas e juninas, tudo isso nos fazia viver num mundo de fantasias, num mundo de sonhos.

Mas nesse mundo também havia um toque de realidade. Sorinha e todas as nossas tias, assim carinhosamente chamadas, ensinaram-nos a respeitar o próximo, independente de sua cor e de sua condição financeira. Ensinaram-nos ainda que não deveríamos desrespeitar ou até mesmo ter pena das pessoas que possuem algum tipo de deficiência física ou mental.

Aprendemos, alunos e pais, que não é correto utilizar roupas com remendos nas festas juninas para estereotipar a pobreza das pessoas do interior, fazendo-nos respeitar e refletir sobre a condição daqueles menos favorecidos. Foi na Escolinha que começamos a exercitar a tão falada CIDADANIA.

Tenho certeza que as sementes que foram lançadas formaram uma árvore frondosa que começa a dar alguns frutos. E um desses frutos é que daqui a alguns meses serei uma assistente social.

Pelo convívio maravilhoso, pelo ser humano que sou hoje, agradeço-lhe, Sorinha, ontem, hoje e sempre.

Felicidades e parabéns pelos quarenta anos de amor, carinho e dedicação!

De sua eterna aluna,
Cíntia Durão Lemos
(turma de 1982)

Uma das lembranças que ainda guardo dos dias, ou melhor, das manhãs na Escolinha, é a hora da chegada. Como o transporte escolar me deixava primeiro, e isso era mais cedo que o horário escolar, eu ficava na casa de Mara e seguíamos juntas para a Escolinha. Não foram poucas as vezes que estive na cozinha da casa de Sorinha, na hora do café da manhã. Seu Zeca me colocava na mesa e não raro eu “filava” um cafezinho, depois de cantar o *jingle* do Café Palheta.

Assim era na Escolinha, uma extensão da minha casa, onde ensinamentos se misturavam a músicas, brincadeiras e carinho, muito carinho. Tudo sob a batuta de Sorinha. Inesquecível pró, professora, Sorinha, ensinando a quem passou pela Escolinha que aquilo que fazemos com amor dura em nós e nos outros para sempre.

Cíntia Moreno, janeiro de 2004.

Todos dizem que os bons momentos de nossas vidas nós nunca esquecemos. É verdade. Lembro-me claramente da minha infância, das alegres manhãs que passei na Escola Modelo Eunice Palma, das divertidas festinhas das cores, das brincadeiras no parquinho, dos passeios ao Pelourinho, ao Mercado Modelo e à Igreja do Bonfim – a introdução de fatos históricos, da realidade, de uma maneira simples e bastante significativa.

Guardo lembranças de um encontro com Mabel Velloso, o que incentivou o meu interesse pela leitura, e de algumas exposições, que traziam informação e diversão. Ao ouvir a música “Emoções”, de Roberto Carlos, recordo a minha formatura da Alfabetização, porque ensaiamos essa música escondido, para surpreendermos a todos, prestigiando em 1994 os trinta e cinco anos da escola.

Novamente tenho a oportunidade de homenagear essa escola, que agora completa quarenta e cinco anos, mas hoje tenho a consciência da importância da formação infantil, que não consiste somente nas primeiras letras e frases, mas principalmente nas primeiras lições de amizade, cidadania, história e ecologia.

Desejo que a missão educadora desenvolvida pela Escola Modelo Eunice Palma e pela sua regente, Sorinha, tenha um grande caminho, podendo formar novos cidadãos.

Verena Paranhos Moreno Batista, 18.01.2004.

Escolinha Modelo Recanto Infantil.

MODELO: de educação, formação e ensino

RECANTO: de amor, carinho e dedicação

INFANTIL: por respeitar a minha cronologia e nunca ter me forçado a ser adulto.

Tive educação formal e doméstica. A gente se divertia fazendo festas de época, mas na verdade estava tendo aulas de boas maneiras, como se portar numa mesa, como usar os talheres, o guardanapo.

Tive formação moral e cívica. Lembro-me dos desfiles de Sete de Setembro. Fui por um dia Maria Leopoldina e por causa disso me interessei ainda mais pela história do Brasil.

Estudávamos biologia, fazendo experiências: germinação de sementes em algodão umedecido; fotossíntese com plantas em vasos fechados; formigueiros em aquários, para ver tudo o que estava acontecendo com uma sociedade tão organizada. Em casa, eu queria repetir as experiências e fazer com que toda a minha família fosse a plateia. Meu pai muitas vezes teve que se virar para conseguir o material para que eu executasse a obra!

Em tia Dilma podíamos confiar. Ela estava sempre disposta a nos receber de braços abertos e a nos ouvir. Com pró Mara, senti que estava ficando importante. De “tia” para “pró” há uma grande diferença para quem tem seis anos de idade. Comecei a conhecer um mundo novo: as vogais, as consoantes, as sílabas, as palavras, tudo no seu tempo; não era devagar, apenas sem pressa, na velocidade certa.

Tudo isso só foi possível devido a uma pessoa querida: Sorinha. Eunice Alves da Palma, uma mulher de força, coragem e amor! Não é um amor qualquer, é o amor maternal que ela sempre dedicou a cada um de nós; amor e preocupação de mãe, pois ela reconhecia quando alguma coisa não ia bem e buscava imediatamente a solução para o problema.

Sorinha, de professorinha, é e sempre será mais do que professora. Ela é uma educadora que sempre torceu e continua torcendo e vibrando com o nosso sucesso.

Agradeço a meus pais por terem confiado à pessoa certa a construção de uma base sólida para o meu desenvolvimento.

Obrigada, Sorinha!

Sua aluna,
Greice Ximena S. Oliveira

Foram os quatro anos mais emocionantes de nossas vidas, onde a sua dedicação mostrou-se fundamental para o nosso desenvolvimento educacional e profissional. Foi na Escolinha Modelo Recanto Infantil que aprendemos a ver a Lua paquerando o cometa, o rio fazendo chuá chuá, onde tivemos os nossos melhores cafés da manhã, conhecemos a palavra união, organizamos casamentos, participamos de desfiles, banhos de mangueira, festejamos o folclore brasileiro e outras datas comemorativas.

Obrigado, Sorinha, por toda a atenção e carinho demonstrados para facilitar nosso aprendizado durante todos esses anos. Agradecemos também às nossas eternas tias: Dilma, Sandra, Zezé, Néa, Mila e Melo, pela paciência e compreensão com o trio maravilha, e a pró Branca e pró Mara, que nos acompanharam até o Colégio São João Batista, para carimbar de vez todo o trabalho que nos foi dedicado com imenso êxito.

Enfim, chegamos à realidade, acabou-se a brincadeira, ainda não descobrimos quem nos mandou crescer, mas podem estar certos de que no fundo somos grandes e eternas crianças.

Dos trigêmeos, Ana Cleide, Cleide Ana e Cleidson, 16 de março de 1999.

Recordo que eu levava uma merendeira amarela, que meu irmão usava sapato marrom, que a areia da área de recreio era branquinha... Fui aluno de tia Zezé, tia Sandra Gorda, tia Tânia, tia Sandra Rita. Amo todas, principalmente porque desempenharam um papel fundamental na minha educação e no meu caráter. Trataram-me como criança, como gostava e precisava ser tratado. Senti-me muito amado.

Acabei por chegar à Alfabetização. Pró Mara foi muito importante porque além de me alfabetizar, pude me espelhar em sua meiguice, paciência e amor para com os próximos, seus alunos. Adoro-te. Aprendi o ABC com o livro *Casinha Feliz*. Primeiro os amiguinhos a, e, i, o, u, depois chegaram o rato, a serpente, o neném, a mamãe, o cocó, o gato, o lápis, o jato, etc.

Cheguei à 1ª e à 2ª séries e fui aluno de Mila. Essa também teve que suportar umas pequenas crises e principalmente tentar me ensinar a escrever *salxicha*, ou será *salcicha*, *salchicha*? É uma pessoa maravilhosa, que eu considero como uma amiga, quase irmã mais velha que tem um lugar guardado no meu coração.

Na 3ª série fui aluno de Mila e Melo, sua irmã, que amo demais também. Foi ela quem inspirou essa minha paixão louca pela língua inglesa.

Na 4ª série fui aluno de tia Sandra Rita, excelente pessoa. Amo-a muito também.

Depois tive de continuar a estudar em outro lugar.

A ex-Escolinha Modelo Recanto Infantil, hoje Escola Modelo Eunice Palma, é e sempre será minha segunda casa, aquele lugar onde todos gostam de mim, onde me sinto bem e renovado. Sempre admirei as pessoas que faziam parte dela. Sorinha então! Sorinha é uma pessoa que você até tenta definir, mas é impossível. No coração dela cabem todas as crianças do mundo; amor, carinho, solidariedade e compaixão são coisas que, garanto, não faltariam a nenhuma delas.

Por fim, nada mais justo que agradecer a Deus por ter iluminado meus pais para que me pusessem na Escolinha, permitindo que minha vida se guiasse pelo amor. Repetirei um gesto que ficou na memória de todos que assistiram à minha formatura:

— Sorinha, eu te amo!

Tenha certeza que procuro viver no meu Recanto Infantil, seguindo o Modelo Eunice Palma.

Leandro Seixas da Silva

Sorinha,

Hoje, Dia Internacional da Mulher, tiro o meu chapéu para você. Tiro o meu chapéu para você, Sorinha, na certeza de que o mundo inteiro também tiraria, pelo seu caráter, pela sua bondade, pela sua paciência, pela sua sinceridade, pela sua capacidade de entender os corações mais duros e cruéis.

Tiro o meu chapéu para uma mulher que nunca vi como diretora e sim como uma grande amiga.

Tirarei sempre o chapéu para você, Sorinha, pois sei que você será sempre assim, e ainda que tentem me pôr contra você, não conseguirão, pois o que você plantou dentro do meu interior jamais morrerá.

Tiro hoje e sempre o meu chapéu para uma grande mulher, Sorinha.

Parabéns, amiga, e continue assim.

Nalva

Lembranças da Escolinha Modelo Recanto Infantil

No dia 17 de julho de 2001, estava trabalhando no aeroporto, quando a avistei: “Não é possível”, pensei, mas não tinha como negar. “É tia Sorinha!” Dizem que, quando estamos perto da morte, vemos todo o filme de nossa vida num piscar de olhos, mas aconteceu comigo sem precisar chegar a tanto. A minha infância, a coisa mais linda da minha vida, em poucos segundos vivi de novo.

Ela é a dona da minha Escolinha! Foi o lugar onde conquistei as primeiras coisas mais importantes da minha vida, como o valor da amizade, felicidade, alfabetização, amor à natureza, enfim, boa parte da minha educação de hoje devo a ela.

Foram desde aulas de etiqueta a fantasias de baiana, havaiana, pierrô, índia, coelhinho...

Às vezes estávamos em atividades cansativas quando tia Sorinha aparecia para nos salvar:

— Em fila, Maternal, hoje vamos conhecer minha casa.

Ou:

— Hoje vamos aprender a receber uma visita.

E ainda:

— Olhem um casulo. (E a aula era sobre o casulo!).

Lembro-me que às sextas ou sábados passava o programa de Jacques Cousteau, que tinha como assunto principal a natureza. Na aula seguinte, ela fazia perguntas sobre o que foi visto:

— Por que é que de vez em quando os peixes pulam para fora do rio?

— Para respirar, respondi e ganhei um lindo mural de Santos Dumont.

Outra coisa que não esqueço: se ela estava em casa e via algo importante na TV, corria e nos “raptava” para ver junto com ela, como no dia em que o Sr. Tancredo Neves ia tomar posse de Presidente e não aconteceu porque ele adoeceu na véspera.

Aprendi a gostar de ovo por causa de tia Sorinha, que pediu aos pais para as crianças levarem pratos que não gostassem. Só comi ovo porque ela me prometeu:

— Se você comer o ovo, poderá comer uma comida de outro coleguinha que você goste.

Eu queria macarrão. Comi o macarrão, mas com ovo, é claro!

Todos os dias fazíamos bolos de areia no pátio de recreio e a chamávamos para bater parabéns. Ela vinha paciente toda vez que a chamávamos, nunca deixou de vir.

Essa escolinha pode não ter enfermaria, professores pós-graduados, um parque de primeira linha, mas tinha tia Sandra, tia Zezé, tia Dilma, pró Mara e, principalmente, tia Sorinha. Elas me davam colo, chupeta,

amor e vinham aos meus aniversários. Essas coisas não existem mais em lugar nenhum do mundo! Elas, as tias, mostravam verdadeiramente o que era gostar do que faz, sem precisar de um currículo fantástico para exercer sua profissão.

Giselly Pereira Alves Fajozes

Bárbara Cristina é deficiente visual e até os dois anos de idade era uma criança totalmente dependente de mim; só comia, dormia, tomava remédio, água, só satisfazia suas necessidades fisiológicas, se eu estivesse presente, assim como exigia de mim todos os minutos do dia e da noite, pois também não dormia quase nada. Tudo que eu fazia era com Bárbara nos braços.

Aconselhada pela orientadora do Instituto de Cegos da Bahia, procurei Sorinha para matricular Bárbara nesse colégio. Ela foi aceita, não só pelos professores, como também pelas mães de alunos. Foram dias de sofrimento tanto para mim, que ficava em casa chorando, quanto para ela, que na escola não merendava, não fazia xixi, nada fazia a não ser chorar.

Aconselhada pela orientadora, comecei a pegar Bárbara na escola às 10h. Em casa, tirava toda a sua roupa, para que ela se descontraísse. Aí ela parava de chorar, conseguia merendar e até mesmo fazer xixi.

Dois meses depois, Bárbara começou a falar em tia Zezé, nas coleguinhas, em tia Melo, não queria mais ir para casa. Graças a essa escola, minha filha é uma criança totalmente independente, inteligente, aceita pelas crianças, em qualquer ambiente, pois sabe se comunicar com todo mundo. Quatro anos de Escolinha Modelo Recanto Infantil!

Tia Zezé, tia Dilma, tia Sandra, tia Sorinha, obrigada pela filha que tenho hoje, Barbinha, tão carinhosamente chamada pelas tias, como também pelas mães dos alunos dessa escola.

Atenciosamente,
Diair Pinto da Silva, 1º de junho de 1982.

Querida pró Sorinha e equipe,

Quando minha filha completou dois aninhos, já possuía um vasto vocabulário, era inteligente e prometia muito... Foi quando senti a necessidade de colocá-la numa escolinha. Mas essa escolinha teria que ser muito especial, uma extensão do seu lar, uma “casinha feliz”. Então conhecemos a Escolinha Modelo Recanto Infantil – uma “casinha feliz”. Foram nove anos de convivência, doação, aprendizado e muito, muito amor.

No primeiro dia de aula, nós choramos muito juntas, porque tínhamos que nos separar por algumas horas, mas eu sabia que aquilo era necessário, que naquele momento começava uma fase muito importante na vida daquele pedacinho de gente, que lhe serviria de base para toda formação do seu caráter e do seu futuro. Muitas vezes senti vontade de voltar a ser criança e compartilhar daquele mundo onde as crianças podiam ser livres.

Foram muitas emoções e muitos momentos felizes. Nada mais emocionante eu vivi do que assistir ao primeiro baile de formatura da minha filha, e foi graças a essa escola, agora Escola Eunice Palma, uma merecida homenagem à sua fundadora, que eu vivenciei esse momento inesquecível na minha vida. Nunca esqueci também as lágrimas de minha menina, já mocinha, quando chegou em casa no último dia de aula, no seu último ano na escola, ela chorava de saudades da sua Escolinha.

Obrigada, muito obrigada por tudo, pró Sorinha, minha amiga “Só”.
Lucianita

Cara Sorinha,

Ao longo de tantos anos de convívio escolar, a gente, sem sentir, vai abrindo o coração para as amizades saudáveis e verdadeiras. Foi assim que aconteceu comigo durante os dez anos em que marquei presença na Escolinha, através de meus filhos; nela desfilaram a inteligência explosiva de Vanessa, o sorriso cativante de Lorena e o enigma de Vinícius, três crianças com jeitos de ser completamente diferentes, mas com uma coisa em comum: o afeto e o respeito por Sorinha – um binômio perfeito para quem durante toda uma vida só cultivou o amor, em forma de trabalho.

Ajudando meus filhos nas tarefas escolares, eu também me senti um pouco criança: reaprendi a valorizar Tiradentes, a conhecer melhor o índio da nossa terra e a respeitar mais o caipira.

Uma coisa, entretanto, só a escola da vida me ensinou: é que o tempo não se detém no tempo, por mais importante que ele tenha sido para nós; o meu momento na escola está chegando ao fim. Logo logo novas imagens surgirão em minha vida, substituindo as antigas, deixando apenas uma grata lembrança desse pedaço da infância de meus filhos.

É possível que não volte a lhe escrever ou quase não o faça. O “quase”, entretanto, como bem disse Roberto Carlos, “também é mais um detalhe” e um fragmento de lembrança, por menor que seja, mostra que uma grande amizade não vai morrer assim.

Saudade antecipada,

Maria Lúcia Orleans Oliveira, 26 de novembro de 1993.

Nossos três filhos foram muito bem preparados para enfrentarem os cursos futuros porque fizeram o pré-escolar na Escolinha Modelo Recanto Infantil, hoje Escola Modelo Eunice Palma, e, como eles dizem com muito carinho: “a Escolinha de Sorinha”.

Nós participamos de muitas coisas que aconteceram nesse maravilhoso período escolar de nossos filhos na Escolinha. Lembramos, por exemplo, uma visita ao Museu Carlos Costa Pinto, e não podemos esquecer a expressão de surpresa da pessoa que nos recebeu, ao perceber que as crianças tinham um bom nível de conhecimento. Mais admirada ainda ela ficou quando, ao perguntar de que escola eram as crianças, Sorinha respondeu: “Escolinha Modelo Recanto Infantil, de Periperi”.

Infelizmente, as pessoas têm alguma discriminação em relação à periferia e não sabem que lá também se faz um bonito trabalho e que, como é o caso da Escolinha, muito melhor do que muitos da “cidade”. Dentro da Escolinha é feito um trabalho muito bonito, onde são adquiridos muitos conhecimentos para a vida social.

Sentimos pelas crianças que não tiveram a felicidade e a oportunidade de passar por essa Escolinha que nos é tão querida e que foi a melhor coisa que pôde acontecer no início da vida escolar de nossos filhos. Eles não poderiam ter tido uma base melhor.

Obrigado,
Solange e Carlos Alberto Carvalho,
pais de Carlos Daniel, Mauro Tiago e Juliana Conceição.

Sorinha,

Conhecer a família Palma foi muito gratificante para mim e meus filhos. Do seu pai, Sr. Natanael, não tive muita aproximação. Porém, com a sua mãe e seu irmão, tive mais convivência. Dona Amélia, calma, delicada, solícita, deixava-me muito à vontade. Natan era um rapaz bom, educado, atencioso.

E você perguntava: “O que fazer da minha vida depois das perdas?”

Mas Deus já tinha lhe respondido, antes de você fazer a pergunta. Sabe quando? Quando você, que era formada em música, resolveu investir em educação e fundou a Escolinha Modelo Recanto Infantil. Ainda bem que você já tinha sentido a sua vocação de ser educadora e trabalhar com crianças, preferindo as menores e talvez mais trabalhosas.

Como foi bom conhecer você! Quantos desabafos!

Como foi bom entregar-lhe os meus filhos!

Tive tantos momentos de alegria e de compensação. Procurei ser o melhor possível e acreditei na escola, na direção e nos professores. Confiei nos atendentes que sempre trataram meus filhos com carinho e respeito.

Agradeço a toda a família que é a Escola Modelo Eunice Palma, especialmente a você, Sorinha, a Sandra Rita, a Edinéa, Mara e Mila. Vocês são 10!

O agradecimento é em meu nome, de Egídio, de meus filhos, Jorge, Eleonora e Paulo, e também pelos meus netos, Marcela, Manoela, Iaina e Iago.

Carmen Celeste Franco, 24 de abril de 2003.

E o 13 de dezembro amanheceu cinza em Periperi, incomum para os dias tão quentes e ensolarados anteriores. Mas naquele dia o céu amanhecia cinza, com pingos de chuva e uma sensação de vazio que não deixava dúvidas, era real a notícia recebida na noite anterior. Por mais que tivesse sido confirmada, havia uma esperança de acordar e ter o alívio de ter sido apenas um pesadelo.

Que tristeza, que dor inexplicável. A perda é algo que tira toda a sensatez e a lógica das coisas. Como eu, mãe, poderia ser sensata se a minha vontade era virar criança e extravasar meu sentimento além das lágrimas? Mas sou mãe e tenho que explicar o que é a morte para alguém que aos nove anos ainda não havia perdido ninguém tão especial e importante. Tenho que ser forte para consolar quando o que eu mais queria era consolo.

Começo explicando a minha decisão de colocá-lo na “Escola dos meus sonhos de menina”. Quando vim morar em Periperi, eu tinha dez anos e não tive a sorte de estudar naquela escola que parecia uma casa de contos de fadas e que eu aprendi a namorar sempre que minha mãe ia ao Supermercado Braga. Não pude estudar nela, mas prometi a mim mesma que, quando tivesse filhos, eles iriam estudar naquela escola mágica para os meus olhos. E a senhora que eu via naquela varanda, não sei por que, para mim lembrava a Dona Benta de Monteiro Lobato. Por vinte anos, alimentei esse sonho em mim. Quando o meu filho, com dois anos e meio, foi estudar na Escola Modelo Eunice Palma, eu realizava um desejo infantil.

Meu filho ouvia atento, sem tirar os olhos de mim. Pedi-lhe que me falasse se lembrava dos ensinamentos das aulas de cultura e ele me falou de diversas coisas, desde os escritores Cecília Meireles, Helen Keller, Castro Alves, até as aulas de boas maneiras realizadas através dos chás, as lições de solidariedade, e a necessidade de ser bom sempre.

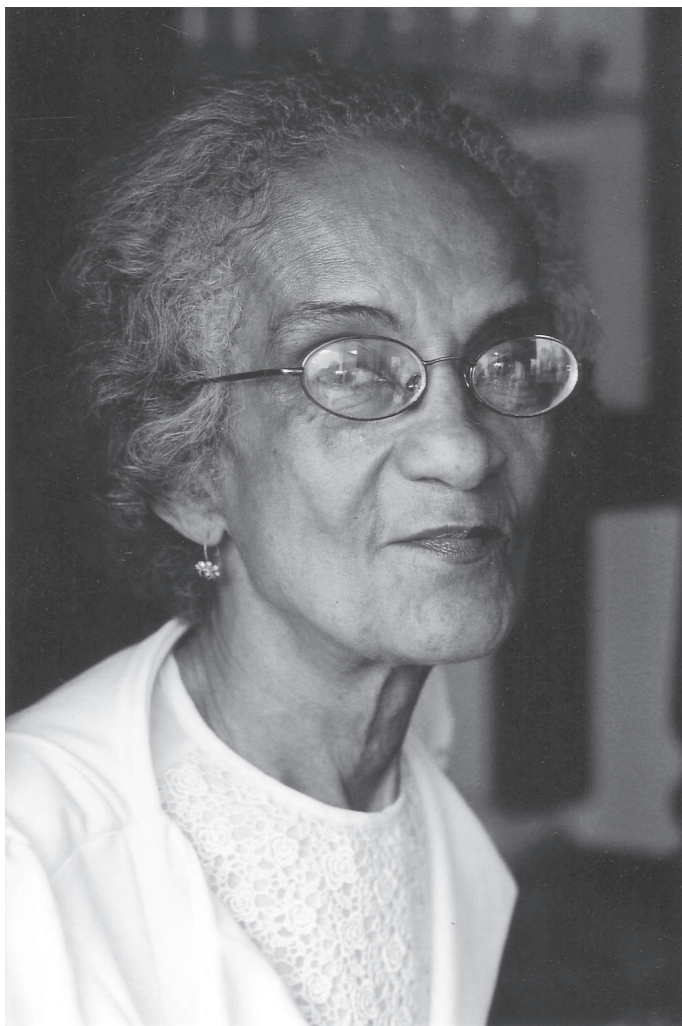
Fiquei surpresa de ele se lembrar de tantos ensinamentos. Um misto de orgulho e tristeza me inundou naquele momento. Como prosseguir naquela conversa? Disse-lhe que a partir daquele dia ele teria apenas aqueles ensinamentos para lembrar-se de Sorinha, pois no plano físico ela já não estava entre nós. Vi seus olhos marejarem. Então ele me disse que ela havia lhe ensinado que homem chorava sim. “Se não chora, não tem sentimento e é vazio, sem ter nada para oferecer a ninguém”. E eu vi que até naquela hora de dor ela estava presente e estará presente sempre nos corações das pessoas que tiveram a sorte de cruzar o seu caminho.

Fiz questão de descrever a importância dela na formação do meu filho, pois sei que tive um presente de Deus ao dispor da ajuda especial de um ser tão virtuoso, auxiliando essa mãe de primeira viagem.

Pró Sorinha, descanse em paz, pois a sua missão na Terra foi muito bem cumprida!

Márcia Severiano, mãe de João Felipe.







Agradecimentos

Meus mais sinceros agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, muito me ajudaram a escrever este livro: Risoleta Reis do Espírito Santo, Gilberto Barreto do Espírito Santo, Edna Santana, Sônia Almeida Cardoso, Niusmende Almeida Santos, Messias Valdevino Lopes, Ana dos Santos, Lizzia Pereira, Ademar Francisco de Santana, Luíza Regina Benício, Ninfa Cabral, Enice Bicalho Saúde de Araújo, Arcênia Teixeira Corrêa Fernandes, Mila Corrêa D'Oliveira, Eleonora Franco, Floricéa Perrucho, Júlia Jesus Santos, Ana Cristina Pereira, Eridan Ribeiro, Maria José Ramos, Edgard Sampaio, Thomazia Santos da Hora (in memoriam), Conceição Maria Fróes, Sônia Barros, Eunice Santos Souza, Adilton Silva, Evanice Silva, Domingos Pereira da Silva, Zorilda Castelo Branco, José Pires Castelo Branco, Lívia Castelo Branco, Gilberto dos Santos Sá, Zilda Santos Silva, Antônio Marcos, José Antônio (Foca), Maria Clara Benício, Daniel Sodré Benício, Edinéa Correia Costa, Alda Figueiredo Silva, David Amorim Santiago, Márcia Severiano, Ilze Cajado, Maria Helena Fróes, Aurelita Lemos, Avani Oliveira, Selma Oliveira, Sandra Oliveira, Luciano Salvador Bahia, Ana Lúcia dos Santos, Ilma Fontes, Sandra Rita Leal, Olga Deway, Elen Pereira, Lúcia Collazo, Cristiane Doffini, Hever Filho, Paulo Silvério, Tatiana de Jesus, Natália Santiago, Sônia Pinto, Zeel Fontes, Tânia Ferreira, Telma Miranda, Aneci Andrade, o Colégio São José, a Fundação Instituto Feminino da Bahia, meus primos Mara, Anginha, Chicão e Ieda, e minhas irmãs, Melo e Mila.

Zezo



Crédito das fotografias:

Camilo Vedami: 14

Acervo da Fundação Instituto Feminino da Bahia: 24

Vivaldo: 38, 39, 41, 42, 43, 52, 53, 62, 65-67, 79, 86-87, 94, 95, 106

Ademar Santana: 93-100, 103, 116-118, 121

José Nunes: 101, 102

Stéphane Herbert: 49, 168, 215

Álbum da família e de amigos: todas as demais fotos.



plante uma árvore

Este livro foi impresso na Cartograf